

Cadernos do
LEPAARQ

VOL. VI

Nº. 11/12

2009

ISSN 2316-8412



**Textos de
Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**

Instituto de Ciências Humanas
Universidade Federal de Pelotas

Cadernos do
Lepaarq

Textos de

Antropologia, Arqueologia e Patrimônio

Vol. VI | n°11/12 | 2009 | ISSN 2316 - 8412



SUMÁRIO

PÁGINA

EDITORIAL

Fábio Vergara Cerqueira

7

“MUITAS LÁGRIMAS CUSTARAM ESSES PÃES”: ETNIA E MEMÓRIA NA FORMAÇÃO CONTRASTIVA DAS IDENTIDADES

Dilza Pôrto Gonçalves

11

O LAZER E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NUMA COMUNIDADE RURAL DE DESCENDENTES GERMÂNICOS EM PELOTAS

Patrícia Weiduschadt

33

“A NOIVA SUBLIMADA”: ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CELIBATO FEMININO NÃO RELIGIOSO NA TERCEIRA IDADE

Sérgio Luiz Peres de Peres

55

A REVISTA ILUSTRAÇÃO PELOTENSE COMO OBJETO BIOGRÁFICO

Vivian Herzog

73

DIVERSIDADE E CONVERGÊNCIA DAS DINÂMICAS AMBIENTAIS E HUMANA NA REGIÃO DA LAGUNA DOS PATOS – PARA UM PROGRAMA DE ESTUDO PALEO-ECOLÓGICO DO BANHADO DO COLÉGIO, CAMAQUÃ - RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Luiz Carlos da Silva Junior

91

ONDE, COMO E QUANDO? CONSTRUINDO UM PADRÃO DE ASSENTAMENTO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NA REGIÃO DE CAXIAS DO SUL - RS

Rafael Corteletti

109

RELATÓRIO DE SALVAMENTO E ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO NAS OBRAS DE RESTAURO DA CASA DA BANHA

Luciana Peixoto, Fábio Vergara Cerqueira, Jorge Oliveira Viana

147

E D I T O R I A L

Em boa hora, trazemos a público o sexto volume dos *Cadernos do LEPAARQ*, reforçando o caráter multidisciplinar da política editorial de nosso laboratório. O volume compõe-se de seis artigos, os quais abrangem as três áreas de interesse primordial da publicação: dois textos trazem resultados de pesquisas arqueológicas, dois deles, de pesquisa antropológica, e, os outros dois, sobre temas distintos atinentes ao patrimônio cultural e memória social, imbricados na temática da identidade.

Entre os textos, quatro deles emanam de pesquisas realizadas no âmbito do **Curso de Especialização em Memória, Identidade e Cultura Material**, pós-graduação lato senso criada em 2003, no Instituto de Ciências Humanas da UFPel, e que evoluiu para o **Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural**, iniciado em 2007. Temporariamente desativada, em 2012 a referida especialização foi reativada, tendo em vista a sua importância em termos de preparo inicial de pesquisadores no tratamento multi- e interdisciplinar dos temas e abordagens relativos ao patrimônio cultural e suas várias faces.

Os dois textos iniciais, de Dilza Pôrto Gonçalves e de Patrícia Weiduschadt, versam sobre etnia e memória, e, em particular, a etnia germânica e sua variação pomerana, realizando seu trabalho de campo na região colonial da Serra dos Tapes, nos municípios de Pelotas e Canguçu. Gonçalves, historiadora de formação, num foco antropológico, aborda o papel de conflitos étnicos na construção contrastante das identidades. Analisa um caso muito peculiar de conflito étnico triangular, no plano representativo, entre “brasileiros” (de ascendência luso-brasileira), “alemães” e “pomeranos”. Na historiografia e antropologia dos estudos étnicos no Rio Grande do Sul, pesquisas sobre os pomeranos na Serra dos Tapes, nos municípios de Pelotas, Canguçu, Turuçu e São Lourenço, têm tido um potencial inovador, sendo uma nova fronteira neste campo de pesquisa. A publicação deste texto de Gonçalves, que

recorre à História oral e submete o material a uma pergunta antropológica, exemplifica uma renovação nesta área.

Já Weiduschadt, por sua vez, usa diretamente uma metodologia antropológica, a observação participante, para, estudando uma comunidade rural de descendentes de imigrantes germânicos na Colônia Triunfo, no limite entre Pelotas e Canguçu, adentrar, através das práticas do lazer, na construção da identidade e da memória, permeadas por tensionamentos e conflitos. Traz sua bagagem de graduação, formada em Educação Física, que lhe proporciona sensibilidade e capacitação especial para abordar o tema do lazer. Em eventos religiosos e não religiosos, realizou entrevistas com depoentes pertencentes a gerações diferentes, mais jovens e mais velhos, de modo a proporcionar uma percepção da mudança. De um lado, observou a reinvenção das tradições, e a construção, pelos descendentes de imigrantes germânicos, de sua identidade e memória; de outro, analisou o entrelaçamento entre trabalho, religião e lazer, no cotidiano da comunidade. Ao final, constata o quanto o lazer provoca sentimento de pertença, consolida redes de sociabilidade, que invadem os campos da religião, do lazer e do trabalho.

Sérgio Peres, graduado em história, traz um estudo essencialmente antropológico. Faz uma etnografia das outrora chamadas “solteironas”, buscando o sentido do celibato não religioso entre senhoras idosas de Pelotas. Procurou identificar e interpretar a maneira como este celibato se estrutura ao longo da vida, e como se dá a sua construção social.

Vivan Herzog, graduada em Artes Visuais, escolheu como corpus documental de sua pesquisa um reconhecido bem do patrimônio cultural literário e impresso de Pelotas, a *Revista Ilustração Pelotense*, publicada nas primeiras décadas do século passado. Elegeu como objeto as fotografias de mulheres, e realizou a seguinte abordagem: buscou as descendentes das mulheres retratadas e aplicou, junto a estas, a metodologia da História oral; procedeu, em sua análise, ao cotejamento entre o registro visual e o

registro oral. Neste sentido, sua metodologia de pesquisa respeitou este procedimento hoje considerado necessário aos que lidam com a memória e o patrimônio: construir análises que associem tipos diversos de registro, de testemunho.

O arqueólogo Luiz Carlos da Silva Júnior, graduado em História pela UFPel, apresenta resultados de sua pesquisa de mestrado em Arqueologia do Quaternário e Evolução Humana pela Universitat Rovira i Virgili, apresentada em Tarragona (Espanha), no âmbito de um programa europeu. Realiza uma abordagem teórica dos *mounds* (cerritos) que aparecem no sul da América do Sul, mais especificamente na região do Banhado do Colégio, em Camaquã. O autor compara a localização dos sítios na paisagem e seu ambiente natural, estabelecendo hipóteses e comparações sobre o que as distintas correntes teóricas se referem sobre sua funcionalidade, espacialidade e complexidade cultural. O estudo exemplifica a importante retomada, na arqueologia do Rio Grande do Sul, das pesquisas relativas aos cerritos, tema que nas duas últimas décadas do século passado foi objeto de pesquisas sobretudo de arqueólogos uruguaios, e que, na década passada, foi retomado, com forte contribuição de pesquisadores com formação vinculada ao LEPAARQ.

O arqueólogo Rafael Corteletti, a partir de um mapeamento de sítios arqueológicos na região de Caxias do Sul, Flores da Cunha e São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul. Após delimitada uma zona de estudos, por critérios arqueológicos e fisiográficos, passou-se à construção de um padrão de assentamento das populações de origem Jê, considerando ocorrências de vestígios das tradições Taquara, Tupiguarani e Umbu, dispersos em 48 assentamentos, que se estendem entre os séculos VI e XIV.

O volume encerra com a publicação do “Relatório de salvamento e acompanhamento arqueológico nas obras de restauro da Casa da Banha”, realizado no ano de 2007, neste bem tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (PHAE). A intervenção arqueológica, realizada sob a

responsabilidade do Instituto de Memória e Patrimônio (IMP), resultou de uma exigência do órgão estadual ao empreendedor adquirente do imóvel. O imóvel, construído na década de 1830, possui grande simbologia histórica para a cidade e para o estado do Rio Grande do Sul, associando-se a ele importantes acontecimentos da Revolução Farroupilha. A análise do subsolo revelou um substrato arqueológico já bastante perturbado, haja vista as muitas reformas e mudanças estruturais realizadas ao longo de mais de um século e meio de uso. Boa parte dos vestígios exumados repetem as evidências de cultura material do século XIX encontradas nos sítios adjacentes (Casa 8, Casa 2, Praça Cel. Pedro Osório, Largo Edmar Fetter). Contudo, vestígios de arqueologia histórica, tais como cartuchos ou fragmentos significativos de louça de cerâmica neobrasileira, podem subsidiar futuros estudos sobre a cultura material e acontecimentos do período.

Deste modo, em sua diversidade, o volume que vem a público contempla assuntos e perspectivas variadas sobre patrimônio, antropologia e arqueologia, incluindo: memórias e identidades étnicas; gênero, oralidade e fotografia; paisagem e padrões de assentamento.

Pelotas, 12 de julho de 2012.
Fábio Vergara Cerqueira

“Muitas lágrimas custaram esses pães”: etnia e memória na formação contrastiva das identidades.

Dilza Pôrto Gonçalves¹

RESUMO: Este trabalho procura demonstrar como a etnia alemã está sendo usada para marcar fronteiras, espaços e construir identidades. Observam-se situações de conflito entre “*alemães*” e “*brasileiros*”, em Canguçu, município no Sul do Brasil; os “*alemães*” reconhecem-se e são reconhecidos, alemães e seus descendentes, distintos dos pomeranos e seus descendentes. Como “*brasileiros*”, são reconhecidos os nativos ou os que chegaram primeiro ao território, que na maioria das vezes são luso-brasileiros. Canguçu foi colonizado por luso-brasileiros. Este trabalho analisa “*alemães*” numa região onde a maioria da população é luso-brasileira. Através da metodologia de História Oral e com ajuda das referências bibliográficas e perpassando os campos da História, da Sociologia e da Antropologia, far-se-á uma análise das representações desses conflitos étnicos como construtores de identidades, enfocando especialmente a dimensão da contrastividade.

PALAVRAS-CHAVE: *etnia, memória, identidade*

ABSTRACT: This work tries to demonstrate how the german ethnic is being used to settle boundaries, areas and to build identity. It can be observed conflict situations between “*germans*” and “*brazilians*”, in Canguçu, city in the south of Brazil; the “*germans*” recognize themselves and are recongnized, germans and thein descendents, different from the Pommern and their descendents. As “*Brazilians*”, are recognized the native or the ones who came first to the territory, most of the time are luso-brazilians. Canguçu was settled by luso-brazilians. This work analyses “*germans*” in one region where most people is luso-brazilians. Though oral History methodology and with the help of bibliography, crossing fields of the History, Sociology and Antropology, this work will analyse the representations of this ethnic conflict as identity maker, forusing on contrasts.

KEY-WORKS: *memory, identity and ethnic*

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Especialista em Memória, Identidade e Cultura Material pela mesma universidade. Mestre e doutoranda pela Pós-Graduação em História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGH/PUCRS), Brasil.

Em 2003 inicia-se a pesquisa sobre relações entre “alemães” e “brasileiros”, na Especialização sobre Memória, Identidade e Cultura Material, na UFPEL. Quando se procura demonstrar como o grupo reconhecido como “alemães”, usava a identidade étnica. Analisam-se situações de conflito entre “alemães” e “brasileiros”, em Canguçu, município no Sul do Brasil., em que os “alemães” reconhecem-se e são reconhecidos, alemães e seus descendentes, distintos dos pomeranos e seus descendentes. Como “brasileiros”, são reconhecidos os nativos ou os que chegaram primeiro ao território, que na maioria das vezes são luso-brasileiros. O município estudado teve sua colonização iniciada por luso-brasileiros, só depois da colonização germânica em São Lourenço do Sul que os alemães chegam a Canguçu.

Com ajuda das referências bibliográficas e perpassando os campos da História, da Sociologia e da Antropologia, far-se-á uma análise das representações desses conflitos étnicos como construtores de identidades, enfocando especialmente a dimensão da contrastividade.

A História Oral proporcionou dados dos conflitos através de depoimentos de pessoas que se reconhecem como “alemães”. Os depoentes têm idade entre 82 e 64 anos, são alemães ou descendentes, e ainda, descendentes de pomeranos; a maioria estudou até a 5ª série, mas detém um capital cultural significativo que não condiz com o nível de escolaridade, sendo que alguns falam dois ou três idiomas. As profissões da maioria dos imigrantes na Alemanha, segundo os depoentes, variavam desde fotógrafo, marceneiro, professor, engenheiro, juiz de paz, entre outros. Segundo o que relataram, não eram agricultores e só foram transformados em colonos quando chegaram ao Brasil. Percebe-se que os depoentes têm um nível socioeconômico médio, além de terem um acúmulo de capital cultural². Apesar disso, foram

² Segundo Bourdieu “a aptidão para pensar objetos quaisquer e ordinários está fortemente ligada ao capital cultural herdado ou adquirido escolarmente.” (1989:90) No caso dos entrevistados esse capital

colocados numa condição de isolamento, quando foram transformados em colonos, na zona rural de Canguçu. Esses imigrantes chegaram a Canguçu após migrações internas, pois a maioria das famílias veio de colônias de São Lourenço do Sul.

As entrevistas foram realizadas entre janeiro e março de 2004, nas casas dos depoentes juntamente com suas famílias. Também foram utilizados fotos, livros, cartas e objetos, os quais favoreceram a rememoração.

As dificuldades de aceitação, por parte dos mais idosos, de namoros e casamentos entre os “alemães” (descendentes de alemães ou de imigrantes da antiga Pomerânia) e os “brasileiros” (descendentes de luso-brasileiros) despertaram questionamentos sobre a temática.

Essa dificuldade de integração à sociedade brasileira e os conflitos entre “alemães” e “brasileiros” motivaram esse trabalho. Algumas hipóteses dessa não integração são abordadas, analisando a possível influência da memória desses conflitos na formação das etnias e o uso que os indivíduos fazem dessas categorias identitárias.

Analisando grupos étnicos distantes da pátria-mãe, e seus descendentes, vale a pena ressaltar que os “alemães”, como grupo, identificam-se e usam a memória para se reafirmarem como etnia. Segundo Hobsbawm, os indivíduos buscam reinventar em território estranho a ideia de pátria-mãe, pois o sujeito reinventa tradições e comemorações, para reafirmar as identidades. Talvez seja esse um dos motivos do grupo (alemães) não querer a mistura de “raças”, mantendo-se, dessa forma, “puros” (não deverão deixar seus descendentes se casarem com os “brasileiros”, mantendo-se como grupo identitário).

cultural parece ter sido adquirido pela herança familiar, principalmente pelos livros alemães que guardam e têm lugar de destaque em suas casas. BOURDIEU, P. Introdução a uma sociologia reflexiva. IN: O poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

“Muitas lágrimas custaram esses pães”: etnia e memória na formação contrastiva das identidades.

Ressaltamos, então, a memória coletiva, pois para Halbwachs, os âmbitos coletivos mais relevantes implicados na construção da memória são a família, a religião e a classe social. Assim os indivíduos articulam sua memória em função de seu pertencimento a uma família, a uma religião ou a classe social determinada. O sujeito presente dentro do seu espaço social recria o passado. Assim, reconstróem o passado a partir das categorias que modelam a lembrança individual. As pessoas pensam em quadros sociais, não existem fora dos papéis sociais (quando do estudo da memória para aquele determinado grupo). Ao rememorarem, evocam categorias que lhes são relevantes.

Evitando que seus descendentes casem com pessoas de outras etnias, os “alemães”, por exemplo, ao que parece, podem estar tentando recriar e rememorar suas tradições da antiga pátria, a Alemanha, que em termos de território e cultura estão bem diferentes de quando os seus familiares migraram para o Brasil, no entanto fazem questão de reafirmar tradições daquela época, muitas vezes afastadas por várias gerações.

Observando os “alemães”, atualmente em Canguçu, percebe-se a persistência de alguns conflitos quando usam termos pejorativos ou evitam casamentos com os “brasileiros”. Algumas entrevistas foram analisadas com base na ideia de contrastividade na formação das identidades, pois se constatou até aqui que alguns grupos de “alemães” parecem, aos olhos dos “brasileiros”, não integrados à sociedade brasileira.

Desde a chegada dos primeiros imigrantes até hoje, a preservação da germanidade é vista como não assimilação da cultura nacional. Num período, como o Estado Novo, em que o nacionalismo brasileiro estava em destaque, isto soava como um “perigo”. René Gertz também se refere à dificuldade de integração dos alemães e seus descendentes à sociedade brasileira:

(...) esses colonizadores se manteriam à margem da nação brasileira pela ausência de miscigenação, pela conservação da língua, dos costumes e do legado cultural em geral, do que resultaria uma verdadeira anticidade brasileira, mesmo para os descendentes que são brasileiros de fato e de direito (GERTZ, 1991).

A identidade, segundo Loiva Otero Félix, é percebida, captada e construída em permanente transformação, isto é, enquanto processo. A memória é bastante utilizada para criar ou reafirmar identidades. Ao rememorar, evocam-se categorias relevantes àquele grupo social e quando se evoca a memória, usando a História Oral, percebe-se que várias camadas de tempo se entrecruzam. Assim, verifica-se a importância do pesquisador estar atento e dominar o período histórico que está estudando. Além disso, é fundamental perceber que o sujeito, ao rememorar, está fazendo um trabalho. Vale lembrar que o sujeito é social, temporal, que está num lugar social e histórico e tem suas próprias interpretações do passado e depende do momento vivido. Quando se constrói a memória, ela é reinventada, tanto a individual, quanto a coletiva (HOBSBAWM, 1997), já que está ligada ao afetivo, ao emocional, e assim também se constroem identidades.

As dificuldades durante a viagem e a adaptação estão representadas nos ideais do pioneiro. Eles tentam rememorar uma Alemanha que mal conheceram através das lembranças e saudades dos pais. A Alemanha, mesmo distante, é o referencial para o grupo identitário, isto foi observado em alguns depoimentos, vejamos:

Então eu vou contar uma coisa, que a minha mãe até o dia da morte dela ela falava. Ela lá na Alemanha morava em apartamento, nunca

“Muitas lágrimas custaram esses pães”: etnia e memória na formação contrastiva das identidades.

viu como se fazia uma massa de pão. O padeiro trazia o pão, de manhã. Ele largava na porta, porque lá não roubavam. [risos]. Chegou aqui e ela tinha que fazer pão, pedir uma informação como? Se ela não sabia falar. Muitas lágrimas custaram esses pães. Foi uma dificuldade e tanto. Passou muito, muito trabalho, agora a gente não percebeu muito disso. A gente se criou nesse ambiente. (Elfrida Bull Lemke, 10/02/04).

Nas comunidades luteranas na zona rural do município de Canguçu, observa-se muito a memória reinventada abordada por Hobsbawm nos rituais da comunidade, como casamentos, jogos, festas (quermesses), onde, através da comemoração e da repetição, cria-se uma relação com o passado. BARTLETT (1932) descreve a memória “como um ato de construção dentro da cabeça do indivíduo social, a perspectiva contemporânea, a localiza em sendo o discurso de pessoas falando conjuntamente sobre o passado”. Recordar é uma atividade íntima marcada por um sentido do passado. A recordação social só é possível através do mundo dos objetos e artefatos, isso é em parte confirmado pelo modo que se ordena no mundo.

A violência dos luso-brasileiros contra os “alemães” pode estar associada à cobiça pelas empresas de “alemães” que estavam crescendo, devido ao comércio com a Alemanha. Segundo Fachel, muitos luso-brasileiros lucraram com isso. A violência fez que os “alemães”, que precisavam se firmar como grupo identitário, reforçassem as fronteiras entre os dois grupos, as quais, em alguns momentos, precisam ser, se não abolidas, pelo menos, atenuadas.

Como ocorre em momentos traumáticos, a violência muitas vezes é esquecida pelas pessoas envolvidas. Quando os entrevistados são interpelados sobre os casos de violência ocorridos

em Canguçu durante a Segunda Guerra Mundial, mais visíveis neste período, fazem questão de ressaltar que em suas famílias não houve perseguição. Acrescentam que eram “bem vistos”, na localidade. Geralmente, destacam o papel do pai como “homem de bem” e que tinham um bom relacionamento com os “brasileiros”. Ao mesmo tempo em que tentam negar as violências sofridas, a memória delas pode ter agido na formação das identidades. Vemos a seguir um depoimento em que essa situação aparece:

Houve perseguição, mas não muito. Alguns foram presos. Aqui na colônia levaram alguns. Meu pai não. Ele era bem visto em toda parte, onde chegava, perguntavam onde mora o tal do Henrique Theil, todo mundo sabia. Era um homem bom não maltratava ninguém porque iam prender? (Walter Theil, 07/02/04)

No caso dos alemães, percebe-se que os casos de violência podem ter interferido na formação das identidades, assim como o isolamento devido às dificuldades de comunicação. Não podemos deixar de lembrar que em algumas localidades houve uma maior integração, onde “brasileiros” e “alemães” casam-se ou participam juntos na mesma comunidade, integrando-se totalmente aos costumes da sociedade brasileira. No entanto, o objeto de estudo desse trabalho são os “alemães” que se mantiveram como grupo identitário, diferenciando-se dos “brasileiros”.

Verificam-se nessas colônias “alemãs” a mistura de tradições que não existem mais na Alemanha. Portanto, mesmo em terras distantes, os descendentes de alemães querem manter identidades passadas, que segundo Boaventura Santos são híbridas, porque já foram transformadas.

Segundo Carlos Fortuna, os filhos de imigrantes neste caso até mesmo netos e bisnetos, movem-se entre fronteiras, onde as

“portas” e as “pontes” da imigração ora abrem, ora fecham para desenrolar uma identidade que caminha entre dois pólos: o “regresso” a uma origem representada ou a “permanência” numa cultura adaptada.

Podemos, ainda, citar Mendes, quando diz que: “A identidade é socialmente distribuída, construída e reconstruída nas interações sociais” e quando cita Erving Goffman: “as identidades são múltiplas, flutuantes e situacionais” (MENDES, 2002:504-506).

Talvez os “alemães” estejam tentando manter a identidade, mesmo fora da Alemanha, destacando as diferenças entre “eles” e os “brasileiros”. Neste contexto, os conceitos de memória e identidade são fundamentais para se entender as diferenças e transformações de grupos sociais. Ao trabalhar com a memória do grupo podemos identificar representações que os identificam como grupo social. E que talvez a contrastividade identificada entre os “alemães” e os “brasileiros” possa estar relacionada à identidade do grupo, ou ainda aos casos de violência que sofreram ao longo de sua história.

Os “alemães”, ao destacarem suas diferenças dos “brasileiros”, identificam-se como grupo social, tentando manter-se “puros etnicamente”, o que sabemos ser impossível, num mundo globalizado, onde o que temos são identidades híbridas e construídas socialmente, com a ação passiva ou consciente dos atores e dos grupos sociais.

Para melhor explicar esses conflitos - agentes e formadores de identidades, temos que rever algumas categorias, citadas anteriormente, entre elas o conceito de etnia e de grupos étnicos. Cardoso Oliveira destaca:

(...) a identidade social surge como a atualização do processo de identificação e envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social. Porém, a identidade social

não se descarta da identidade pessoal, pois esta também de algum modo é reflexo daquela. (...) O conceito de identidade pessoal e social possui um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo, posto que supõe relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações. No âmbito das relações interétnicas este código a se exprimir como um sistema de oposições ou contrastes. (...) Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. (OLIVEIRA, 1975:5)

Os conflitos étnicos que se observam em Canguçu talvez pertençam a este contexto, pois os “alemães” se afirmam como grupo identitário destacando as diferenças que têm dos “brasileiros”. Constata-se, também, que havia um contato entre os grupos, mesmo que fosse de forma hierarquizada. Temos alguns exemplos desse fato identificados nas entrevistas, quando uma entrevistada diz que “em sua casa, eles têm contato com os ‘brasileiros’, porque estes trabalham como empregados de sua família”. Também diz que os “brasileiros” eram “relaxados”, porque não construíam e nem eram sócios de nenhuma igreja. Uma depoente fala dos “brasileiros” com ar de superioridade e sua voz tem tom de indignação dizendo que os “brasileiros” não constroem uma igreja, porque são “relaxados”. Com isso, ela tenta afirmar a superioridade de sua etnia, como mais “organizados”. Em outros depoimentos podemos observar esse sentimento:

“Eu sou um nato brasileiro, mas naquela época eu era considerado como alemão. Então, ali na nossa zona, tinha muita família pobre morando ali. Sempre nesses bailes havia essas briga. Então, os alemães, não podiam entrar. Tu és alemão. Nós somos alemães, nós somos um pouquinho mais, naquela época era assim. Então, sempre havia essas briga”. (Ervin Neutzling, em 22/01/2004).

Em outro depoimento a diferença fica explícita quando a entrevistada comenta que os “alemães” são mais “ordeiros”.

Nem “brasileiros” e nem “alemães” veem o outro grupo como membro da “boa sociedade”, como na abordagem de Norbert Elias. Essa afirmação pode ser averiguada através de alguns depoimentos: “os rapazes brasileiros podiam dançar com ‘aquelas alemoa’, mas as moças deles não podiam ir dançar com os alemães” (Elfrida Bull, entrevista em 10/02/2004). O que percebemos aqui é uma forte diferenciação de grupos, pois os “brasileiros” consideravam-se “superiores” aos “alemães”, mas, ao criticá-los, os “alemães” também demonstram superioridade. No depoimento, podemos ver que havia uma discriminação dos “brasileiros” em relação aos alemães, porque não deixavam suas filhas frequentarem os bailes dos alemães, numa sociedade machista, as mulheres devem ser preservadas, ou melhor dizendo, isoladas.

Ademais, é observada a criação de uma rede de fofocas para justificar o que um grupo pensa sobre o outro, assim reafirmando suas identidades. Um neto de alemães, ao falar dos brasileiros, destaca também a diferença entre eles:

“Era entre os brasileiros. O terceiro era o mais pobre, o mais vagabundo, o mais

baixinho, nem entrava, 'chuleava' na porta. O segundo já estava mais ou menos vestido, até não podia 'refugar' ele. Eles viam pelas famílias, pelos troncos. Pelo nome da família. Nessa família já houve coisa. Esse vinha ser o segundo. O de primeira não podia ter nada no passado das famílias". (entrevista com Ervino Neutzling, em 22/01/2004)

Com esse depoimento também podemos exemplificar os contatos entre os grupos, que, mesmo nos locais de lazer, a relação era hierarquizada, como citamos anteriormente.

Os grupos foram mudando de postura e atitudes no decorrer do tempo, assim como os "brasileiros" discriminaram e agrediram os "alemães", hoje muitos "alemães" discriminam e agredem os "brasileiros", o que vemos então é uma inversão nos papéis. Quem poderia ser considerado os "alemães" pela ótica dos "brasileiros"? Por essa pesquisa, podemos considerar "os alemães" aqueles que se reconhecem e que são reconhecidos como alemães, e seus descendentes, e os pomeranos e seus descendentes. Ainda entre o grupo dos "alemães" podemos incluir os pomeranos que vieram para o Brasil antes da unificação da Alemanha, mas que também sofrem discriminações dentro do grupo. Veja os exemplos nos depoimentos: "*Aqui nessa zona era nós e o seu Alberto Winke que era alemão legítimo, os outros eram "pomberanos"³. Os pomberano eram pobres [sic].*"

Outro depoimento destaca a "superioridade do alemão legítimo" e é irônico ao se referir aos pomeranos, como alemães que não sabem nada da Alemanha:

"Acontece o seguinte, é que muitas vezes não sabe, os pomeranos acham que eles é que são

³ O termo "pomberano" é utilizado pelos entrevistados para se referirem aos nascidos na Pomerânia.

“Muitas lágrimas custaram esses pães”: etnia e memória na formação contrastiva das identidades.

alemães, são a maioria, que predominam. Não é. Os pomeranos são aqui no sul. Foram os últimos que vieram da Alemanha. Vieram da Alemanha para S. Lourenço do Sul e para Pelotas. Os nossos alemães em Canguçu, aqui não houve imigração alemã, vieram de S. Lourenço pra cá. A Pomerânia era totalmente luterana. Por isso tem poucos católicos. Parece que não tem, o que que um vai fazer contra cem. Todos os católicos que tinha aqui, não são mais católicos. (...) Quando vieram para o Brasil, a metade dos alemães eram católicos e a outra metade eram evangélicos. (...) Aqui são pomeranos por isso tem mais evangélicos. Os pomeranos não falam alemão e não sabem nada, nada da Alemanha. São alemães, mas não sabem nada da Alemanha. (Walter Theil, entrevista realizada em 07/02/2004)

No início parece que os alemães foram estigmatizados, e segundo Goffman:

O indivíduo estigmatizado terá motivos especiais para sentir que as situações sociais mistas provam uma interação angustiada. [...] O indivíduo estigmatizado ou é muito agressivo ou muito tímido e que em ambos os casos, está pronto a ler significados não intencionais em nossas ações. (1988:27)

Hoje parece está ocorrendo o caminho inverso, para se afirmarem como grupo os “alemães” estigmatizam os “brasileiros”,

destacando suas falhas e defeitos. O estigmatizado sempre é o outro, como “o pomerano que é o pobre”, “o brasileiro que é o relaxado”.

Para estigmatizar o outro grupo tanto os “alemães” como os “brasileiros” usam termos pejorativos, que atinjam a imagem do outro. Sempre destacando o seu papel na sociedade como ordeiros, organizados, religiosos. Os “alemães” sempre destacam o conhecimento como um dos diferenciais em relação aos “brasileiros”, pois estes, segundo eles, “não se preocupam em dar uma escola aos filhos”, que para os “alemães” é tão importante e significativa a escola quanto a Igreja. Muitas vezes escola e igreja são construídas no mesmo local, quando a própria igreja não serve de escola, e o professor, na maioria das vezes, é o próprio pastor da comunidade. Sem dissociar aí o estudo da língua alemã, fundamental na preservação da germanidade, distintivo de grupo.

Dentro do grupo “alemães”, há duas categorias que podem ser definidas pelos entrevistados em “alemães legítimos” e os “pomeranos”, algumas vezes chamados de “pomeranos”. Quem seriam os “alemães legítimos” para o grupo dos “alemães”? Seriam aqueles oriundos da Alemanha, depois da unificação, e que sabem falar o “alemão fino” ou o “alemão alto”. Mais tarde observamos que somente falar o “alemão alto” não distinguia “alemão legítimo” de “pomeranos”, porque todos que estudaram em escolas das igrejas, organizadas nas comunidades alemãs, até o Estado Novo, aprenderam a ler e escrever em “alemão legítimo”, ou seja, em alemão culto. O que então parecia ser um diferencial deixa de ser. Como, então, diferenciar “alemães” e “pomeranos” se todos os entrevistados faziam questão de destacar a legitimidade de seu alemão? O diferencial “alemão legítimo” e “pomerano” são representações criadas pelos imigrantes para fazer a distinção de classe na nova terra. Examinando as entrevistas, pode-se perceber a diferença entre os grupos. A senhora Ilse Bláas fala da Pomerânia: *“A Pomerânia tu sabe o que é, né? É um país pequeno, perto da Alemanha, só que não tem bandeira”*. Notamos na fala da depoente

um ar de superioridade e desdém em relação sobre a Pomerânia, pois é irônica quando diz que a Pomerânia “não tem nem bandeira”, o que exemplifica a diferenciação dentro do grupo “alemães”. Os pomeranos, na Europa, eram vistos como servos dos latifundiários alemães, então, aqui ninguém quer ser reconhecido como “pomberano”, todos se julgam descendentes do “alemão legítimo”. Embora a maioria das pessoas fale o dialeto pomerano, justificam dizendo que aprenderam com as pessoas do lugar e quase nunca com a família. Quando sabem que existe um antepassado com origem pomerana, fazem questão de ressaltar a outra linhagem de família com descendência do “alemão legítimo”.

Ao caracterizarmos o grupo “alemães”, estamos levando em consideração o que Barth, descreve:

Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formavam grupos étnicos neste sentido organizacional. As características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças “objetivas”, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes. (1998:194)

Nesse caso, constatamos que os “alemães” são aquelas pessoas que se autodenominam “alemães”, que rememoram tradições e conceitos de uma Alemanha que não existe mais, mas que está presente na memória dos imigrantes e seus descendentes. O ideal do pioneiro está presente para demarcar fronteiras, principalmente porque ressalta o “alemão” como trabalhador, contrapondo-o ao “brasileiro”, que tem fama de preguiçoso e relaxado, como demonstram alguns do entrevistados. Em Bourdieu, percebemos que *“As categorias, segundo as quais um grupo se*

pensa, e segundo as quais ele representa sua própria realidade, contribuem para a realidade do próprio grupo” (1996:123). O que nos interessa, portanto, é perceber quem são as pessoas que se identificam como “alemães”, por que elas estão agindo para formarem uma identidade de um grupo. Para isso, é preciso destacar as diferenças do grupo com o qual têm mais contato, no caso, o dos “brasileiros”.

Os entrevistados mostram-nos que foram muitas vezes estigmatizados pelos “brasileiros”, principalmente por causa do sotaque. Mesmo nunca tendo morado ou ido à Alemanha, descendentes de alemães conservam o sotaque característico de quem fala alemão. Bourdieu exemplifica esse fenômeno,

Num registro mais profundo, busca de critérios “objetivos” da identidade “regional” da identidade “étnica” não deve fazer esquecer que, na prática social, tais critérios (pôr exemplo, a língua, o dialeto, o sotaque) constituem o objeto de representações mentais – vale dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que agentes investem seus interesses e pressupostos – e de representações objetivas, coisas (emblemas, bandeiras, insígnias etc.) ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendente a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores. (1996:107-108)

Segundo os entrevistados, quando eram crianças, sofriam com as provocações das crianças “brasileiras”, que os chamavam de “alemão batata”, entre outros apelidos. Quando são interpelados

sobre a questão do preconceito, os entrevistados não gostam de responder. Mas o senhor Walter Theil declara que o preconceito ocorre muito devido à religião, à língua e aos costumes diferentes e ressalta que *"depende da gente tratar os outros"*. Segundo ele, *"os alemães"* tiveram mais problemas porque tinham dificuldade de aceitar os *"brasileiros"* como diferentes, *"era um tipo racista um contra o outro"* (Walter Theil, 07/02/2004).

Ainda hoje, observamos os *"alemães"* tentando reforçar a germanidade e fortalecer o grupo, quando, por exemplo, se ouvem comentários pela cidade que *"quando alguém instala uma loja ou um supermercado na cidade tem que colocar o nome do dono na fachada, se for 'alemão', vai progredir, porque vai vender para os 'colonos'".* E quando se questionam os entrevistados sobre isso, respondem: *"Aqui em Canguçu, até o pessoal da colônia, mais ou menos, está dominando a cidade. Os principais comércios já estão com os alemães"* (Ervin Neutzling, 22/01/2004).

Até mesmo alguns partidos políticos parecem tirar proveito dessa ideia, que está bastante difundida pelo município, pois no pleito eleitoral, de 2004, procuraram candidatos *"alemães"* para comporem suas chapas. As pessoas dizem que o candidato do PT (Partido dos Trabalhadores) a prefeito da cidade (Dário Neutzling), poderia ser eleito porque é *"alemão, se não fosse alemão não teria chance alguma"*. As pessoas parecem estar demonstrando uma ideia que está sendo propagada referente à única maneira de um partido de esquerda conseguir algum êxito nas eleições municipais é ter um candidato *"alemão"*, porque historicamente somente dois partidos de direita disputam em igualdade, que são o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e o PP (Partido Progressista). Em Seyferth observamos:

Glazer e Moynihan (1975) também observam a eficácia da etnicidade no âmbito do estado de bem-estar social e em seu uso para obter

vantagens políticas e econômicas em situações de desigualdade social. Mobilização e conflitos étnicos, para estes autores, têm a ver com as diferentes posições que os grupos étnicos ocupam na sociedade moderna. Consideram que a etnicidade é o mais do que simples meio de obter vantagens, funcionando como um poderoso princípio organizador, na medida em que diferenças étnicas são mais irredutíveis. Como também observou Cohen (1974), nas situações onde a etnicidade é questão relevante, as categorizações étnicas não são conceitos neutros, mas símbolos que provocam fortes emoções. A etnicidade é eficiente como princípio organizador porque pode combinar os interesses individuais e grupais com a afetividade. (SEYFERTH, 1996:119).

Neste aspecto, observamos que a etnia está sendo usada para ocupar espaços dentro do campo político e econômico. O fortalecimento da germanidade serve para ocupar espaços que eram restritos aos luso-brasileiros. O ideal de pioneiro do trabalhador está reforçando qualidades ao ideal de trabalhador brasileiro, tão valorizado durante o Estado Novo. É interessante lembrar que, no Estado Novo reforçava-se o ideal de trabalhador, mas se condenava a germanidade. Hoje a germanidade está diretamente associada à idéia de trabalho, ordem e progresso. Em Bart:

(...) descobre-se que relações sociais estáveis, persistentes e muitas vezes de importância social vital, são mantidas através das fronteiras e são freqüentemente baseadas

precisamente nos estatutos étnicos dicotomizados (...) as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato inter-étnico e da interdependência dos grupos. (BART, 1998:188)

A germanidade está sendo usada para beneficiar o grupo, o que antes era um estigma é visto como uma qualidade. Ao mesmo tempo em que isso acontece, as pessoas mais idosas tentam evitar a mistura de “raças” proibindo os casamentos entre “alemães” e “brasileiros”, talvez como um dos últimos recursos para preservar a germanidade. Quando os entrevistados são interpelados sobre os casamentos com “brasileiros”, demoram a responder e logo tentam mudar de assunto.

Considerações finais

Quando observamos outros grupos, percebemos as diferenças que estes têm em relação a nós. Formamos identidades a partir do contraste, por exemplo, quando os “alemães” atribuem adjetivos aos “brasileiros”, tais como “relaxados”, “preguiçosos”, “sem educação”, “sem religião”, estão se vendo no espelho destacando adjetivos no próprio grupo, como “organizados”, “trabalhadores”, “ordeiros” e “religiosos”. Em Canguçu, o que constatamos nessa pesquisa foi a etnia servindo para reafirmar identidades e ocupar espaços na sociedade. Em alguns momentos, a etnia precisa ser reforçada, por exemplo, para manter a “raça pura” é necessário dificultar os casamentos inter-étnicos ou destacar os nomes “alemães” em estabelecimentos comerciais, o que pode ser uma estratégia de ascensão social. Não podemos deixar de ressaltar a existência de contatos entre os dois grupos, e é exatamente por isso que os conflitos persistem e atualizam as distinções étnicas, assim, vemos que o “isolamento” foi relativo. A

violência, que foi de certa forma, projeto do Estado Novo na campanha de nacionalização, pode ter ocorrido por cobiça, mas também por diferenças étnicas existentes desde os primórdios da imigração alemã no Rio Grande do Sul: pelo isolamento de uma população, originalmente, urbana em contexto rural.

Com as entrevistas se pode observar que embora, aparentemente vivendo numa condição de isolamento rural, mantêm-se informados sobre os acontecimentos do mundo, principalmente, no que se refere à Alemanha. Mesmo com um baixo nível de escolaridade, pois nenhum dos depoentes estudou mais de cinco anos, eles detêm um capital cultural que os capacita a escrever no jornal da Igreja, como é o caso da senhora Elfrida Lemke, ou de ler livros em alemão gótico, como o senhor Walter Theil. Os livros, principalmente alemães, têm espaço de destaque nas casas dos depoentes, alguns deles editados em meados do século XIX, mas que são mantidos como relíquias da família. Esses exemplos demonstram a preocupação dos depoentes de preservar “as coisas” da pátria-mãe, mesmo que esta não tenha sido tão “boa” com seus antepassados.

Devemos lembrar que, dentro do grupo “alemães”, existem categorias diferentes. Para quem observa de fora do grupo, “alemão” é qualquer um que tenha uma origem germânica. Inseridos no grupo, constatamos a existência do “pomberano”, ou seja, são os pomeranos e seus descendentes. Este diferencial dentro do grupo pode estar relacionado a uma diferença social existente na Alemanha, que serve também como distintivo de grupo na nova pátria, mas para isso precisamos aprofundar a pesquisa.

Percebemos também que a memória da imigração repleta de dificuldades age na formação da identidade do grupo, quando se ressalta a imagem do imigrante pioneiro que as venceu devido à luta e, principalmente, ao trabalho organizado e caprichoso, tão exaltado na fala dos depoentes. No texto literário *Moinhos de Vento*, já citado, percebe-se como este ideal do pioneiro está presente na memória das famílias, pois a autora é bisneta do

imigrante destacado na história. Vemos que a violência simbólica também interferiu na formação das identidades, mesmo quando os depoentes ficam quietos ou tentam não falar sobre as violências sofridas durante a Segunda Guerra Mundial, mas estão presentes no seu imaginário, pois muitas vezes o silêncio expressa mais sentimentos que horas de conversa.

Bibliografia

- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: ed. da UNESP, 1998.
- BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas. São Paulo: EDUSP, 1996.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir da pesquisa de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2000.
- FACHEL, José P. G. As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPEL, 2002.
- FÉLIX, Loiva Otero. História e Memória: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: EDIUPF, 1998: 35-55.
- FORTUNA, Carlos & outros. Os novos espaços públicos: identidades práticas culturais. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais- n.º 54*. Coimbra: jun. 1999, p. 137-170
- GERTZ, R. E. O perigo alemão. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1991.
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Márcia L. Nunes. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice Editora, 1990: 25-52.
- HOBSBAWM, E. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997:9-24; 175-218.

- MENDES, José M. O. O desafio das identidades. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *A globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 503-540.
- OLIVEIRA, R. C. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.
- RADLEY, A. Artefactos, memória y sentido del pasado. IN: MIDDLETON, D.; EDWARDS, D. *Memória compartilhada: la natureza social del Recuerdo y del olvido*. Buenos Aires: Piados, 1992.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e cultura de Fronteira. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais- n.º 38*. Coimbra, Dez 1993, p. 11-39.
- SEYFERTH, G. Pluralismo, Etnia e Representação Política. IN: PALMEIRA, M.; GOLDMAN, M. (org.) *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996.

Recebido em: 12/05/2009

Aprovado em: 25/09/2009

Publicado em: 03/11/2009

O lazer e a construção da identidade numa comunidade rural de descendentes germânicos em Pelotas

Patrícia Weiduschadt ¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar as manifestações de lazer numa comunidade rural de descendentes germânicos, e as implicações do lazer na construção da identidade e memória do grupo, a partir dos tensionamentos e conflitos existentes. A pesquisa foi realizada na Colônia Triunfo e contou com uma metodologia da observação participante nos eventos religiosos e não religiosos e entrevistas a depoentes jovens e da geração antiga. Num primeiro momento nos apropriamos dos conceitos de identidade e memória do imigrante no contexto histórico da imigração, como os valores e as tradições foram reinventados. Em segundo lugar percebemos as implicações entre trabalho, religião e lazer. Por fim, analisamos como o lazer provoca o sentimento de pertencimento do grupo, estabelecendo redes de sociabilidade nos campos da religião, lazer e trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: *Lazer, identidade, memória, religião, comunidade rural.*

ABSTRACT: The objective of this article is to analyze the manifestations of leisure in a rural community of German descendents, and the implications of leisure on the construction of the personality and the memory of the group, from the existing tensions and conflicts. The research was carried out at "Colônia Triunfo" and counted on a methodology of participating observation at religious and non-religious events and interviews with young and of older generation witnesses. At a first moment we appropriated for the concepts of identity and memory of the immigrant in the historical context of the immigration, the way the values and the traditions have been reinvented. Second we observed the implications between work, religion and leisure. At last, we analyzed how leisure provokes the feeling of belonging to a group, establishing nets of sociability in the fields of religion, leisure and work.

KEY-WORDS: *Leisure, Identity, Memory, Religion, Rural Community.*

¹ Especialista em Memória, Identidade e Cultura Material do Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da mesma universidade.

Introdução

O presente artigo² procura analisar as manifestações de lazer de uma comunidade rural de descendentes germânicos ligados a uma comunidade religiosa luterana³, objetivando compreender as diferentes relações e implicações de lazer na construção da identidade e memória do grupo, a partir dos tensionamentos e conflitos existentes.

A comunidade rural fica localizada na região meridional do Rio Grande do Sul, na colônia Triunfo, Costa do Arroio Grande, no interior de Pelotas. O grupo é composto, em sua maioria por descendentes de imigrantes alemães, da etnia pomerana⁴. A historiografia revela que a colônia foi fundada por João Batista Scholl em 1900 (ANJOS, 2000). Pelos registros da igreja constata-se que a comunidade religiosa foi formada em 18 de março de 1895.

Atualmente, a comunidade de Triunfo está localizada no 4º distrito de Pelotas. Esta comunidade religiosa se originou de uma organização livre independente⁵ e hoje é filiada a Igreja Evangélica Luterana do Brasil. O grupo mantém ligação com a Igreja e está

² Este artigo resultou da monografia de especialização no programa do ICH/UFPEL tendo como orientadora a professora Ms. Renata Brauner Ferreira.

³ A igreja luterana desta comunidade denominada de Igreja Evangélica Luterana do Brasil instalou-se na região sul em 1900, é oriunda dos Estados Unidos, mas formada por imigrantes alemães no início do século, chamada Sinodo de Missouri. Os Sinodos foram idealizados por organizações luteranas que são orientadas aqui no Brasil por organismos fora do país, como o Sinodo de Missouri, procedente dos Estados Unidos. Esta organização procurou orientar e apoiar as comunidades, formando pastores para atender os grupos que se encontravam no Brasil, especialmente de origem germânica. A disseminação da religião luterana foi direcionada no intuito de assegurar a educação religiosa e os cerimoniais que implicavam a religiosidade, como casamentos, batizados, funerais, etc.

⁴ Os pomeranos são descendentes de alemães e vieram de uma região da Alemanha chamada Pomerânia, mantém um dialeto próprio.

⁵ As igrejas independentes luteranas ainda estão presentes no contexto da zona rural de Pelotas. Estas comunidades eram organizadas de forma autônoma, não queriam ter vínculos com comunidades sinodais. Entretanto algumas comunidades independentes filiaram-se ao Sinodo de Missouri, a atual IELB. Sobre os sinodos e formação das igrejas independentes ver em Teichmann (1996), Gertz (1998), Dreher (1984) entre outros.

organizado em pequenas propriedades, numa economia de agricultura familiar.

Para entender as manifestações de lazer do grupo buscamos através de uma metodologia da Observação Participante, e com entrevistas semi-estruturadas para entender este processo. As observações foram feitas num trabalho de campo a partir dos eventos que o grupo participa, em uma aproximação com a perspectiva antropológica (DA MATTA, 1981). Observamos eventos religiosos, como congressos, festas da igreja, reuniões da igreja, ensaios do coral e eventos não religiosos como bailes.

Ainda as entrevistas foram realizadas a geração mais jovem, com três depoentes e a dois depoentes representando a geração idosa. Foi importante este contraponto para entender as modificações dos valores do lazer no grupo e a influência da igreja. Por isso, fez-se necessário entrevistar o pastor local.

O artigo pretende apoiar-se em três eixos: primeiro entender os conceitos de identidade e memória do imigrante no contexto histórico da imigração, como os valores e as tradições foram reinventados. Em segundo lugar perceber as implicações entre trabalho e lazer, focalizando o campo religioso⁶ como condutor das relações de trabalho e lazer na comunidade, e por fim compreender as manifestações de lazer, contrastando os gostos da geração jovem com as orientações religiosas e também com as gerações antigas, ressaltando os ritos de passagem, como do casamento e da confirmação que se relacionam com as práticas de lazer do grupo. Analisamos ainda, como o lazer provoca o sentimento de pertencimento do grupo, estabelecendo redes de sociabilidade nos campos da religião, lazer e trabalho.

⁶ O conceito de campo é definido e referendado no artigo por Bourdieu (1994), em que o autor define a formação de um campo a partir de disputas para fortalecê-lo.

Identidade e Memória na reinvenção do imigrante no Brasil

A identidade e a memória de um grupo não pode ser considerada como algo dado de forma natural e essencial, que depende somente da raça ou sendo geneticamente determinada. Mas, entendemos que a identidade e a memória do grupo são construídas num processo, implicado nas relações sociais dentro do grupo e fora dele, formando e reinventando um processo identitário e de rememoração.

Ao explicitarmos estes conceitos precisamos levar em consideração os estudos culturais, que criticam a perspectiva essencialista. Assim define Mendes:

(...) As pessoas não têm dificuldades em essencializar, e procuram, quase sempre, ancorar as suas identificações em identidades fixas, essencialistas, naturais, genéticas e históricas. [...] As identidades não são essências desencarnadas, mas teias complexas de relações materiais e desejos. A tarefa principal mais difícil para cada pessoa é integrar as suas diferentes subjectividades incorporadas (MENDES, 2002:523).

Assim como a identidade está circunscrita pela vivência social, a memória também é coletiva, no sentido que as recordações de um grupo se marcam na lembrança do indivíduo pelo outro. É necessário ter o outro para reforçar ou lembrar a recordação ou as tradições que os grupos tentam conservar. Logo:

(...) se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas a sua substância, é que

nossa memória não é uma tabula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber como num espelho turvo, alguns traços, e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado (HALBWACHS, 1990:26).

Por isso, ao analisarmos o grupo e as relações sociais com seus valores e suas manifestações, é necessário levarmos em conta que as lembranças e imagens dos sujeitos estão configuradas de uma forma que estão relacionadas com o próprio grupo social a que pertencem. A lembrança de qualquer pessoa vai estar ligada à construção histórica e à identificação com o grupo que a constituiu. As relações sociais e culturais dos grupos são marcantes na formação destas memórias coletivas. Se a memória e a identidade são um processo, também é importante perceber as formas do grupo se relacionarem e como vão formatando a idéia de comunidade.

Entretanto, as comunidades constroem um imaginário⁷ reforçado por conceitos míticos e ideológicos, ancorando estes ideais no sentido de resguardar a tradição e os valores e as manifestações, que na verdade, são constantemente reinventados. A reinvenção passa por modificações, imbricações na cultura e no modo de vida. Os imigrantes sofreram neste processo adaptações que, inevitavelmente, abalaram a tradição original.

Assim, podemos afirmar que as tradições dos imigrantes alemães procuram assentar-se no país de origem- a Alemanha- através da imaginação e rememoração dos discursos e símbolos. Os discursos reforçavam a condição de fazer parte de uma nação

⁷ O conceito de imaginário pode ser respaldado a partir de Bronslaw Baczko (1992) no texto *Imaginação Social*, em que o estudo do autor aponta a construção do imaginário da comunidade tendo como referências a representação que determinado grupo tem de sua realidade. Esta pode ser reforçada com a utilização dos símbolos e de discursos. Esta realidade, não raras vezes, é fabricada, para reforçar o imaginário do grupo.

alemã, mesmo sendo paradoxal, já que a unificação da Alemanha como nação era um fato recente na época da imigração. Podemos afirmar que os imigrantes possuíam uma identidade fortemente assentada na identidade nacional de origem. Pode ser elucidado pelo próprio contexto em que se deu a imigração (fim do século XIX, início do século XX)⁸ quando a nação germânica se unificou em ideais nacionalistas e militaristas. Neste caso é importante lembrar que a memória é lembrada nos antepassados, os imigrantes se sentiam fazendo parte da cultura alemã, e não da brasileira, manifesta na tentativa da manutenção nas tradições, mesmo que as tradições sejam uma invenção:

Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas, tais práticas, de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma comunidade em relação ao passado (...) (HOBBSAWN, 1997:9).

Esta tradição necessita de práticas repetitivas e que se configuram nas manifestações de rememoração dos seus símbolos e crenças. Como exemplo podemos considerar os principais símbolos dos descendentes germânicos a língua materna-representada pelos dialetos, a preocupação com a educação escolar e religiosa que se manifestam nas atividades de lazer. Estes

⁸ Para aprofundar as questões históricas da imigração alemã, ver em KENT (1982). Ainda ver em ELIAS (1997). É relevante destacar a questão do atraso da Alemanha na entrada no capitalismo. (...) A Alemanha foi um país onde, de acordo com o seu desenvolvimento tardio como nação- Estado, a grande riqueza dos tempos modernos se manifestou relativamente tarde." (ELIAS, 1997: 54)

símbolos e crenças são constantemente modificados e regulados por regras. A tradição é reinventada no campo do trabalho, da religião e do lazer.

Neste contexto histórico e conceitual que abordamos o trabalho. Os primeiros imigrantes alemães do sul do Estado vieram em grupos, na região de São Lourenço do Sul, em 1858, vindo do norte da Pomerânia, uma região que pertencia a Alemanha, que era eminentemente agrícola. A marca dos pomeranos estava associada a terra, eram em sua maioria colonos indo de encontro aos interesses do governo brasileiro em promover a imigração voltada para a ocupação do Estado. Eles sofreram as dificuldades estruturais e econômicas, estavam em terras estranhas, diferentes tanto no relevo, como na língua e nos costumes, ocorrendo desta forma tensionamentos e conflitos, pois a identidade se forma na diferença e pela diferença⁹, que resultaram processos identitários de rememoração e de reinvenção de tradições expressos nas manifestações do cotidiano e do lazer. Entendemos que as identidades como cada vez menos fixas e imóveis. Para tanto, precisamos compreender como os imigrantes fizeram parte deste processo e como foram sujeitos por estas mudanças. Assim reforça Hall (2000):

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas: que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; e que elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a

⁹ O conceito de identidade no artigo é respaldado numa perspectiva dos estudos culturais representados pelos principais autores: Hall (2000; 1997); Smith (1997); Woodward (2000) entre outros.

uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudanças e transformação (HALL, 2000:108).

Evidenciamos que as identidades formadas foram amalgamadas num constante processo de construção e reconstrução, embora grande parte dos descendentes germânicos acredite que suas tradições estão preservadas. Nesta perspectiva, sobre os conceitos de identidade e memória, que são construídos e fabricados, assentados em tradições, símbolos, discursos e crenças analisamos as manifestações de lazer.

Lazer, trabalho e religião - campos que se entrecruzam

Ao analisar o lazer como uma manifestação que constitui uma identidade e memória no grupo, foi preciso perceber a constituição de um campo em que a religião e o trabalho nas comunidades se interligam. Assim, aceitamos a análise de Bourdieu (1994), na definição de um campo. Para ele:

Um campo (...) se define entre outras coisas através da definição de objetos de disputas e dos interesses específicos que são irreduzíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos. [...] Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de habitus que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc. (BOURDIEU, 1994:89).

É visível que os diferentes campos do lazer, do trabalho e da religião para se constituir se deu através de disputas e conflitos. Foi preciso inculcar modos de conduta e um habitus interiorizado para que o campo religioso prevalecesse.

No contexto do cotidiano da comunidade é importante discutir a fragmentação entre trabalho e lazer das sociedades modernas, percebemos que na comunidade rural esta separação é muito tênue, talvez porque o trabalho ligado à agricultura não apareça de forma tão explícita a dicotomia entre tempo de trabalho e tempo de lazer. Não queremos negar que há uma certa hierarquização no trabalho rural, mas o trabalho agrícola apresenta mais autonomia e possibilidades de adaptação com o lazer e a religião na zona rural. Assim, o tempo de trabalho e de não trabalho parecem estar juntos, no sentido que as principais manifestações de lazer desta comunidade possam parecer estar atreladas ao trabalho. Por exemplo, nos ritos e festas religiosas, ou ainda, nas cerimônias de casamento e batizado. Estas festividades têm seu valor na perspectiva de promoverem a manutenção da força de trabalho, de reprodução familiar e na organização funcional do cotidiano.

No cotidiano do grupo analisado, entendemos que há formas de lazer ligadas ao trabalho e à religião, como podemos observar nas festividades e eventos que o grupo participa. Assim, as relações são muitas vezes perpassadas pela religião e servem como foco orientador do lazer e do trabalho.

As festas e eventos se dão principalmente em torno das denominações religiosas, tanto das consideradas pertencente a um Sínodo, ou como aquelas que são chamadas Independentes. As orientações de lazer das denominações religiosas são marcadas por conflitos e tensionamentos na orientação de formas diferentes do lazer. As comunidades ligadas ao Missouri, o grupo analisado, buscou na sua constituição uma orientação moral pietista, ou seja, a figura do pastor era o responsável pela educação de seus fiéis e condenavam as festas e bailes fora do âmbito religioso. Já as

comunidades independentes mantinham um costume contrário, fornecendo uma maior autonomia dos seus membros.

É relevante considerar estas duas instituições religiosas porque elas disputaram e disputam forças nas comunidades de imigração alemã no contexto. E nestes tensionamentos e conflitos podemos visualizar a formação identitária do grupo.

Manifestações de Lazer no Cotidiano

As manifestações de lazer podem ser entendidas a partir das práticas realizadas pelo grupo, ligadas a religião e ao trabalho agrícola que a comunidade realiza. Estas manifestações foram se modificando e se adaptando na construção do cotidiano do grupo. Então observamos que a identidade e a memória deste grupo são perpassados pelas manifestações de lazer.

Neste sentido nos apropriamos do conceito de campo e habitus de Bourdieu, para entender a demarcação de um campo religioso influenciando o lazer e o trabalho. O habitus pode ser entendido como uma disposição relativamente ajustada a uma posição, inculcando condutas e modos de agir no grupo. Bourdieu, (1996) analisa o conceito de habitus ao revelar que:

A estratégia universalmente adotada para eximir-se duradouramente da tentação de sair da linha consiste em naturalizar a diferença e transformá-la numa segunda natureza através da inculcação e da incorporação sob a forma de habitus. (...) O trabalho de inculcação através do que se realiza a imposição duradoura do limite arbitrário visa naturalizar as rupturas decisórias constitutivas de um arbitrário cultural (...) sob a forma dos sentidos dos limites, fazendo com

que alguns mantenham a sua posição ou se conservem a distância enquanto outros se mantêm em seu lugar e se contentam com o que são, a ser o que têm de ser, privando-os assim da própria privação (BOURDIEU, 1996:102-103).

Quando o autor se refere a “sair da linha”, ele quer reforçar que os indivíduos não possuem tanta autonomia de escolha como parece. Na maioria das vezes, a incorporação do habitus se dá a partir de disposições que acabam se naturalizando e se legitimando para se adaptar às condições impostas.

Mesmo com a legitimidade e a naturalização das práticas, ao comparar as manifestações da geração jovem e antiga vemos que os conflitos e as diferenças de gerações que possam haver, nas disposições para as práticas de lazer, por exemplo, acontecem muitas vezes com modos de engendramento, que não podem ser explicados a partir de uma questão de natureza de diferença etária.

Compreendemos, na mesma lógica, que os conflitos de geração opõem não classes de idades separadas por propriedades de natureza, mas habitus que são produtos de modos de engendramento, isto é, de condições de existência que, impondo definições diferentes do impossível, do possível, do provável ou do certo, fazem alguns sentirem como naturais ou razoáveis práticas ou aspirações que outros sentem como impensáveis ou escandalosas e inversamente (BOURDIEU, 1994:64).

Ao que tudo indica as diferentes manifestações e práticas que cada geração possui e as preferências, dos gostos e estilos que

mantém, independentemente da faixa etária como um processo biológico. No trabalho abordamos os modos de engendramento de diferentes gerações, que possuem um contexto histórico diferente nas suas trajetórias de vida. E os fatores que influenciaram estas mudanças estão muitas vezes relacionados com as mudanças econômicas e sociais.

As gerações anteriores estavam organizadas de modo que as disposições na estrutura social do grupo eram bem menos autônomas, porque eles não possuíam um poder de consumo acentuado como na época atual. Observamos que suas práticas tinham especial relevância em práticas ligadas à religião.

Como menciona a depoente da geração antiga, relatando que a diversão deles era relacionada com a igreja. Brincavam de roda (rodas folclóricas) na juventude, cantavam em corais¹⁰. Não se recomendava dançar em bailes públicos, apenas em festas e casamentos, e ainda raras vezes. Em contrapartida, os jovens possuem outras formas de organização, ou seja, outra posição no habitus, as tomadas de posição são mais autônomas e flexíveis nas escolhas, pelo menos aparentemente.

Entretanto, atualmente, o grupo parece estar consolidado nestas manifestações, aparecendo a necessidade da participação da comunidade em atividades similares, ou seja, é raro alguém do grupo participar de uma manifestação de lazer, que não esteja ligada à esfera religiosa e ainda fora da zona rural, como menciona uma depoente da geração jovem sobre esta questão:

“Só saímos para o interior mesmo, tem alguns lugares que são muito conservadores, como essa zona aqui, mas a maioria dos lugares, os ritmos, os rock, os pop rock, essas coisas, a discoteca tomaram quase conta, quem gosta

¹⁰ Depoimento da depoente da geração antiga Herdwig Mueller

de... ah se tem um baile de bandinha, vamos lá, não tem mais este troço, é discoteca, este ritmo, as pessoas preferem discoteca”¹¹

Podemos observar as práticas de lazer dos jovens direcionados pelos meios de comunicação de massa, com outros ritmos. Entretanto, eles são utilizados no mesmo espaço e mantém certa rigidez e participação nestes eventos. Nos locais que os jovens participam eles convivem com grupos parecidos, observando a mesma etnia e grupo social. Há nestes lugares outros grupo de etnias diferentes, entretanto, não há convívio sistemático, até mesmo entre os grupos provenientes da zona urbana. Os espaços de passeio se limitam, quase sempre, na zona rural.

Os jovens relataram que a carga de trabalho é grande, mas, eles participam ativamente das atividades da igreja, bem como de bailes, festas, campeonatos de esportes. Organizam eventos esportivos fora do âmbito religioso para integrarem-se com outros jovens da zona rural e, normalmente entre jovens de comunidades religiosas vizinhas. Podemos invocar MAGNANI (1998) ao analisar o espaço habitado pelo grupo, este não só geográfico, mas o pedaço social manifestado nas relações que o lazer proporciona. Este conceito significa que o pedaço para as gerações jovens parece ser mais mobilizador porque quando os membros jovens participam de festas e campeonatos em outros lugares. Esperam visitas de grupos que possuem um mesmo sistema de preferências. Na verdade, os membros da geração antiga já tinham esta locomoção, ao participar de atividades que eram manifestações que visavam quase sempre o meio familiar, como participação em casamentos, visitas a casas de vizinhos e parentes, batizados, etc.

A modernização do ambiente doméstico é significativa. A maioria das famílias da comunidade possui acesso aos meios de comunicação. Ainda comentaram possuir transporte próprio, como

¹¹ Depoimento do jovem Emerson Janke

motos ou automóveis, para locomoverem-se nas práticas de lazer. Esta mobilidade e flexibilidade maior na geração jovem permite novas formas e arranjos para que lhes possibilitem outras práticas que fogem as orientações religiosas. Ainda, os jovens depois do casamento procuram adaptar as formas de vida e as disposições com a tradição dos mais velhos em função do trabalho. Exigem-lhes mais responsabilidades e modos de engendramento necessários a uma nova posição na estrutura que é vivida com o rito institucional do casamento.

A comunidade está assentada numa tradição em que o casamento é de extrema importância, a fim de que este rito auxilie nas relações de trabalho para garantir a mão-de-obra na agricultura e colaborar no sentido moral e religioso da constituição do grupo numa estrutura familiar e nuclear.

O rito do casamento é importante ser analisado, porque a partir da passagem desta posição de solteiro e jovem a uma posição de casado e mais velho na escala do grupo, modificam-se os comportamentos e as práticas de lazer.

A noção de solteiro ou casado, jovem ou velho, foi colocado na pesquisa como um sentido de representação para a comunidade. Ao usarmos conceitos da antropologia, estamos analisando estas perspectivas numa visão de representação do real pelo grupo. Então, estas manifestações e ritos:

(...) torna-se visível, manifesto, tanto para os outros grupos como para si mesmo, atestando a sua existência, enquanto grupo conhecido e reconhecido, e afirmando a sua pretensão à institucionalização. O mundo social é também representação e vontade; existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto (BOURDIEU, 1989:112).

O grupo precisa ser aceito na institucionalização dos ritos, não se pode perder a unidade da constituição dos membros da comunidade. Daí a necessidade de se estabelecer o rito do casamento e de seguirem padrões adaptáveis com os estilos e modos de vida das gerações anteriores. É curioso perceber que, ao mesmo tempo, em que há oposições, há também aceitação e preservação de certos padrões, talvez, porque a necessidade de representação do grupo seja grande e necessária.

Para tanto, precisamos entender o conceito de rito de passagem ou de rito de instituição a partir de Bourdieu ao definir o que é um rito:

Falar em rito de instituição é indicar que qualquer rito tende a consagrar ou a legitimar, isto é, a fazer desconhecer como arbitrário e reconhecer como legítimo a natural um limite arbitrário, ou melhor, a operar solenemente, de maneira lícita e extraordinária, uma transgressão dos limites constitutivos da ordem social e da ordem mental a serem salvaguardados a qualquer preço, como no caso da divisão entre os sexos por ocasião dos rituais do casamento [...] (BOURDIEU, 1989:98).

Na exemplificação do autor citado, é colocado como possibilidade a consagração e a legitimação do rito numa posição na estrutura, produzindo no habitus dos sujeitos comportamentos e adaptações para a adequação das práticas orientadas pelo rito. O rito consagra ao esperar determinados comportamentos destes solteiros ou casados. A primeira coisa que se forja neste contexto é considerar este rito como natural, e instituir e moldar uma identidade que precisa ser perpetuada. Os ritos surgem para

legitimar a identidade e a construção coletiva da estrutura que o grupo possui. As responsabilidades depois do casamento, especialmente no trabalho, modulam as formas de lazer, instituindo uma nova forma de comportamento.

Percebemos a partir das observações e das entrevistas estas questões, como se fossem naturais e pré-determinadas. A participação dos jovens na igreja, no departamento juvenil se dá antes do casamento. Após o casamento eles ocuparão outras responsabilidades no espaço religioso.

Depois de casado eles saem menos, aí sempre tem mais responsabilidade, como para mim agora melhorou, depois que meu irmão casou, parece que eu posso sair mais, porque eles estão sempre em casa, pra mim é bom, né, senão de noite eu tinha que ficar em casa, tratar os animais, agora eles estão em casa e eles assumem mais estas responsabilidades. Quando se é solteiro é melhor de sair, depois de casado, parece que sempre muda, aí sempre tem coisas pra fazer em casa, tratar os animais, não é como se é jovem.¹²

Ao assumirem este papel, após o rito de casamento, os modos e as práticas cotidianas vão se modificando e cedendo lugar para outras formas de comportamentos.

Outro rito de passagem significativo orientado pela igreja, além do rito de casamento, é o rito de confirmação. É quando a criança deixa da infância para a vida jovem. Depois de alguns anos que a criança estuda a bíblia e o catecismo, ela tem o direito de

¹² Depoimento da jovem Mariza Buchweitz

participar da comunhão e acima de tudo, tem a permissão gradativa de participar em festas e bailes, pois, pode ser considerada jovem.

Estes jovens também poderão participar dos eventos religiosos próprios para eles, como os congressos¹³. Este evento mantém atividades religiosas com palestras e formação espiritual com jogos, teatro e convivência. Mas, alguns tensionamentos e conflitos acontecem, devido a falta de controle em que os jovens participem efetivamente da parte espiritual e não queiram estar apenas envolvido com os jogos e as diversões. Na observação de um destes eventos observei um mecanismo de controle que os jovens só poderiam participar dos jogos no domingo, se eles tivessem inscritos no sábado e tivessem assistido a palestra religiosa. Estas observações remetem de forma mais clara aos conflitos existentes entre a orientação da igreja e ao escape dela.

Entretanto, a necessidade de pertencimento de um grupo parece ser evidente, pois, os indivíduos mesmo estando e confronto com a ordem estabelecida, procuram estar com o grupo.

É possível notarmos que há necessidade de ser compartilhado o tempo de lazer desta comunidade, no sentido da ligação que ocorre entre os seus membros como redes. As redes de socialização aparecem dando sentido e pertencimento de grupo. As atividades em relação ao trabalho, lazer e na própria religião, tratando-se de separar em campos de forma conceitual, estão interligados e interrelacionados, permeando a construção da identidade do grupo.

É interessante notarmos as redes formadas na comunidade para as práticas de lazer que acabam sendo inseridas na cultura. Como estas práticas modulam e performam o comportamento. Como as situações de vida podem ser sentidas no espaço e são definidas dentro da posição da estrutura. O grupo procura participar

¹³ Nas comunidades da IELB, há congressos anuais entre comunidades próximas. Este evento tem a duração de dois dias (sábado e domingo). Cada ano o congresso é realizado em uma determinada comunidade. Neste ano o congresso foi realizado na Colônia Triunfo.

dentro do seu espaço em que são reconhecidos e tem sentido de pertencimento:

“As festividades das igrejas aqui da volta é bem bom, tudo gente que se conhece, tudo gente conhecida. Nos bailes grandes já tem gente da cidade, falam diferente, tem costumes diferentes.”¹⁴

“A gente que está junto assim é quase sempre o mesmo, sempre a mesma turma”¹⁵

Percebemos que as atividades acontecem no espaço que o grupo se sente fazendo parte de sua comunidade. Na maioria das vezes, com grupos similares a eles, que se encontram em regiões da zona rural e com costumes e práticas parecidas. Apesar de haver intercâmbio, podemos dizer que as relações podem se dar entre jovens de comunidades diferentes, mas com costumes que sejam partilhados e aceitos pelo grupo.

O que dá sustentação às redes sociais é a língua falada no grupo. Na comunidade estudada os jovens preservam o dialeto pomerano, e nas manifestações de lazer se utilizam da linguagem pomerana para se comunicarem. A necessidade de se estabelecer vínculos é importante para o grupo, é percebida a interação na comunidade por partilhar não só mesmo o espaço físico, mas também de participar das manifestações culturais, que aparecem tantas vezes no lazer.

A rede é construída e formada pelo grupo sob os mesmos interesses e objetivos. Por exemplo, a comunidade possui aspirações similares no trabalho e satisfação nas práticas de lazer.

¹⁴ Depoimento da jovem Mariza Buchweitz

¹⁵ Depoimento da jovem Cristiane Bergmann

Conseguem enxergar e acreditar numa certa unidade, estabelecendo alguns códigos comuns, a língua utilizada e a participação dos mesmos espaços e eventos. Entretanto, não podemos deixar de mencionar que também acontecem conflitos e tensionamentos neste lugar de sociabilidade. O grupo nas práticas de lazer busca coletivamente espaços de sociabilidade que se manifestam nos eventos e festas. Mas precisam estar de acordo com as expectativas consolidadas do grupo. Daí a necessidade de procurar estabelecer relações com grupos semelhantes para assim melhor se identificar. Além disso, esta solidariedade que procuram consolidar é marcada por um ideal de representação muito forte ligado a cultura e etnia que pertencem.

Considerações Finais

As relações de lazer são permeadas por um processo de identidade e memória produzindo formas e modos de sociabilidade entre o grupo. Assim, observamos que o contexto histórico da Alemanha na época da imigração ajuda a entender os processos de fabricação de identidade e como ela foi construída e reinventada. Por outro lado, os imigrantes preferiram acreditar que as tradições trazidas pelo país de origem dependiam da etnia e da raça que estão ligados.

Percebemos que o imigrante para se adaptar a um novo lugar foi preciso fazer concessões e construções que possibilitassem uma melhor adaptação. Eles tiveram que se adaptar a maneira organizacional do trabalho às condições climáticas e a cultura do país que chegaram. Por isso, suas relações na esfera do trabalho foram modificados e sendo influenciadas pelas esferas da religião e do lazer.

Especificamente em relação às manifestações de lazer visualizamos que devido à particularidade da colonização germânica pomerânia da Colônia Triunfo e praticamente na região sul do Estado do Rio Grande do Sul de colonização alemã, o lazer está

fortemente ligado à religião, diferente de outras regiões do Estado, que as vias de lazer se dão através das sociedades recreativas de lazer.

A esfera do lazer constrói e formata identidades e memórias destas comunidades nas suas diferentes manifestações. Nestas manifestações acontecem tensionamentos e conflitos, em especial, quando o lazer foge da esfera religiosa. Vemos os tensionamentos mais claramente nas gerações mais jovens em determinada época do sujeito. Consideramos que a esfera religiosa perde espaço para outras manifestações de lazer num período da vida dos jovens, ou seja, aqueles “confirmados”, que começam a sair e ter uma certa autonomia em relação as escolhas de lazer. Não consideramos esta autonomia como liberdade total de escolha, já que o grupo não sai totalmente da orientação religiosa. Há um período vivido pelos jovens chamado de “período consentido” pelo restante da comunidade, em que todos sabem que vai ser temporário, será apenas uma fase, em que os jovens irão se afastar da orientação religiosa, mas poderão retornar com o rito do casamento.

O grupo de jovens não consegue afastar-se plenamente da comunidade, por estarem vinculados às relações de lazer, representados pelo espaço da igreja. Muitos não vão as reuniões de jovens ou não vão aos cultos, mas acabam participando de outros eventos que se dão no espaço da igreja, como os campeonatos, jogos, ou se reúnem para irem a um baile próximo.

Daí a importância deste grupo fazer parte da comunidade, ter este sentido de pertencimento e sociabilidade. Por isso, que provavelmente, não ocorreu um distanciamento completo dos valores do grupo. Existe também a concessão para diferentes atividades por um período. A comunidade entende que todos precisam se sentir parte do grupo, não podem sair dele, pois a identidade construída por todos é reforçada nas relações de sociabilidade e na necessidade de pertencer a ele. A memória e a identidade são reinventados e perpassadas pelas manifestações de

lazer, através dos discursos, símbolos e crenças. Estes símbolos e crenças procuram dar sentido de pertencimento, gerando um espaço de construção e transformação permanente.

Bibliografia

- ANJOS, Marcos Hallal dos. Estrangeiros e modernização: a cidade e Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas. UFPEL, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. A Economia das trocas lingüísticas: o que falar e o que dizer. São Paulo. USP, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. IN: ORTIZ, Renato (org). *Pierre Bourdieu*. São Paulo. Ática, 1994. (Col. Grandes Cientistas), p. 46-81
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Lisboa. Difel, Bertrand Brasil, 1989.
- BRONISLAW, Baczko. Imaginação Social. Enciclopédia Einaudi, *Anthropos*, vol 5, 1982.
- DREHER, Martin Norberto. Igreja e Germanidade: Estudo Crítico da História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Porto Alegre. EST, 1984.
- ELIAS, Norbert. Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1997.
- GERTZ, R. E. O perigo alemão. Porto Alegre. Ed. da Universidade UFRGS, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo. Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? IN: SILVA, Tomás T. da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.
- HALL, Stuart. Identidades Culturais na pós-modernidade. Rio de Janeiro. DP & A, 1997.
- HOBSBAWN, Eric. A Invenção das Tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

- KENT, George O Bismark e seu tempo. Brasília. Universidade de Brasília, 1982.
- MAGNANI, José Guilherme cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. 2º ed. São Paulo, UNSEP, Hucitec, 1998.
- MATTA, Roberto da. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Petrópolis, Vozes, 1981.
- MENDES, José M. O desafio das identidades. IN: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 503-540.
- SMITH, Anthony D. A identidade nacional. Lisboa: Gradiva, 1997. *Cap. 1: Identidades nacionais e outras*, p 13-33.
- TEICHMANN, Eliseu. Imigração e Igreja: As comunidade- Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul. São Leopoldo, Instituto Ecumênico de Pós Graduação, Tese de Mestrado, 1996.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz T. (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000. p. 103- 133.

Recebido em: 19/05/2009

Aprovado em: 22/09/2009

Publicado em: 03/11/2009

“A noiva sublimada”: estudo etnográfico sobre a construção do celibato feminino não religioso na terceira idade

Sérgio Luiz Peres de Peres¹

RESUMO: Este artigo² originou-se da pesquisa feita em um grupo de mulheres idosas e solteiras, na cidade de Pelotas, RS. Essa pesquisa procurou identificar e interpretar a maneira como se estrutura, ao longo da vida e como construção social, a condição do celibato não religioso entre mulheres na Terceira Idade.

PALAVRAS-CHAVE: *Etnografia, celibato, mulher, velhice.*

ABSTRACT: Le article est originaire d'une enquête faite dans un group de femmes âgées à Pelotas, RS. On a cherché d'identifier et interpréter la façon comme si structure, au long de la vie et comme construction sociale, la condition du célibat féminin non religieux à la vieillesse.

KEY-WORDS: *Ethnografie, célibat, feminine, vieilles.*

Introdução

No Brasil encontra-se uma grande produção bibliográfica sobre a velhice. Há um grande número de trabalhos sobre o celibato feminino, sobre a condição feminina do não-casamento entre religiosas. Há, entretanto, poucos trabalhos sobre o celibato feminino não religioso na velhice, ou pelo menos não estão facilmente detectáveis. O conceito de Terceira Idade aqui utilizado é aquele em cujo sentido está a intenção de amenizar os efeitos negativos do processo de envelhecimento, sendo a própria velhice uma categoria de difícil definição, principalmente porque não é um acontecimento homogêneo nem mesmo em um único indivíduo,

¹ Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas – ICH/UFPeI, Brasil.

² Neste artigo apresento uma síntese de minha monografia de especialização em Memória, Identidade e Cultura Material – ICH/UFPeI, sob o mesmo título, orientada pela Prof^a Dr^a Maria Leticia Mazzucchi Ferreira.

como explica MOTTA (1998:28): “Há sempre partes, órgãos ou funções do corpo que se mantém muito mais jovens, conservados, sadios.” É provável que isso explique o fato de que ao se trabalhar com a velhice, seja recorrente a ideia de que o velho não se sente velho, que a idade cronológica não diz tudo. Segundo Motta (1994), no Brasil os estudos sobre velhice tornaram-se indispensáveis, e, sobretudo os que tratam da mulher na velhice, dado que o número de mulheres na Terceira Idade tem superado o de homens, constituindo pelo menos sessenta por cento do grupo de idosos no país.

Do resultado da pesquisa desenvolvida com um grupo de mulheres solteiras e na Terceira Idade, alguns dados são apresentados neste texto. Num primeiro momento define-se quem é a solteira na velhice, apresentam-se as narrativas femininas e analisa-se a ascendência paterna como elemento articulador da memória e seus desdobramentos sobre a condição de solteira; num segundo momento, procura-se demonstrar a contínua construção de identidades, de papéis e lugares sociais, e as justificativas para o celibato, a partir da ideia do casamento como construção social, no conceito de Bourdieu. As narrativas dessas mulheres aparecem no texto como veículos da memória, essa reconstituição do passado que, modulada pelos sentimentos e emoções e pela condição do sujeito no presente, revela estratégias de afirmação e continuidade, num tempo de descontinuidades e rupturas.

A tia nossa de cada dia: as solteiras de perto

As seguintes características definem o que é a solteira na Terceira Idade, para efeitos dessa pesquisa e análise: é a mulher que está acima dos sessenta anos, que nunca casou, que não teve filhos e que nunca viveu maritalmente com um homem (FONSECA, 1985). Quando o trabalho de campo foi iniciado pensou-se que se confirmariam ideias já pertencentes ao censo comum, como a da

renúncia ao casamento em favor da família, ou da opção por uma carreira em detrimento deste. O que ocorreu, no entanto, foi que se verificou que não há um padrão de recorrência dos motivos que levaram à renúncia ao casamento (oficial ou não). Há, entretanto, um determinado comportamento, esse sim recorrente, que se estabelece entre o grupo familiar e essas mulheres. Nessa relação se percebe, por exemplo, o papel que cumprem de cuidar dos pais quando estes atingem a velhice, em detrimento de suas vidas pessoais. A rede de informantes começou a se formar a partir de nossas famílias, sendo que posteriormente recebemos a colaboração de alguns colegas de trabalho que se dispuseram a nos apresentar suas parentes solteiras (madrinhas e ou irmãs mais velhas). O grupo final é composto por sete mulheres com idade média de setenta e cinco anos. Três delas têm origem na zona rural e quatro, na zona urbana, sendo que houve ao longo de suas vidas momentos em que transitaram entre esses dois pontos. São empregadas domésticas, costureiras e funcionárias públicas que, já aposentadas, se ocupam em atividades de caráter religioso, benemérito e, obviamente, ainda estão disponíveis para suas famílias. O universo pesquisado é o ambiente doméstico, lugar que privilegia a observação a partir do cotidiano dessas mulheres, de suas ações e gestos mais simples, sendo também um importante lugar de memória. Ancorada no método antropológico de distanciamento, observação e registro, a pesquisa buscou responder questões relativas à identidade social dessas mulheres lançando mão de suas histórias de vida, objetivando assim colher suas impressões a respeito do mundo, delas mesmas, e da condição de solteiras, que não estão dadas.

Lidas enquanto texto ficcional, as narrativas biográficas falam por si mesmas, são histórias que se contam. Aliás, é interessante observar que enquanto narradoras de suas trajetórias de vida, as solteiras são personagens de si mesmas, assim como são de sua autoria todas as demais personagens presentes nessas livres adaptações do passado, entendido esse exercício como próprio de

nossa humanidade socialmente construída. Essas narrativas passam a compor então não um mero conjunto de depoimentos a ser literalmente entendido, mas um processo fragmentado de construção de múltiplas identidades, suas e do outro, e de uma tentativa de organização da vida e de domínio do tempo. Autora-narradora-personagem, o trinômio algumas vezes presente na literatura de ficção, está inserido nos depoimentos que colhemos. Enquanto rememoram, enquanto buscam recompor o passado, as informantes o fazem como autoras de uma história a ser lida, onde, no exato instante em que o processo evocativo é acionado, unificam-se os três sujeitos referidos. Por isso são personagens de si mesmas, porque falam de suas vidas com a autoridade de autor, do narrador:

“(...) assim, o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito àquela autoridade que mesmo um pobre diabo possui ao morrer, para os vivos ao seu redor. Na narrativa está essa autoridade” (BENJAMIN, 1985:207-8).

Capazes de falarem de si sem aparentar constrangimento, as solteiras descrevem detalhes de episódios de várias idades da vida: *“A Lúcia, que era uma mulher muito inteligente, de ar aristocrático, me cuidou desde que eu era bem pequena, e quando ela foi lá para casa me deu um gatinho recém-nascido, o Marelo, que ficou comigo até eu completar dezesseis anos.”* (D. Clarice, 78 anos, escritora aposentada) ou mesmo de cenas que fazem alusão aos pendoros, às qualidades da futura mulher que, em menina, pretende ser escritora: *“em determinada noite, tendo faltado luz, sob a luz de uma vela, olhava para uma lata de querosene Jacaré, encarnada... eu comecei a ler sozinha, juntando as letras.”* (D. Clarice). Descrições alongadas, caminhos e atalhos nos quais só elas

têm como se situarem: as condições climáticas de um dia de festa: *"O dia do casamento da minha irmã amanheceu iluminado. Acordei bem cedo e fui colher alface"* (D. Sarah, 78 anos, empregada doméstica); o constrangimento diante de um professor: *"A gente ia para o colégio no lombo do cavalo, tudo muito longe, e eu tinha vergonha do professor, ele só ensinava os meninos, a gente que era guria ele não dava bola."* (D. Laura, 82 anos, empregada doméstica). E uma narrativa elaborada a partir de uma atividade religiosa: *"Evangelização é a minha vida, é o meu matrimônio. Eu casei com esse trabalho... assim como os católicos têm as freiras eu, mal comparando, sou uma freira do espiritismo, dentro do campo da evangelização."* (D. Ângela, 70 anos, assistente social). Outra narrativa do eu é de D. Greta (80 anos, funcionária pública), e se inscreve no conjunto das narrativas glamourizadas. Essa trajetória de vida se apresenta marcada pela valorização daquilo que demarca a identidade social do sujeito, nesse caso a carreira artística e as opções ou sublimações feitas em seu nome. Como se observa, a carreira aparece como substituta do casamento, no sentido em que exige dedicação em níveis de exclusividade, devolvendo reconhecimento, um elemento de distinção: *"Eu quis outra coisa... não era isso (casar) que eu queria, fazer o quê? A carreira artística me absorveu totalmente, eu me dedicava de corpo e alma, estudava como uma doida."* Outra informante, D. Cristina (70 anos, funcionária pública), é órfã de pai e mãe desde a juventude, e lembra dos pais em meio a um choro contido que atravessou boa parte da entrevista. Conta que quando já era professora da rede estadual de ensino, fora convidada a trabalhar como assessora de um importante político que voltava ao Brasil após o exílio e que fora, na juventude, amigo de seu pai. Em sua sala de estar estão expostas fotografias em que ela aparece entre personalidades de projeção nacional, como empresários, artistas e políticos, o que marca um espaço de sociabilidade e constrói uma identidade que, apesar de outras, recebe um tratamento especial: *"Essa sou eu, com minha amiga Maria Tereza, viúva do presidente João Goulart, na*

fazenda dela, no Maranhão.” A narrativa de D. Cristina assinala o lugar social e um importante papel para a informante.

Como guardiãs da memória da família, onde estão inseridas as suas memórias pessoais, as “filhas velhas” trabalham sob o leme da memória, elas retêm a face do tempo medido e do inexato, suas recordações rompem com a cronologicidade dos eventos, é um tempo subjetivo. Ir e vir, evocar ora a infância, ora a velhice, retroceder, estacionar, e retomar o curso da narrativa cujo fluxo não cessa. Uma vez maduras, acumulando uma série de experiências, tendo suportado e vivido outras épocas, as solteiras estão investidas do trabalho da memória; suas narrativas por vezes cheias de mágoa, nostalgia e ressentimento, são reflexos desse tempo vivido noutro espaço, em cenários que já não podem ser vislumbrados senão através da rememoração. A dramaticidade com a qual algumas informantes relatam suas lembranças pode ser observada, por exemplo, na fala de D. Laura, onde a figura do pai é carregada de autoritarismo, causadora de sofrimento:

“Eu ouvi o papai dizer para o meu noivo que o casamento não poderia sair de jeito nenhum, eu estava na cozinha e ouvi tudo. Papai disse: tu vais lá e acaba com tudo... e eu ouvindo tudo... mamãe não dizia nada, puxava para o papai. Vendi os aprontes, vendi. Para que eu ia querer um enxoval bonito, para as traças comerem?”

No relato de D. Sarah, novamente a figura paterna estrutura a memória e também aparece ligada à características despóticas: *“Meu pai era rígido, não afrouxava com ninguém. Tive vários pretendentes, mas meu pai nunca aceitou quem me agradava, cada um tinha um problema”*, aqui, fala a moça de sentimento amoroso interceptada pela filha fiel, hoje ressentida. D. Alice deixou o

interior para acompanhar os irmãos, todos mais jovens, que continuariam os estudos na cidade, ficando responsável por eles até que os pais pudessem se mudar também. A figura do “irmão mais velho” pontua a história familiar e, na fala de D. Alice, toma o lugar da figura paterna no que tange a causa do celibato: “ (...) e *todo mundo sempre diz que o J.C, meu irmão mais velho, não deixou que eu casasse.*” Não por acaso o “irmão mais velho” surge como uma extensão da autoridade paterna, pois cabe ao irmão de D. Alice, embora mais novo que ela, cuidar do dinheiro do pai, agora aposentado. Pensamos que o relato esboça primeiramente uma categorização da prole baseada na divisão por sexo, discriminatória, portanto; e onde há entendimento da família, ou de quem nela detém o poder de decisão, de que há a necessidade de uma das filhas permanecer solteira para cuidar dos pais. Essa noção de que ao manter uma das filhas solteiras a família estaria se poupando de gastos com uma empregada doméstica ou com uma enfermeira, é comum também a outras narrativas. A cuidadora de velhos, enquanto papel social se dá no ambiente doméstico “naturalmente” reservado a uma das filhas, embora um filho possa aprender esse trabalho, mas:

“Ser mulher seria ser dona do espaço doméstico. É também ser doméstica. O doméstico seria ele próprio feminino” (ALMEIDA, 1982:186).

D. Clarice destaca a figura do pai dizendo: “*Quando chegava a diversão meu pai não deixava. Meu pai nunca disse ‘eu não quero que vá’, ele dizia ‘por minha vontade não vai’... então, se ele dizia... Já os namorados, acho que nunca fui bem desenvolvida, fui muito retraída, esse sistema. Decerto pela forma como fui criada.*” O depoimento é emblemático. D. Clarice parece dizer que o pai, nessas ocasiões, testava sua autoridade sobre a filha, expondo sua vontade sem ser categórico na negativa ao divertimento, situação

que pode ser estendida ao namoro, pois o fato dela não ter tido namorados está justificado pelo modo como fora criada, ou seja, a negação esteve sempre velada, cifrada, como cifrada é a referência a esse modelo de educação: “sistema”.

A “idade de casar”, entendida pelas informantes como o período de reprodução sexual via casamento, e cujo limite oscila na faixa dos quarenta anos de idade, aparece nos relatos como um divisor do tempo de suas vidas, elaborando desde então a ideia de que não casariam, primeiro passo na construção da condição de solteira. Os desdobramentos da ascendência paterna sobre esses destinos femininos estão relacionados a questões de duas ordens: a primeira, diz respeito a um acordo tácito entre pai e filha e funcionaria como um sistema de trocas onde o celibato equivaleria a algum tipo de ganho, uma recompensa imaterial como uma liberdade outra, ou mesmo material como uma casa, um terreno, uma pensão; a segunda, derivada da primeira, enquadra situações onde essas disposições tacitamente acordadas não são levadas a termo, fazendo instalar-se uma atmosfera de julgamento das ações paternas e familiares, ainda que em nada modifiquem, e realmente não o fazem, o que já está construído. Tendo atingido a velhice, é a partir daí que as informantes culpam seus pais por terem permanecido solteiras, como registrado na fala de D. Laura: *“Eu tive que ficar solteira para cuidar dele e da mamãe, e deu tudo certinho como ele queria.”*, e na de D. Alice: *“tive dois noivos, e todo mundo diz que o J.C não deixou que eu casasse”* assim como na fala de D. Clarice: *“ninguém nunca quis casar comigo, decerto pelo sistema em que fui criada, meu pai não gostava”* e como no relato de D. Sarah: *“Meu pai era muito rígido (...) meu pai nunca aceitou quem me agradava.”* Esses são claramente julgamentos dos atos paternos, onde os pais são condenados para, em seguida, serem absolvidos: *“Deus que te perdoe, que te dê o reino, meu pai, mas foi tudo verdade”* (D. Laura) *“Sabe, aquele era muito violento mesmo”* (D. Alice) *“Depois, meu pai trabalhava muito, meu pai fazia muito*

serão... eu não me arrependo da maneira como fui criada... está bom, muito bom" (D. Clarice) "(...) Então ele estava certo, às vezes, não sei não, meu pai não era nem um pouco bobo (...)” (D. Sarah). Ora, esses homens não saberão jamais sobre os vereditos de que são alvo por já estarem mortos, e por isso nada mais há a fazer senão isentá-los de culpa, absolvendo-os por fim, reconhecendo neles e em suas atitudes traços de sabedoria, de heroísmo, transpondo-os ao território do mito. Nada mais justo, então, que manter suas memórias resguardadas, imaculadas, invioláveis, a extensão do “honrarás pai e mãe” e do que lhe é subjacente, ou seja, o sentimento de que cumpriram o papel de filhas no sentido de uma fidelidade filial. Pesa aqui, definitivamente, a questão do respeito à memória dos mortos, a noção universal e atemporal do culto aos antepassados:

“Proposições já bem estabelecidas (...) como a de que o culto dos ancestrais apoia a autoridade dos mais velhos (...)” (GEERTZ, 1989:102).

Ao absolverem os pais, reverenciando suas memórias, as solteiras estão reforçando sua própria autoridade e sua identidade enquanto velhas, conferindo confiabilidade a seus relatos; estão justificando socialmente a condição de celibata através de um drama familiar no qual atuaram como personagens vitimizadas por um devir anunciado, a não realização do casamento, cuja responsabilidade recai sobre a figura de um pai austero e de uma mãe submissa.

O momento de julgar pode ser interpretado como um ajuste de contas, e a condenação, como efeito da constatação de que alguma coisa não correu segundo o esperado, de que o acordo não foi integralmente cumprido, como na questão da partilha de bens, e a absolvição, vista como sinal de respeito pela memória dos pais. Na cena do julgamento, não estão presentes a filha jovem nem os pais

maduros, é um diálogo entre velhos, onde a barreira das idades da vida, da diferença entre gerações cede lugar a um enfrentamento de iguais enquanto categoria. Entre vivos e mortos, porém, a relação se mantém inalterada, seguindo as práticas de reverência à memória dos antepassados, já referidas, quando se dá a absolvição, numa seqüência de rito quase religioso, num gesto de grandeza, de sublimação. O ato da absolvição é também o reconhecimento da velhice como portadora de um saber que só é adquirido ao longo do tempo, é um aprendizado construído pela sobrevivência e pela retenção do passado, é uma situação mesmo de confirmação da memória como primeira instância das identidades.

Cena aberta: a construção do celibato

Entendendo que assim como o casamento o celibato é também uma construção social, é preciso sublinhar a diferença entre uma e outra coisa. Enquanto o casamento é uma construção social “naturalizada” ao longo da história do Ocidente contemporâneo, como assinala Bourdieu (1999), o celibato não religioso se difere do casamento, além do óbvio, pelo fato de que é uma construção social não “naturalizada”, ou seja, o custo da aceitação dessa condição como “natural” ainda é muito alto, embora o que se busque não seja a “naturalização” do celibato, mas sua apreensão despida dos preconceitos e dos estigmas que a ele estão associados, e o entendimento de como é socialmente construído.

Tido como um destino natural, o casamento tem seu contraponto no celibato. Enquanto o casamento é visto com um destino previamente desejado, o celibato é visto como um “acidente de percurso”, pois não é costume pensar o celibato enquanto escolha. À mulher é conferida uma grande responsabilidade em vincular-se, oficialmente ou não, a um companheiro, caracterizando um estado de casamento. O papel

feminino nesse processo é o de fundamentalmente legitimar a união através do casamento. Nesse sentido, a mulher solteira, aquela que não efetivou essa união com o sexo oposto em nenhum momento da vida, se apresenta num lugar de incompletude, uma vez que não exerce os papéis de esposa e mãe. Desse modo, a solteira estaria excluída da vida social não fossem as estratégias de reprodução social, as proposições já existentes nas estruturas sociais, como a família:

“Quem é, em definitivo, o sujeito das estratégias de reprodução? A família e as estratégias de reprodução estão ligadas em parte: sem família não haverá estratégias de reprodução, sem estratégias de reprodução não haverá família” (BOURDIEU, 1993:11).

O que está disposto no interior da estrutura familiar garante o “retorno” da solteira a lugares e papéis socialmente construídos. A família contém um conjunto de dispositivos culturais que funcionam como “reparador” de situações ditas de desvio ou, dito de outra forma, o celibato é uma condição em certa medida já prevista, não é um dado extra-social. “A unidade da família passa pela acumulação e pela transmissão do conjunto de forças (econômicas, simbólicas, psíquicas), a família funciona como um corpus” (BOURDIEU, 1993:11). As mudanças, arranjos e acomodações ocorridas na família como o divórcio, a viuvez, o celibato e o apadrinhamento confirmam o caráter orgânico da família, são estratégias de reprodução social. Está nesse caráter orgânico a própria condição de sobrevivência da família, de sua persistência em durar como estrutura através dos tempos, por maiores e mais profundas que sejam as transformações a que está submetida.

Em meados de 2004, quando já se aproximava o período previsto para o final da coleta de entrevistas, buscou-se ainda

outras informantes que haviam sido indicadas por colegas de trabalho certos de que, como as anteriores, também se mostrariam receptivas ao trabalho. No entanto, experimentaram-se as primeiras negativas, o que nos fez crer que se entrava em um daqueles momentos em que o trabalho de campo dá sinais de que o melhor período de pesquisa, sem qualquer explicação possível, aproximava-se do final. Engano de aprendiz: ainda havia o que fazer, pois as negativas em fornecer entrevistas eram, em si, dados importantes. Quando telefonamos para D. Selma para marcarmos a entrevista, respondeu-nos que não poderia atender-nos. Falou-nos que sua “secretária” estava muito doente e que ela mesma fazia as vezes de acompanhante da empregada. Semanas depois as encontramos sem que alguma coisa na empregada denunciasse o período de enfermidade grave anunciado por D. Selma. No meio em que atua profissionalmente, ela é uma mulher reconhecida por sua longa carreira, sua trajetória em dados momentos fora bastante conturbada, houve momentos bastante delicados, sendo a negativa em conceder a entrevista entendida como um modo de evitar tocar no assunto, preservando sua intimidade. D. Júlia, outra informante cuja entrevista já estava agendada, também se recusou a falar alegando, ao telefone, um motivo impossível: *“Estou muito triste, deprimida... acabei de perder meu filho, tinha só 36 anos... não estou aguentando.”* O colega que nos havia apresentado D. Júlia, ao saber do ocorrido, esclareceu: “... ela não teve filhos, esse de quem ela fala era um sobrinho dela, que ela criou desde menino, era meu primo.” Tendo desempenhado o papel de mãe postiça³, D. Júlia exemplifica um modelo extremado de mimetização ao se mostrar como mãe. A essa noção de mãe postiça anexo outra ideia

³ Correlato de mãe desbiologizada, aquela mulher que não tendo gerado filhos, cria os filhos de outras mulheres; correlato também de “quase-mãe”, conceito colhido no interior do grupo, que exprime o mesmo sentido, mas que o aprofunda ao revelar laços de amor materno/filial.

recorrente nas narrativas das solteiras, o de “quase-mãe”, primeiramente na fala de D. Alice: “(...) e tem o Antônio, filho da Letícia (irmã), cuidei dele desde que nasceu, sou quase mãe dele, assumi cuidar dele para ela trabalhar...e ficou esse amor de filho”, depois na de D. Helena: “ajudei a criar trinta e tantos sobrinhos, com muito amor e carinho, principalmente os três filhos da Marília, dos quais dois já estão casados.” São solteiras que, estando disponíveis para cuidarem dos sobrinhos, construíram a identidade de mãe desbiologizada. A afirmação desse tipo de maternidade reforça uma identidade, principalmente na velhice, onde os laços de afeto originados a partir dessa maternidade postíça são fundamentais para as situarem no mundo. Tal como aparece no relato de D. Alice, esse estado híbrido de mãe-genitora-tia é o reconhecimento outorgado à solteira pelo outro:

“Todos os meus irmãos sempre me dizem que sou a segunda mãe deles, e eu me sinto emocionada, feliz. Nunca gerei um filho, mas tive um monte! Até hoje tem presentinho no Dia das Mães, esse ano ganhei também uma tele-mensagem, era tão linda que até chorei, era uma mensagem para mãe adotiva.”

A ideia de mãe desbiologizada é uma tentativa de escapar dos estereótipos de magoada, recalçada e carola, mas apesar disso:

“(...) hoje em dia, não bastaria ter relações sexuais para escapar ao estigma de desviante, seria preciso também gerar os próprios filhos (...)” (FONSECA, 1987:118).

A força da tradição da mulher como mãe, no sentido de que ela só possa se realizar na maternidade, mesmo que:

“(…) num período que durou cerca de dois séculos, o comportamento das mães oscilou com frequência entre a indiferença e a rejeição” (BADINTER, 1985:27).

está marcando uma fronteira entre celibato e casamento. A identidade de solteira, em oposição à de mulher casada se constrói como o produto da associação da noção do não casamento com a da não maternidade, que conjuntamente são sinal de distinção, o habitus, a reprodução social. A inexistência de grupos próprios de descendência estreita o contato com os parentes, retoca os laços afetivos, pois existem lugares e papéis a serem preenchidos e desempenhados nos quais a afetividade é um pré-requisito. Mesmo socialmente invisíveis, as solteiras desempenham um papel de múltiplas atribuições que reproduzem a estrutura familiar.

As identidades e papéis sociais construídos mediante negociações em diversos momentos durante o curso de vida tendem a ter como fechamento algumas justificativas para o celibato. Na velhice, as solteiras justificam essa condição associando-a a situações em que elas não são o único ator social da trama na qual permanecem solteiras, o que é próprio do construto social, da condição de quem se vê e é visto como desviante. Há a filha fiel, para quem a família está em primeiro lugar, e existe a ideia de que o celibato foi melhor destino se comparado com a vida de amigas e ou irmãs casadas que enfrentam problemas com maridos e filhos, e há também justificativas em torno da formação profissional e da religião, como nos dizem, respectivamente, D. Greta e D. Ângela: *“Na minha infância já estava determinada a minha carreira, que as minhas bonecas eram todas cantoras (...); “Evangelização é a minha vida, é o meu matrimônio... eu casei com esse trabalho, enchi tanto a minha vida que não senti falta de não ter casado.”*. São discursos elaborados com a intenção de justificar identidades e realizações de projetos, pois:

“o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando repercussões na sua identidade” (VELHO, 1999:104).

como se percebe também na narrativa de D. Clarice: “depois que eu me aposentei eu fui fazer o que eu gostava, que era escrever e publicar...a gente se aposenta para viver, para ter uma nova forma de vida.”. Cada idade da vida reformula e explica a identidade de acordo com o contexto vivido, como se percebe no caso de D. Alice, que recentemente começou um namoro, o que remete ao tipo de casamento em que a reprodução biológica, já impossível dado o envelhecimento do corpo, dá lugar ao casamento enquanto relação baseada na companhia, no afeto, inserindo-o no espaço do amor que não se materializa na prole, à revelia do preconceito sobre o casamento na velhice.

De toda forma, o que está colocado neste artigo são vestígios que buscam iluminar o que chamamos “A noiva sublimada”, uma metáfora de Mnemosyne, a titã que, por sua face feminina e por sua voz evocadora, nascera incumbida do não esquecimento, assim como as solteiras, que foram ao longo de suas vidas refratando e refletindo o mundo em que vivem, burilando lembranças na velhice, emulsão de memória e testemunho, passado/lembrança e futuro/percepção, como os dois jorros simultâneos de que falara Bergson, no tempo quase fictício de um presente que nunca termina.

Bibliografia

- BADINTER, Elizabeth. Um amor conquistado. O mito do amor materno. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1985.
- BARROS, Myrian M. L. Autoridade e afeto. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1987.
- BARROS, Myrian M. L. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. IN: BARROS, Myrian M. L. (org) *Velhice ou Terceira idade?* Rio de Janeiro. FGV, 1998.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Obras escolhidas: Magia e técnica, Arte e política. SP. Brasiliense, 1985.
- BERGSON, Henri. Memória y vida. Textos escolhidos por Giles Deleuze.
- BOSI, Eclea. Memória e Sociedade, Lembrança de velhos. SP. Queroz, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. RJ. Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. Stratégies de Reproduction et Modes de Domination. IN: *Actes de la recherche em sciences sociales*. 1993.
- CORREA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. IN: *Colcha de retalhos: Estudos sobre a família no Brasil*. SP. Brasiliense. 1982.
- DEBERT, Guíta G.V. A Reinvenção da velhice. SP. Edusp. 2000.
- ECKERT, Cornélia. A vida em outro ritmo. IN: BARROS, Myrian M.L (org) *Velhice ou Terceira Idade?* RJ. FGV. 1998.
- FERREIRA, Maria Leticia M. Memória e velhice: do lugar das lembranças. IN: BARROS, Myrian M.M. (org) *Velhice ou Terceira idade?* RJ. FGV. 1998.
- FONSECA, Cláudia. Solteironas de Fino Trato: Reflexões em torno do (Não) Casamento entre Pequeno-Burguesas no início do Século. IN: *Revista Brasileira de História*. SP. Vol.9 n° 18 jun. 1984.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. RJ. LTC. 1989.

- GEERTZ, Clifford. O Saber local. RJ. Vozes. 1997.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. SP. Vértice. 1990.
- HISTÓRIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História oral, n° 7, junho 2004. SP. *Associação Brasileira de História Oral*. Ago.89/set/89.
- MOTTA, Aida B. Trajetórias sociais de gênero e representação sobre velhice no Brasil. *Anuário Antropológico*. RJ. 1993.
- NUNES, Benedito. O tempo na narrativa. SP. Ática. 1998.
- VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura. RJ. Jorge Zahar. 1987.
- VELHO, Gilberto. Antropologia urbana RJ. Jorge Zahar. 1999.
- VON SOMSON, Olga M.M. Desafios Contemporâneos da História oral. Campinas CMU. Unicamp. 1987.

Recebido em: 05/07/2009

Aprovado em: 30/09/2009

Publicado em: 03/11/2009

A Revista *Ilustração Pelotense* como Objeto Biográfico ¹

Vivian Herzog

RESUMO: O presente artigo tem como objeto as memórias de descendentes de mulheres retratadas na revista *Ilustração Pelotense*. Dessa forma partiu-se do pressuposto de que para essas "herdeiras" das representadas o periódico apresenta um caráter simbólico que muitas vezes auxilia na forma que elas elaboram e atualizam o seu passado. Essa proposta de estudo considera uma inter-relação entre os registros fotográficos da revista e a história oral coletada a partir dos relatos das depoentes.

PALAVRAS-CHAVE: *Objetos biográficos, Ilustração Pelotense, fotografia e memória.*

ABSTRACT: This article presents the memories of descendants of women portrayed in the magazine *Ilustração Pelotense*. For these "heirs" of represented the publication presents a symbolic character who often helps in the way they prepare and update its past. This study consider the inter-relationship between the photographic records of the magazine and oral history collected from reports of women.

KEY-WORDS: *biographic objects, Ilustração Pelotense, fotographic records and memory.*

Introdução

Esse estudo consiste em uma abordagem sobre a revista *Ilustração* como objeto passível a elaborações de memórias pessoais. Sob este viés buscou-se perceber como algumas mulheres se apropriavam do fato de suas mães terem sido representadas no periódico. Muitas vezes esse fato aparece diluído nos relatos das depoentes como algo inerente a posição social que seus familiares ocupavam. Tal fator parece coincidir com um dos propósitos da

¹ Este artigo foi produzido como resultado do Curso de Especialização em Memória, Identidade e Cultura Material da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil; no qual fui orientada pela professora Dra. Francisca Ferreira Michelin.

revista que era justamente apresentar e divulgar a imagem de personagens que compunham a alta sociedade de Pelotas e região.

A revista *Ilustração Pelotense* foi veiculada aproximadamente durante o período de 1919 a 1927, no entanto houve algumas interrupções sendo que uma delas se deu no ano de 1924. Após tal interrupção, a revista voltou-se a um caráter que já havia sido demonstrado: uma revista da sociedade, que se propunha a registrar os eventos sociais e a divulgar os retratos de figuras ilustres que conformavam a elite daquela sociedade. Nas páginas da *Ilustração* as pessoas se apresentavam através de parâmetros a serem seguidos ou mantidos, explicitando não só a boa forma do indivíduo (moda, tipos de beleza e saúde), como o seu comportamento: o que poderia e deveria ser feito, ou o que competia ser usufruído e apresentado e, sobretudo, os valores a serem adotados por homens e mulheres.

Ao entrar-se em contato com uma das colecionadoras, que teve a fotografia de sua mãe divulgada pelo periódico entre 1919 e 1920, percebeu-se que a revista para ela possuía outro tipo de valor, não apenas documental, mas afetivo e simbólico. É sob esse viés que a *Ilustração Pelotense* é abordada: enquanto objeto biográfico. Desse modo, se pressupõe que sua existência material possibilita a recomposição de um passado familiar, ao mesmo tempo em que a situação presente de quem narra é afirmada através dessa recomposição/reconstituição. Os fatos rememorados não se apresentam enquanto lembranças fixas, mas como elaborações mentais que trazem em si a característica de serem afirmações sobre uma condição social ainda e ou supostamente vivenciada no presente.

O grupo de depoentes é composto por três senhoras que residem em *Canguçu*. A primeira senhora contatada que teve a imagem de sua mãe divulgada pela *Ilustração* foi Ione Prestes. Ione nasceu e sempre residiu na cidade de *Canguçu*. Sua participação no andamento desse estudo foi de fundamental importância, pois foi através de seu intermédio que se pode chegar as outras duas

narradoras. Há um dado relevante quanto à composição desse grupo, pois duas delas são primas (Maria Elvira e Maria Cândida) o que aponta para a possibilidade de existir um laço afetivo intenso entre elas. Portanto, foi essa proximidade e a convivência entre as próprias depoentes, que possibilitou o estabelecimento entre nós (entrevistadora e entrevistadas) de uma relação amigável que direcionou o tom empregado nos relatos. Tom esse, marcado por uma espécie de cumplicidade², algo distante de uma característica protocolar e formal.

Um dos aspectos que deve ser citado é o fato de que a *Ilustração Pelotense* registrava e divulgava imagens de famílias “importantes”³ de diversos municípios do Rio Grande do Sul. Esse aspecto justifica o porquê das entrevistas terem sido feitas com roteiros de perguntas planejados, através dos quais se poderiam evidenciar como as três senhoras apreenderam o passado “memorável” vivido por suas ascendentes. Dessa forma, ao narrar as experiências vividas anteriormente, as depoentes mostraram ter na *Ilustração* uma espécie de ponto de partida para a elaboração de suas próprias identidades. E, é sob este viés que as fotos e o próprio periódico exercem uma função primordial enquanto constituidores da memória.

Ao considerar que a existência da revista, para as três senhoras entrevistadas, personifica conceitos que consolidam a existência de um passado que se acredita ilustre, o periódico assume valores que o instituem enquanto objeto dotado de significações atestatórias de distinção social. Nesse sentido, têm-se como referência algumas das considerações de Pierre Bourdieu (1983) no texto *Gostos de classe e Estilos vida*, considerações estas

² A cumplicidade referida acima diz respeito ao fato de que as entrevistadas me conheciam e entendo que esse dado colaborou para que houvesse confiança entre nós, pois, as depoentes demonstraram liberdade e desenvoltura ao narrar fatos de suas vidas pessoais.

³ Se pressupõe que as famílias importantes eram aquelas que possuíam um alto poder econômico, ou seja eram pessoas influentes como por exemplo: políticos, fazendeiros, artistas, intelectuais e comerciantes.

que se mostram como base para pensar o conceito de distinção social. Segundo o autor, as diversas posições no espaço social correspondem a distintos estilos de vida, que se impõem enquanto diferenças objetivamente inscritas às condições de existência.

A presença feminina na revista *Ilustração Pelotense*

A *Ilustração Pelotense*, como grande número de revistas ilustradas do período apresenta um conjunto significativo de fotografias de mulheres, que se enquadram em retratos individuais e de grupo, assim como instantâneos que as mostram em eventos sociais ou simplesmente dando a ver suas imagens diante da paisagem urbana. O fato de se perceber algumas singularidades na forma como a mulher é apresentada na revista, fez com que se intuisse a existência de uma intenção latente de conferir-lhes uma ocupação social. Elas são mostradas através de atributos e de convenções que conferem distinção social como: tipo de enquadramento, pose, postura, vestimenta. Estas configurações parecem ter afirmado no passado uma condição privilegiada desses retratados, ao mesmo tempo em que poderiam ter ditado padrões de moda e comportamento. Apesar de algumas falhas quanto à periodicidade, especialmente no primeiro ano de sua edição, a *Ilustração* que se dizia quinzenal, era destinada, segundo seus editores, a mostrar a vida social da cidade assim como a divulgar a produção intelectual da elite pelotense, na própria cidade e em outras localidades onde a revista era distribuída. É notório desde o início, acentuando-se com o passar do tempo, o direcionamento para mostrar em suas páginas assuntos referentes aos segmentos da sociedade na qual se incluíam artistas, mas também pessoas de posses e de alto poder econômico e político. Assim, a *Ilustração Pelotense* acabou definindo-se como um periódico de

“mundanidades” (nas palavras dos seus editores), com seções designadas às artes e à literatura, entre outras.

Estas questões contextualizam a presença da mulher na revista e remetem ao juízo de que para as pessoas que tiveram seus familiares representados, ela pode adquirir um valor importante na elaboração de lembranças e histórias pessoais. É a partir destas ideias que se chegou ao grupo das entrevistadas. A abordagem realizada neste texto aponta para o fato de que os aspectos observados constituem uma trama suscitada inicialmente pela imagem fotográfica, esta por sua vez, foi gerada em meio a situações específicas, próprias daquele tempo e lugar. Tais situações, finalmente, remetem à construção identitária de uma sociedade, tal como ela se faz visível através da revista.

O olhar que guarda

Segundo uma abordagem que busca perceber as implicações da memória enquanto estruturação dos diversos grupos que ao todo compõe a coletividade, Allan Radley (1992) pontua a importância dos objetos materiais em relação à consolidação das lembranças como elaborações de identidades sociais. Nesse sentido, o autor considera que há duas instâncias que caracterizam os objetos: existem aqueles que são criados para evocar feitos e realizações ocorridas anteriormente e outros que acabam sendo instituídos de funções memoriais depois de deslocados de seu tempo e contexto original. Conforme Radley:

Los objetos, aparentemente, se presentan a sí mismos de modo inesperado y “evocam recuerdos”, pero también son parte de un mundo material ordenado de forma que mantenga ciertos mitos e ideologías acerca de

la gente como individuos y ciertas culturas concretas (RADLEY, 1992:68).

As formas com que as pessoas se relacionam com os objetos materiais indicam uma distinção na maneira com que elaboram suas lembranças no mundo em que vivem. Há, portanto, uma intencionalidade na utilização dos dados materiais que se torna fundamental na reconstituição do passado. Contudo existem traços, esquecimentos, lacunas e ocultações que não são intencionais. No caso das filhas das mulheres apresentadas na revista é importante observar que elas reconstituem os fatos do passado tendo como base os elementos que estão acessíveis. Portanto, pode-se considerar que a revista ajuda a atualizar os fatos anteriores, que são filtrados e transpostos segundo necessidades vividas na atualidade. Os objetos que herdaram e as pessoas que lhes transmitiram informações são marcos fundamentais que dão o tom às narrativas. Ao guardarem a revista, fotografias e outros materiais que propiciem a contextualização de fatos sobre um passado familiar, essas três mulheres de certa forma assumem o papel de mediadoras entre o passado e o presente. Através dessa intermediação tornam-se responsáveis por repassar histórias que dizem respeito a suas vivências, ou seja, a constituição daquilo que entendem como suas identidades. Essas vivências, por sua vez, precisam ser repassadas, pois uma das funções de colecionar é garantir que as memórias estejam gravadas para as gerações futuras. Portanto, é possível considerar a família como uma organização que por sua vez está inserida em um conjunto maior que diz respeito à coletividade. Sob este aspecto tem-se nas reflexões de Halbwachs uma importante referência para pensar a estruturação dos diversos grupos sociais e a consolidação destes através das elaborações das lembranças. Conforme o mesmo autor, a memória é um fenômeno social. Halbwachs de certa forma relativiza o caráter individual das lembranças, mas também lhes confere importância porque afirma que cada um tem uma maneira específica de lidar com a memória, que encerra um sentimento

próprio e particular. Segundo o autor, o tempo das lembranças não é linear, mas fluído, passado e presente se misturam nas recordações de quem lembra: *“Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais”* (HALBWACHS, 2000:29). As lembranças são como episódios de histórias que conformam o que o autor denomina como os quadros sociais da memória. *“(...) a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo”* (HALBWACHS, 2000:55). Em relação às lembranças pessoais geralmente as apoiamos nas lembranças dos outros. Há um conjunto delas que é partilhado pelo grupo, porém não basta que outros tenham testemunhado os mesmos fatos para que fiquem guardados na memória dos sujeitos. Para que os fatos passados se constituam como lembranças é necessário que haja uma relação afetiva entre os integrantes do grupo. E o que os conforma essencialmente como grupo, é um interesse, uma ordem de ideias e de preocupações, que sem dúvida se particularizam e refletem em certa medida as personalidades de seus membros. Na constituição do conjunto de lembranças existem elementos, fatos e dados materiais que ajudam a manter vivos alguns acontecimentos que se mostram como elo entre os membros de uma determinada organização coletiva. Nesse sentido, os objetos exercem uma função primordial, pois eles deixam visíveis as “marcas” que caracterizam um determinado estilo de vida partilhado por um conjunto de pessoas. Segundo Halbwachs *“(...) nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembram-nos a nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro”*. (2000:138). As formas com que os sujeitos arrumam os objetos deixam aparente seus gostos e apontam para os meios que os prendem aos tipos de sociedades: *“Cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembra-nos uma maneira de ser*

comum a muitos homens, e se analisarmos este conjunto fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos” (HALBWACHAS, 2000:138).

Considerando o fato de que a manutenção das lembranças de um determinado conjunto de pessoas depende da ligação existente entre os integrantes desse grupo, percebe-se que os acervos de fotos e os objetos herdados, assim como os personagens responsáveis por divulgar tais conhecimentos são fundamentais. Portanto, ao assumir a função de guardar elementos que propiciem a reconstituição de histórias familiares, aquele que o faz também se torna responsável por narrar acontecimentos exercendo um papel elementar que, no limite, conforma o que Halbwachs caracterizou como marcas visíveis do passado ou museus de família (2000). Esses “museus íntimos” são mantidos pelos guardiões da memória familiar, que só se transformam em colecionadores de lembranças, porque determinados acontecimentos suscitaram que isso ocorresse. Em um texto de Lins de Barros (1989), no qual ela fala de sua pesquisa sobre as memórias de indivíduos pertencentes às camadas populares do Rio de Janeiro, a autora observa como os álbuns de família e objetos materiais herdados ou adquiridos ajudam a repassar e a construir o sentido da importância da estrutura familiar. Através de sua pesquisa, buscou pensar como as lembranças individuais são mantidas e elaboradas na sociedade contemporânea. Nesse sentido, algumas figuras exercem um papel importante de ligação entre as “memórias” e histórias vividas e o tempo presente. A partir do pensamento de que os personagens mediadores se apóiam em dados materiais que foram guardados e mantidos enquanto elementos afetivos, entende-se que a *Ilustração* e o contexto nela apresentado se situa na esfera dos objetos evocadores de lembranças.

As herdeiras das representadas e suas lembranças

O primeiro depoimento coletado para este estudo foi realizado com Ione Prestes, em sua residência. Ione possuía setenta e oito anos e respondeu as perguntas que podem ser consideradas pessoais, de uma forma organizada e por vezes um tanto impessoal. A depoente apresentou uma solução peculiar ao narrar os acontecimentos íntimos que diziam respeito a sua vida e de seus familiares: ela fez uma espécie de percurso histórico remontando desde o período de solteira da juventude de sua mãe já falecida, até a atualidade que abarca a atuação das mulheres no contexto social e econômico. É a partir desse tipo de elaboração que se configurou o perfil dos depoimentos de Ione: são considerações reflexivas, que contextualizam as vivências pessoais no tempo histórico. A depoente delinea o perfil de uma época em , *“que mulher não trabalhava, eram raras as exceções, e quando trabalhavam atuavam em profissões modestas”* (informação verbal)⁴. Ela estabelece um percurso relatando as transformações vividas paralelamente à existência de sua mãe. Cita a Primeira Guerra Mundial, depois as melindrosas, os “anos loucos” e por fim chega às mudanças vividas pela sua geração, tanto na juventude quanto nos tempos atuais. Porém, fica implícito que as transformações culturais relativas à conquista dos direitos concedidos às mulheres, ocorreram paralelamente sem atingir a existência de sua mãe, que estudou até o primário, gostava de ler e aprendeu música como toda “boa moça de família”. É notável e característico na fala de Ione o papel importante que a música exerceu em seu meio familiar. O aprendizado sobre a apreciação musical parece ter sido uma herança, pois conforme a depoente, *“naquela época era chique e de bom tom uma moça de família saber tocar um instrumento*

⁴ Informação concedida por I. PRESTES em entrevista realizada em sua residência na cidade de Canguçu, no dia 29 de junho de 2005.

musical" (informação verbal)⁵. Segundo seus relatos, as mulheres que tocavam piano, pelo menos aos olhos de seu pai, pareciam privilegiadas em relação às outras. Esse fato parece dialogar com algumas considerações de Pierre Bourdieu quanto aos gostos e estilos de vida adotados pelas diferentes classes sociais. O aprendizado de música parece, portanto, uma prática classificadora, que juntamente com outras caracterizavam uma espécie de distinção social naquele contexto temporal. A depoente narra como o pai teve contato com essa prática que mais tarde ela vivenciaria:

Meu pai ainda era "moleção" quando foi a uma festa em Pelotas. Lá ele viu uma moça, mais de uma moça saindo do piano, e ficou maravilhado porque nunca tinha visto de perto moças tocando piano... e ficou tão impressionado que dizia que queria casar com uma moça que tocasse piano. Mas não conheceu ninguém que tocasse piano. Ele gostava muito de contar isso para minha mãe: se eu tiver uma filha ela há de tocar piano! Então ele me induziu tanto que eu achava que tudo que é criança tinha que aprender piano. (informação verbal)⁶

No que tange às transformações radicais vividas por outras mulheres contemporâneas, à época de sua mãe vivendo em grandes centros, parecem ter passado, conforme a entrevistada, sem atingir a sociedade canguçuense. A forma com que Ione apresenta esses fatos parece conformar uma característica em seu depoimento marcado por um tom de conciliação. Esse tom conciliador está ligado às restrições atribuídas ao sexo feminino, mas que sob o olhar da depoente ganham uma tonalidade amena

⁵ Ver nota 4

⁶ Ver nota 4

através da constatação de que eram próprias daquele período e que, como sua mãe, as mulheres deveriam tirar partido de certas obrigações tornando-as mais suportáveis. Outro aspecto específico se faz visível na forma discreta com que lone apresenta fatos de sua atual condição. As tristezas das perdas dos entes queridos e o preconceito que ela sente advindo das gerações mais jovens aparecem diluídos e atenuados em meio a incursões de um tempo elaborado, construído. Tais elaborações remetem ao sentimento de que o que passou é que era bom ou talvez mais fácil, mais ameno, no que tange as relações sociais. Trata-se de um tempo lembrado com saudades carregado de uma espécie de amargor que mostra a dificuldade e o esforço feito por ela para se adaptar a todas as mudanças culturais.

A Segunda depoente Maria Elvira Barbosa, possuía setenta anos e apresentou uma narrativa em que suas experiências pessoais aparecem diluídas em meio à descrição da cidade, das pessoas e da convivência entre elas. Elvira sempre fez parte de famílias consideradas importantes na cidade e esse dado aparece por vezes em seus relatos como uma característica natural que parece ter sido interiorizada por sua existência. Essa característica se faz presente em uma das suas falas, na qual ela conta como seus pais se conheceram: *“meu pai era Barbosa e a minha mãe era Bento, eram duas famílias influentes em Canguçu então eram amigos e se encontravam de certo nos bailes, porque iam muito”* (informação verbal)⁷. A entrevistada dizia não ser *“muito boa em lembrar histórias”*, no entanto ela descreve um tipo de vivência que parece ter sido apreendida com seus antepassados, com sua avó, com suas tias:

Então os bailes eram nas casas das pessoas conhecidas e minha mãe contava que havia uma tal de dona Pancha que se prontificava

⁷ Informação fornecida por M. BARBOSA, em entrevista realizada em sua residência, na cidade de Canguçu, no dia 29 de setembro de 2005

para tocar e era uma beleza! Ela tocava piano e naquela época era muito difícil alguém que não tivesse piano em casa, pois uma moça prendada tinha que saber tocar piano ou coisa assim. Minha mãe não tocava, acho que ela não era muito de música, ela não aprendeu, mas o outro lado da família do lado dos Barbosa, quase todo mundo era músico. E ela contava que eram assim as diversões e eu achava uma coisa meio sem graça, mas era isso: se reuniam, tomavam café e conversavam. Não tinha muita coisa, mas havia os carnavais: os carros alegóricos é que eram bonitos e depois apareceu o cinema, mas sozinha não dava para ir (informação verbal)⁸.

O fato de ter morado até sua infância no interior fez com que guardasse mais nitidamente os acontecimentos festivos da cidade, como as comemorações públicas, os carnavais, que eram eventos nos quais comparecia sempre acompanhada de sua família. Elvira narra à dificuldade com que se deslocavam do interior para cidade, através de um tom saudoso que mostra o quanto sua memória transformou os transtornos e precariedades próprias das condições vividas no período, em suaves lembranças que marcam o período da sua juventude. Segundo a entrevistada:

Naquela época ir da minha casa para a cidade levava um dia inteiro. Lembro-me que quando nós vínhamos minha mãe fazia coisas para a gente comer e parávamos no caminho porque precisávamos descansar. Aí comia, sentava

⁸ Ver nota 7

embaixo de uma árvore,... comia e ia de novo. E mesmo assim nós participávamos do carnaval e de outras festas, mas carnaval eu e minha família sempre vínhamos. A minha avó materna gostava muito de festa e a paterna também. Então no carnaval quando nós chegávamos, elas já estavam com as fantasias prontas. E era assim: era muito melhor que agora, porque era uma coisa mais calma, mais sossegada. (informação verbal)⁹

Assim como Ione, Maria Elvira também apresentou em seus relatos uma espécie de lamento ou saudade. Quando refere-se aos bailes, os encontros na praça, as diversões dos jovens e das pessoas que se conheciam, essas descrições vem acompanhadas de frases que mostram o quanto sente falta dessas relações e desses divertimentos que, conforme suas palavras eram *“coisas assim tão simples”,* mas *“tão boas”*. Fica expressa também de forma tênue a dificuldade encontrada por ela em se adaptar a todas as mudanças, assim como fica claro o quanto lamenta a perda de pessoas que traziam consigo uma história, que poderiam informar a respeito de como as coisas eram, como aconteciam: *“tu sabes que está tão difícil saber sobre as coisas, as pessoas não existem mais para perguntar, para saber o que aconteceu”* (informação verbal)¹⁰. Maria Elvira iniciou a entrevista dizendo que *“lembrar histórias não era muito com ela”,* porém a forma com que descreve os acontecimentos da cidade as festas, as quermesses, a maneira que narra tudo isso mostra que existe uma preocupação latente de repassar essas informações. Mas apenas aquelas selecionadas por seus interesses. São narrativas sobre suas vivências enquanto

⁹ Ver nota 7

¹⁰ Ver nota 7

menina que chegava da “campanha”¹¹ e se deslumbrava com as festas, que gostava de encontrar e rever as pessoas. A relação e a importância que a fotografia tem em suas elaborações se mostram de forma bastante peculiar, pois muitas vezes para narrar algum tipo de evento ela recorre à lembrança que tem da imagem que registrou tal acontecimento e a partir dali parece adquirir desprendimento suficiente para discorrer através do tempo e narrar o fato com detalhes e minúcias:

Eu tenho fotografias das festas, das quermesses que faziam quando eu era criança. Ah! Lembro-me tanto das tais das quermesses! Isso era bem interessante, elas aconteciam na festa da padroeira da cidade. Eu tenho fotografias também dali da frente da praça. Na pracinha de esportes enchiam de mesas e era ali que acontecia a festa, as pessoas sentavam ali, e eu tenho fotografia da minha avó, da minha tia, e eu. Não sei se na foto não era a Maria Cândida pequeninha que estava sentada. (informação verbal)¹².

A terceira depoente, Maria Cândida Terres, possuía sessenta e sete anos e é a mais jovem entre as entrevistadas. Ela concedeu a entrevista em sua residência acompanhada de seu marido, fato que é justificado pela dificuldade que tem em se expressar verbalmente devido a uma isquemia que sofreu há alguns anos atrás. Cândida mostra características bem diversas em relação às outras narradoras, pois embora também tenha sido descendente de uma família influente da cidade e seja prima de Maria Elvira, ela apresenta algumas peculiaridades em sua entrevista. O fato de ter

¹¹ A “campanha” que ela se refere é o lugar onde morou quando criança que fica próximo da cidade, mais ou menos a 30 Km.

¹² Ver nota 7

ficado órfã de pai obrigou sua mãe a trabalhar, o que conforme ela não era bem visto pela sociedade da época¹³. A doença que paralisou todo um lado de seu corpo é citada e detalhada como uma espécie de justificativa para os lapsos e as interrupções na elaboração das narrativas. Os lapsos oscilam, como um ressentimento que parece barrar as memórias relativas à vida de sua mãe, numa espécie de ruptura com o passado. Algumas coisas ela parece evitar, ou simplesmente não teve dados suficientes para poder elaborar e recompor suas lembranças. O que se torna característico em seu depoimento é a necessidade constante de contar sobre sua própria vida remontando os tempos em que foi radialista, que desenhava modelos de vestidos para o carnaval e que possuía uma vida social intensa e destacada: *“eu não tive uma infância pobre, me criei muito livre, eu dançava, depois eu ensinava etiqueta para as rainhas e as duquesas do carnaval do clube e até as coreografias eu é que fiz muitas delas e decorava o clube, no carnaval”* (informação verbal)¹⁴. A descrição minuciosa dos acontecimentos sociais das festas e de todos os seus talentos é constantemente citada quase que numa espécie de afirmação em relação as suas condições atuais amenizando talvez, o ressentimento que parece sentir ao perceber que não pertence mais ao que pode ser considerado como a alta sociedade da cidade.

As imagens e as lembranças

Este artigo apresenta reflexões entre duas instâncias que se caracterizam como uma espécie de trama: constituída pela imagem

¹³ O que em certo sentido corrobora o primeiro depoimento, de Ione Prestes. Tal fator talvez possa ser explicado pelo relativo isolamento de Canguçu em relação aos grandes centros e mesmo à Pelotas, local de publicação da revista *Ilustração Pelotense*.

¹⁴ Informação fornecida por M. TERRES, em entrevista realizada em sua residência, na cidade de Canguçu, no dia 24 de outubro de 2005.

impressa na revista e pelos relatos das três depoentes descendentes das representadas. Ambas as instâncias se mostram permeadas por elaborações ideais. Essas elaborações reportam primeiramente às imagens e ao contexto que constituem a revista. Em um segundo momento, imagens e contexto são cruzados com as informações obtidas através dos relatos de mulheres que tiveram a fotografia de suas mães divulgadas no periódico. O que parece estar colocado é o fato de que as três mulheres atualizam o passado a partir de alguns dados apresentados pela revista. Um desses dados se mostra pela comprovação de que quem aparecia na *Ilustração* desfrutava de uma condição privilegiada. Elas sabem disso e tal conhecimento muitas vezes ajuda a reforçar sentimentos e pesares vividos na atualidade.

No entanto é notório que existem algumas diferenças na relação das entrevistadas com a *Ilustração*. Diferenças essas que estão relacionadas aos valores e tipos de vida de cada uma delas. O que se torna visível nos relatos e na própria revista é que parecia haver uma série de atributos que qualificavam as pessoas pertencentes à classe alta do período contemporâneo ao periódico. Esses atributos são mencionados nos relatos enquanto práticas realizadas e considera-se que entre elas estão: o envolvimento em festas religiosas, os bailes realizados nas casas dos amigos, os carnavais, e o aprendizado musical. Pressupõe-se que o fato de aparecer na *Ilustração* poderia ser uma consequência natural da posição elevada dos sujeitos. É notório que nos relatos de Ione Prestes o fato da mãe ter sido apresentada na *Ilustração* aparece como pano de fundo para uma série de outras características pertencentes a seus familiares. Quanto aos atributos de sua mãe ela parece ressaltar o gosto pelos livros e a prática musical. Já para Maria Elvira a Revista se coloca como um documento palpável que entre outras coisas pode atestar a importância de seus ascendentes. Tal afirmação é decorrente da forma com que Elvira constrói suas elaborações, se afirmando em imagens guardadas que ajudam a reconstruir seu passado. A terceira depoente Maria Candida é quem

apresenta características bastante diferentes em relação às outras duas. Para ela o fato de relembrar o passado traz marcas que se mostram permeadas por ressentimentos. Tais ressentimentos justificam o fato de que as recordações dela são constituídas enfatizando fatos e realizações pessoais.

A abordagem deste texto aponta para o fato de que as pessoas que tiveram suas imagens divulgadas pela *Ilustração Pelotense* desfrutavam de uma condição social privilegiada. Essas considerações foram feitas a partir de observações sobre as fotografias e as legendas que denominavam funções aos representados: fazendeiros, políticos, poetas e suas respectivas esposas e filhas, que se apresentavam em suas melhores poses e configurações. Portanto, entende-se que a revista, para aquelas que tiveram a imagem de suas mães divulgada, adquire função de atestado de distinção social, afirmando uma posição que talvez não seja a mesma em que se veem ocupando atualmente. A postura, a vestimenta e os demais atributos apresentados pelos retratados parecem apontar para algumas questões colocadas por Pierre Bourdieu (1983) quanto às diversas tomadas de posições dentro da estrutura social, que acabam se constituindo como um conjunto de práticas objetivamente delimitadas. As preferências, a apropriação simbólica de determinados materiais e a propensão a algumas práticas "*classificadas e classificadoras*", se instituem como um conjunto de atitudes que exprimem a lógica específica de cada um dos subespaços dados pelas divisões sociais.

Tais reflexões fortalecem a ideia de que para as herdeiras das retratadas as imagens e o contexto da revista se estabelecem como "provas" para a reconstituição de situações. As práticas realizadas no passado são remontadas apresentando um tempo revisitado onde desejos e anseios mesclam-se em meio à realidade presente.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. IN: ORTIZ, Renato (org.). *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1983.
- FABRIS, Annateresa. *Identidades Virtuais: Uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2004.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e Memória: reconstituição por meio da fotografia* IN: ETIENNE, Samain (org.). *O fotográfico*. São Paulo: Editora HUI TEC, 1998.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- LINS DE BARROS, Miriam. *Memória e família*. In: *Estudos Históricos*. N.º.3, 1989.
- RADLEY, Alan. *Artefactos, memória y sentido Del pasado*. IN: MIDDLETON, David; EDWARDS, Derek. *Memoria compartida: la naturzasocial del recuerdo y el olvido*. Buenos Aires: Piados, 1992.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Relatos Oraís: do "indizível" ao "dizível"*. IN: SIMSON, Olga Von (org.). *Experimentos de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.
- THOMSON, Alister. *Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a história Oral e as memórias*. Projeto História. São Paulo, 1995.

Recebido em: 23/04/2009

Aprovado em: 30/08/2009

Publicado em: 03/11/2009

Diversidade e convergência das dinâmicas ambientais e humanas na região da Laguna dos Patos – para um programa de estudo paleo-ecológico do Banhado do Colégio, Camaquã – Rio Grande do Sul, Brasil¹.

Luiz Carlos da Silva Junior²

RESUMO: Este artigo é o resumo da dissertação de mestrado apresentada em Tarragona (Espanha) e serviu para a obtenção do título de mestre em Arqueologia do Quaternário e Evolução Humana pela Universitat Rovira i Virgili. Aborda uma análise teórica dos mounds (cerritos) que aparecem no sul da América do Sul mais especificamente na região do Banhado do Colégio. Comparando a localização dos sítios na paisagem e sua natureza, estabelecendo hipóteses e comparações sobre o que as distintas correntes teóricas se referem sobre sua funcionalidade, espacialidade e complexidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: *América do Sul, Arqueologia, Pré-história, aterros e espacialidade.*

ABSTRACT: This article is a resume of the master's degree dissertation presented in Tarragona (Spain) and it served as requirement for obtaining of master's title in Archeology of the Quaternary and Human Evolution for Universitat Rovira i Virgili. Treat about a theoretical analysis of the mounds (cerritos) appearing in the south of South America, emphasizing a specific area: The Banhado do Colégio. Comparing her with other where they happen sites of same nature, detaching hypotheses worked by the different theoretical currents in what refers to the functionality, monumentality, spatiality and cultural complexity.

KEY-WORDS: *South America, archaeology, prehistory, mounds, spatiality.*

¹ Artigo publicado originalmente em: *Annali dell Università degli Studi di Ferrara - Museologia Scientifica e Naturalistica*, 2008.

² Área de Pré-história de la Universitat Rovira i Virgili, Espanha.

Introdução

O presente trabalho é um resumo da dissertação (*tesina*) defendida no dia 16 de novembro de 2006 na cidade de Tarragona (Espanha) perante tribunal de tese composto por membros da *Universitat Rovira i Virgili* (Espanha) sob direção do seu catedrático na área de Pré-História o Prof. Dr. Eudald Carbonell e membros das demais universidades componentes do consórcio *Erasmus Mundus*. A presente dissertação teve como orientador o Prof.Dr. Luís Miguel Oosterbek do Instituto Politécnico de Tomar (Portugal) e co-orientada pelo Prof.Dr. Robert Sala i Ramos da *Universitat Rovira i Virgili* (Espanha) e pelo Prof.Dr. Fábio Vergara Cerqueira da Universidade Federal de Pelotas (Brasil).

Buscou-se um estudo pormenorizado acerca da bibliografia principalmente, e de um estudo da disposição espacial de um grupo de sítios arqueológicos denominados aterros (FIGURA 01) ou cerritos (pela nomenclatura castelhana) em uma zona pantanosa do sul do Brasil conhecida como Banhado do Colégio, localizada no município de Camaquã. A partir da bibliografia se procurou por meio da bibliografia encontrar similaridades e diferenças entre estes, a fim de comparar com os aterros do referido local, enfatizando principalmente sua disposição na paisagem, e contrastar as hipóteses já conhecidas na arqueologia brasileira e uruguaia a respeito dos cerritos do sul do continente.

Cerritos são sítios arqueológicos comumente conhecidos na linguagem arqueológica como *mounds*, sítios normalmente evidenciados pela existência de montículos artificiais construídos em terra, que de forma geral são salientes na paisagem circundante. Sítios desta natureza são evidenciados em várias partes do planeta, em Europa, nos Estados Unidos e também em outros locais do Brasil, como na Ilha de Marajó, em zonas do Mato Grosso do Sul e no litoral atlântico centro-sul com os chamados Sambaquis.

Distribuídos ao longo de toda costa leste uruguaia e centro-sul do Estado do Rio Grande do Sul o mais meridional do Brasil (FIGURA 02). Estes estão localizados geralmente em zonas baixas e alagadiças em grupos de três, quatro ou cinco montículos, relativamente próximos uns dos outros, não são raros os casos de existência de aterros em zonas altas e interioranas tanto do sul do Brasil quanto do Uruguai, havendo muitas ocorrências de montículos isolados. As dimensões destes são variadas indo desde sete metros até meio metro de altura, podendo ter um diâmetro de 10 a 50 metros em forma ovalada ou elipsóide. A datação mais antiga para o Brasil é de 2.020 AC (C14 – não calibrada) e para o Uruguai de 4.410 AC (C14 – cal.).

O objeto deste estudo são os sítios de *mounds* que aparecem costa atlântica uruguaia e sul do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul. Por meio de pesquisa bibliográfica intensa buscou traçar um panorama comparativo entre os diferentes trabalhos realizados a respeito da temática cerritos do sul do continente sul americano. Pesquisas foram feitas no Brasil e mais intensivamente na República Oriental do Uruguai onde estas tiveram mais êxito e dedicação por parte de seus pesquisadores. A partir disso, se realizou a leitura destes trabalhos a fim de buscar similaridades e diferenças bem como analisar (sem ter a pretensão de resolver) os dois paradigmas ou modelos interpretativos existentes acerca do tema. Na região alvo do estudo pormenorizado o “Banhado do Colégio,” fizeram-se análises de campo como medições, croquis, georeferenciamento e análise dos solos e do entorno, com intuito de, da mesma forma traçar um perfil comparativo com outros trabalhos de regiões distintas. Sabendo que para uma análise comparativa ser mais eficiente seriam necessários mais dados e subsídios na pesquisa do local alvo, porém nossas análises a respeito ficaram restritas a disposição espacial dos *mounds* e sua colocação estratégica ou não na paisagem.

A cultura é um complexo de sistemas e sub-sistemas que é composto por uma grupo social, a cultura material que se detêm o

estudo da arqueologia é somente e nada mais, que um desses sistemas de um todo que corresponde a cultura. Assim quando falamos ou falam de um grupo cultural, se afirma e reafirma a existência deste por meio da existência de um fato realmente concreto: a existência de mounds em uma região circunscrita, é verdade que estes possuem algumas características similares, mas não seriam estes apenas um subsistema do sistema cultural representado pela cultura material? Logo, será possível definir um grupo cultural em uma área tão ampla por meio do aparecimento de estruturas em terra? Trata-se de uma mesma “cultura” arqueológica ou várias culturas?

Estudos dos sítios de cerritos: o modelo

O Modelo Tradicional

O termo “tradicional” surge por primeira vez por meio dos arqueólogos da Nova Arqueologia que consideravam as linhas interpretativas anteriores ao surgimento deste novo enfoque de interpretação. No Brasil principalmente, este modelo serviu durante um longo período (e ainda persiste) como único modelo existente para a interpretação dos sítios de aterros ou mounds do sul país. Os arqueólogos traçavam um mapa de distribuição e de aparição de artefatos, colocando-os numa seqüência estratigráfica e temporal no sítios para posteriormente inseri-las em uma ou outra cultura arqueológica.

A chegada dos primeiros grupos humanos na região de ocorrência de cerritos carece de dados contextuais, remontando provavelmente ao último período glacial (Würm-Winconsin), em condições climáticas mais frias e secas de que as atuais, com um considerável nível de regressão dos mares e lagoas (KERN, 1991). O registro arqueológico é bastante limitado, no sul do Brasil existe apenas um sítio com datação absoluta com data de 12.770 ~ 220 A.P. para o sítio RS-I-50 (KERN, 1991), onde aparecem somente

restos de megafauna com possíveis marcas de processamento. Esses primeiros povoadores do sul do continente, relacionados provavelmente a grupos de origem andina (Pontas rabo-de-peixe ou *fishtail*) são denominados *Tradição Umbú* que está dividida em vinte e quatro fases, em associação com cerritos ou em sítios isolados, a fase mais antiga possui datação de 9.595 ~ 175 A.P. (C14 – não calibrado) e 10.400 ~ 110 A.P. (C14 – não calibrado), na denominada *Fase Uruguai* (SCHMITZ, 1982 in Copé, 1991, p.194).

No momento da transição Pleistoceno-Holoceno que surgem as primeiras estruturas de aterros na região. Dado possivelmente ao isolamento ou diferenciação ocasionada pelos câmbios climáticos do pós-glacial, principalmente com a subida geral dos níveis dos mares. Define o modelo tradicional que o momento inicial do surgimento das estruturas em mounds seria denominado *Tradição Umbú*, que aparece em outras partes do sul do Brasil, e o período “clássico” deste grupo chamado de “*Tradição Vieira*” (SCHMITZ, 1974) quando surge a cerâmica. De forma geral tais grupos eram considerados bandos nômades e semi-nômades que se deslocavam de forma estacional por uma ampla área do sul do Brasil, “os sítios possuem áreas pequenas, possivelmente ocupadas por poucos indivíduos” (COPÉ 1991, p.209). Tais estruturas, seguindo uma noção de cultura de difusora teria surgido no Uruguai e expandido pelo território sul brasileiro. Tais grupos estavam especializados na caça de pequenos animais, na coleta de plantas e frutos silvestres (principalmente o *Butia* – *Butia capitata*) e a pesca nas zonas litorâneas fluviais e marítimas. As estruturas serviriam basicamente para como refúgio artificial para montagem de acampamentos pequenos e para estabelecimento em zonas alagáveis de inverno, dado que em muitos casos os *mounds* estão situados muito próximos a zonas de banhados artificiais, lagoas ou cursos d’água inundáveis em épocas inverniais, “Os aterros parecem representar a base de habitações e serem destinadas a elevá-las acima do nível das inundações inverniais” (BROCHADO, 1974). Apesar de haverem sido encontrados enterramentos humanos em algumas

destas estruturas, tal fato era explicado como simples enterramento de familiar em âmbito doméstico, de pequenos grupos caçadores-coletores-pescadores marginais do sul do continente.

O Modelo Processual

Os estudos sobre cerritos sob o enfoque processualista começou em meados dos anos 80 no seio da arqueologia uruguaia. Estes se formalizam com uma amplitude muito maior, com análises multidisciplinares em um número mais intenso de trabalhos e projetos de pesquisa.

O ambiente do sul do Brasil e leste uruguaio sofreram profundas alterações em um curto período geológico, ocasionadas pelas alterações do nível mar oriundas do último glacial (Würm, estágio isotópico 1). Durante esta, o nível do mar esteve 130m abaixo dos níveis atuais, fazendo desta região uma planície fértil e de alta produtividade (HOLZ, 1999). Mais do que isso, esta planície pode ter servido como ponto de acesso entre a região andina e a planície pampeana, possivelmente os primeiros povoadores desta planície tiveram origem em grupos andinos que, após a última glaciação, e a subida dos níveis marinhos e conseqüentemente o surgimento do Rio da Prata. Os grupos viventes na zona pampeana (Sul do Brasil e Uruguai) acabaram isolando-se e tomando novos rumos em seu comportamento cultural. Estudos revelam que a maioria dos sítios mais antigos se encontra atualmente possivelmente submersos. É durante o evento denominado *Ótimo Climático* (entre 6.000-4.000 anos AP) que ocorrem alterações significativas no processo evolutivo desses grupos, aonde chega ao fim o *período Paleo-indio* e começa o chamado *Período Arcaico* (LÓPEZ, 2002) dos povos construtores de aterros, interrompe-se os trânsito pela paleo-costa e desaparece a paleo-planície ora citada, que dá lugar ao atual estuário do Rio da Prata entre Argentina e a República Oriental do Uruguai. A gênese das

estruturas, situada cronologicamente no V milênio AP., quando são construídas as primeiras estruturas de aterros, sejam possivelmente produto desses grupos de caçadores-coletores pré-cerâmicos ora referidos. Dado a sua intensa mobilidade pelo território, se atribui a função inicial dessas estruturas relacionadas com a questão territorial *“(...) la transformación de los ecosistemas significó un progresivo ajuste en las estrategias de caza y de recolección”* (LÓPEZ, 2002). A estabilização das condições climáticas após o denominado Ótimo Climático entorno aos 3.000 anos AP. leva a uma maior intensificação na construção dos aterros, e um desenvolvimento cultural mais intenso desses grupos humanos, passando ao denominado *Período Formativo* (LÓPEZ, 2001). Além destas hipóteses territoriais se afirma também da função ritualística e funerária dos *mounds*, nestes foram encontrados enterramentos humanos, isolados e em conjunto que demonstra a uma funcionalidade simbólica das estruturas. Após os 3.000 anos AP. aparecem os vestígios de cerâmica no momento em que há um incremento nas construções dos *mounds* numa área mais ampla do território sul americano. Segundo este modelo então, tais grupos eram bem mais complexos do que se imaginava, eram populações grandes que se reuniam em aldeias de porte médio, utilizando tais estruturas como demarcadores territoriais, estruturas internas da aldeia, túmulos e locais de rituais.

“La organización económica de estos grupos tuvo ajustes y transformaciones, con la consolidación de algunos sitios con una ocupación más eficiente a lo largo del año. El modelo propuesto originalmente, de cazadores-recolectores complejos, se inspira en el dislocamiento espacial propuesto por Binford (1980) para colectores, con sitios residenciales logísticos, y sitios de caza en

ambientes de alta productividad” (LÓPEZ, 2001:09).

Complexidade emergente?

Um dos artigos mais importantes e impactantes a respeito dos construtores dos *mounds* sul americanos traz uma série de dados novos que devem ser mencionados aqui. O pesquisador uruguaio José Iriarte escavou no sítio de “*Los Ajos*” um total de 305 m², realizando além de uma série ampla de datações absolutas análise polínica que identificou duas espécies de vegetais “domesticadas”, cultivadas pelos grupos habitantes do sítio de *mounds*. Afirma, então, a existência do cultivo da cucúbita (*cucúbita spp.*) e do milho (*Zea maiz*) (IRIARTE, 2004; 2006). Segundo o mesmo autor, com relação à disposição espacial dos *mounds* de *Los Ajos*, afirma este que tais estruturas estariam localizadas de forma circular ou elipsóide de maneira que se forma ao centro da aldeia uma “praça”, que seria um local de uso comunal pelos membros da mesma. O aparecimento das estruturas e do incipiente cultivo surge ainda no período pré-cerâmico, denominado por ele PMC (*Preceramic Mound Component*), tendo seu incremento a partir dos 3.000 anos AP. no período cerâmico (CMC – *Ceramic Mound Component*). “Our data also provide the first evidence of permanent village living in southeastern South America by people who subsisted on mixed economies and adopted major crop plant such as maize (*Zea maiz* L.) and squash (*cucurbita spp.*) long before previously thought (IRIARTE, 2004, p.617).

O “Banhado do Colégio”

O Banhado do Colégio consistia em um local pantanoso de dimensões médias situado na porção leste do Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, no município de Camaquã, não muito distante

das margens da Laguna dos Patos. Atualmente este pântano foi drenado para facilitar o plantio da lavoura de arroz. Até final da década de 80 existia no local um total de 95 mounds (RUTSHILING, 1989), hoje estes não passam de 20. São os mounds mais setentrionais conhecidos.

Neste local foram analisados três conjuntos de *mounds*, todos compostos por 4 estruturas. Foram encontrados dados similares nestas análises, destes conjuntos as distâncias entre as estruturas eram basicamente parecidas, bem como suas dimensões, havendo uma estrutura maior, costeada por duas menores ligadas por um processo de terraplanagem (possivelmente posterior) com uma estrutura mais distanciada das outras três, numa média de 150m de distância (SILVA JR., 2006). O modelo é bastante similar ao encontrado no sítio uruguaio *Los Ajos*, onde estas estão da mesma forma, dispostas no terreno em forma elíptica, ficando uma estrutura de *mound* mais distante, deixando ao centro um local vazio (Iriarte, 2004). O local de montagem dos *mounds* também é estratégico na paisagem, situam-se em zonas mais elevadas da paisagem. Enfim, a disposição espacial dos sítios arqueológicos do Banhado do Colégio parece seguir o mesmo modelo de espacialidade e arquitetura de construção dos *mounds* de *Los Ajos*.

Conclusões

Com esta pesquisa conseguimos encontrar mais lacunas que grandes respostas, para preencher tais espaços seriam necessárias mais investigações no local alvo, bem como em outros lugares do sul do Brasil.

Por meio da pesquisa bibliográfica acerca dos sítios de *mounds* sul americanos encontramos as seguintes singularidades: Na maioria absoluta a estratigrafia dos *mounds* é similar, um Componente pré-cerâmico mais antigo seguido por um componente Cerâmico mais recente. Igualmente a maioria das ocorrências destes se dá em grupos de 3, 4 ou 5 mounds, colocados no espaço

de forma bastante similar, em disposição ovalóide ou circular com distanciamentos médios parecidos. Os locais preferidos são zonas baixas e pantanosas onde aparecem dezenas de conjuntos de *mounds*; Exceção feita a alguns sítios uruguaios nem sempre é possível visualizar locais de vivenda. Apesar de haver poucas datações absolutas na parte brasileira, parece que os sítios uruguaios são mais antigos.

Como pontos destoantes pode-se destacar que existem sítios em locais com maior altitude em serras, em alguns casos existem *mounds* isolados, o material cerâmico denominado *Tradição Vieira* (SCHIMITZ, 1974) é bastante similar em todas regiões pesquisadas, tanto em Uruguai quanto no Brasil, mas o material faunístico e o lítico difere bastante tanto na matéria-prima como nas formas.

O local alvo do estudo parece seguir o modelo de espacialidade proposto por Iriarte (2004; 2006), mas ressaltamos maiores investigações são necessárias no local para maiores e melhores conclusões, até mesmo porque os sítios do local estão desaparecendo paulatinamente. O questionamento que fica é que se é realmente possível definir um grupo cultural que tinha por denominador comum construir *mounds* em terra como um grupo homogêneo? Mais investigações científicas deverão ser realizadas, com indústria, fauna, cerâmica, etc. para se ter a possibilidade de saber estes homens que construíam tais estruturas nesta ampla região sul americana, se tratava de um grupo cultural homogêneo ou de vários grupos culturalmente distintos, talvez tais estudos possam ser aplicados em nível de tese doutoral.

Figuras



Figura 01

Imagem de um aterro no município sul brasileiro de Santa Vitória do Palmar – RS, Brasil.



Figura 02

Área de ocorrências dos sítios de cerritos – sul do Brasil e leste uruguaio.

Bibliografia

- BECKER, Ítala Irene Basile. O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. IN: KERN, Arno Alvarez. *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1992. p.331-356.
- BECKER, Ítala Irene Basile. Os Índios Charruas e Minuanos na Antiga Banda Oriental do Uruguai. São Leopoldo: Editora Unisinos. 2002.
- BINFORD, Lewis Roberts. Archaeology as Anthropology. *American Antiquity* 28 (2):217-225. 1962.
- BINFORD, Lewis Roberts. A Consideration of Archaeological Research Design. *American Antiquity* 29(4):425-441. 1964.
- BINFORD, Lewis Roberts. Dimensional Analysis of Behavior and Site structure. 1978.
- BINFORD, Lewis Roberts. Dimensional Analysis of Behavior and Site Structure: Learning from an Eskimo Hunting Stand. *American Antiquity* 43(3):330-361. 1978.
- BINFORD, Lewis Roberts. Willow smoke and dogs tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity* 45 (1): 4-20. 1980.
- BITENCOURT, Ana Luisa Vietti. Reconstituição Paleoambiental da Região do Banhado do Colégio, Camaquã, RS. Curso de Pós-graduação em Geociências. Porto Alegre, Universidade Federal de Pelotas. Mestrado: 195. 1992.
- BRACCO, Roberto. Evolución del Humedal y Ocupaciones Humanas en el Sector Sur de la Cuenca de la Laguna Merín. *Arqueología de las Tierras Bajas*. M. d. I. E. y. C.-C. N. d. Arqueología. Montevideo: 99-115. 1996
- BRACCO, Roberto. La Prehistoria de las Tierras Bajas de la Cuenca de la Laguna Merín. *Arqueología de las Tierras Bajas*. M. d. I. E. y. C.-C. N. d. Arqueología. Montevideo: 13-38. 1996.

- BRACCO, Roberto. Técnicas de Construcción y Estructuras Monticulares, Termiteros y Cerrito: de Analógico a lo Estructural. *Arqueología de las Tierras Bajas*. M. d. I. E. y. C.-C. N. d. Arqueología. Montevideo: 287-301. 1996.
- BROCHADO, José Proenza. Pesquisas Arqueológicas no Escudo Cristalino do Rio Grande do Sul (Serra do Sudeste). Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 5 - Resultados preliminares do quinto ano 1969-1970. 26:25-58. 1974.
- CABRERA, Leonel. Funebria y Sociedad entre los "Constructores de Cerritos" del Este Uruguayo. *Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas*. U. d. I. R.-F. d. H. y. C. d. I. Educación. Montevideo: p. 63-80. 1999.
- CABRERA, Leonel. Los Niveles de Desarrollo Socio-cultural alcanzados por los grupos Constructores del Este Uruguayo. *Arqueología de las Tierras Bajas*. M. d. I. E. y. C.-C. N. d. Arqueología. Montevideo: 169-181. 1996.
- COPEÉ, Silvia M. A ocupação pré-colonial do sul e sudeste do Rio Grande do Sul. *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul*. M. Aberto. Porto Alegre. 1991.
- DILLEHAY, Tom. Mapuche ceremonial landscape social recruitment and resource rights. *World Archaeology* 22:223-241. 1990.
- DURÁN, Alicia. *Arqueología de las Tierras Bajas*. Montevideo. 1996.
- GARCIA, Leonardo. *Introducción al Reconocimiento y Análisis Arqueológico del Territorio*. Barcelona. 2005.
- GIANOTTI, Camila. Monumentalidad, ceremonialismo y continuidad ritual. TAPA 19 - Paisajes culturales Sudamericanos. *De las practicas sociales a las representaciones*. GIANOTTI, Camila (coord.): 87-102. 2000.
- IRIARTE, Jose. Vegetation and climate change since 14,810 14C yr B.P. in southeastern Uruguay and implications for the rise of early Formative societies. *Quaternary Research* 65: 20-32. 2006.
- IRIARTE, Jose. Evidence for cultivar adoption and emerging complexity during the mid-Holocene in the La Plata basin. *Nature*, Vol.432: 614-617. 2004.

- KERN, Arno Alvarez. Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1991.
- LOUREIRO, André. Os Aterros (cerritos) na Fronteira Brasil-Uruguai: Uma abordagem histórica e conceitual IN: TECNHE, 2003. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar. Vol. 8, p. 105-113. 2003.
- LÓPEZ, José. Aproximación al Territorio de los "Constructores de Cerritos". Arqueología en el Uruguay 120 después : VIII Congreso Nacional de Arqueología Uruguaya., Maldonado. 1994.
- LÓPEZ, José. Construcción del Paisaje y Cambio Cultural en las Tierras Bajas de la Laguna Merín (Uruguay). Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas. U. d. I. R.-F. d. H. y. C. d. I. Educación. Montevideo: 35-61. 1999.
- LÓPEZ, José. Investigación arqueológica y usos del pasado: Las tierras bajas del Este de Uruguay. TAPA 19 - Paisajes culturales Sudamericanos. *De las practicas sociales a las representaciones*. GIANOTTI, Camila (coord.): 63-74. 2000.
- LÓPEZ, José. La construcción de túmulos entre cazadores-colectores complejos del Este de Uruguay. IX Congresso da Sociedade Arqueológica Brasileira.
- LÓPEZ, José. La localidad arqueológica de Rincón de Los Indios (Rocha/Uruguay). Montevideo.
- LÓPEZ, José. Trabajos en Tierra y Complejidad Cultural en las Tierras Bajas del Rincón de los Índios. Arqueología de las Tierras Bajas. M. d. I. E. y. C.-C. N. d. Arqueología. Montevideo: 271-286. 1996.
- LÓPEZ, José. Relaciones entre el Litoral Atlántico y las Tierras Bajas. Arqueología de las Tierras Bajas. M. d. I. E. y. C.-C. N. d. Arqueología. Montevideo: 39-47. 1996.
- LÓPEZ, José. Investigación en el Sitio Potrero Grande (Punto Geodésico) (Rocha, Uruguay), Montevideo.
- LÓPEZ, José e PINTOS, Sebastián. Distribución Espacial de Estructuras Monticulares en la Cuenca de la Laguna Negra. Arqueología de las Tierras Bajas. M. d. I. E. y. C.-C. N. d. Arqueología. Montevideo: 49-57. 1996.

- LÓPEZ, José e SUAREZ, Rafael. Archaeology of the Pleistocene–Holocene transition in Uruguay: an overview. *Quaternary International* 109-110 : 65-76. 2003.
- LÓPEZ, José e SANS, Mónica. *Arqueología y Bioantropología de las Tierras Bajas*. Montevideo, Universidad de la República- Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. 1999.
- LÓPEZ, José e PIZZORNO, Gabriel. *Arqueología de las Tierras Bajas de la Cuenca de la Laguna Merín*. Uruguay, Internet. 2002.
<http://www.uruciencias.com/Suple01/arqueologia01.htm>
- MARTINS, Carlos Xavier. *Atualização e Indexação das Fases e Tradições Arqueológicas Brasileiras*. Congresso da Sociedade Arqueológica Brasileira.
- PEREIRA, Cláudio. Os cerritos na Bacia da Lagoa Mirim e as origens do Índio Minuano. Curso de Pós-graduação em História e Formação Social, Política e Cultural do Rio Grande do Sul. Pelotas/RS, Universidade Católica de Pelotas. Especialização: 104. 2005.
- PINTOS, Sebastián. Cazadores recolectores Complejos: Monumentalidad en tierra en la Cuenca de la Laguna de Castillos. Uruguay. TAPA 19 - Paisajes culturales Sudamericanos. *De las practicas sociales a las representaciones*. GIANOTTI, Camila (coord.). 75-86. 2000.
- PINTOS, Sebastián. Economía "Húmeda" del Este del Uruguay: el Manejo de Recursos Faunísticos. *Arqueología de las Tierras Bajas*. M. d. I. E. y. C.-C. N. d. Arqueología. Montevideo.: 249-266. 1996.
- PRIETO, Oscar. Informe Preliminar sobre Investigaciones Arqueológicas en el Departamento de Treinta y Tres, R. O. Uruguay. Publicaciones Avulsas nº1 - Instituto Anchietano de Pesquisas - UNISINOS. 1970.
- REDMAN, Charles. *Human Impact on Ancient Environments*. The Arizona Board of Regents: The University of Arizona Press. 1999.
- RENFREW, Colin e BAHN, Paul. *Arqueología – Teoría Métodos y Práctica*. Madrid: Akal. 1993.

- ROGGE, Jacques. Assentamentos Pré-coloniais no Litoral Central do Rio Grande do Sul: Projeto Quintão. IX Congresso da SAB - Sociedade Arqueológica Brasileira.
- ROGGE, Jacques. Fenômenos de Fronteira: Um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas Pré-históricas no Rio Grande do Sul. Centro de Ciências Humanas - Programa de Pós Graduação em História. São Leopoldo/RS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Doutorado.: 241. 2004.
- ROGGE, Jacques. Função e Permanência em Assentamentos Litorâneos da Tradição Tupiguarani: Um Exemplo do Litoral Central do Rio Grande do Sul. IX Congresso da SAB - Sociedade Arqueológica Brasileira.
- RUTHSCHILLING, Ana Luisa. Pesquisas Arqueológicas no Baixo Rio Camaquã. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil - Documentos 03. I. A. d. P.-. UNISINOS. São Leopoldo/RS. 1989.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul. M. Aberto. Porto Alegre. 1991.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Sítios de Pesca Lacustre em Rio Grande, RS, Brasil. Departamento de Ciências Sociais. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC/RS. Docente-livre: 237. 1976.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. BEBER, Marcus. Aterros no Pantanal do Mato Grosso do Sul, Brasil. Arqueología de las Tierras Bajas. M. d. I. E. y. C.-C. N. d. Arqueología. Montevideo: 65-70.1996.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil - Documentos 07. Sao Leopoldo. 1997.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Os aterros dos campos do sul: a Tradição Vieira. Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul. M. Aberto. Porto Alegre. 1991.

- SILVA, Luiz Carlos. Evidências Arqueológicas no Município de São Lourenço do Sul, RS. Instituto de Ciências Humanas Pelotas/RS, Universidade Federal de Pelotas. Especialização: 68. 2004.
- SILVA, Luiz Carlos. Dinâmicas ambientais e humanas na região da Laguna dos Patos – Para um estudo paleoecológico da região do Banhado do Colégio, Camaquã-RS, Brasil. Dissertação de Mestrado. Universitat Rovira i Virgili, defendida em novembro de 2006. 2006.

Recebido em: 13/06/2009
Aprovado em: 02/10/2009
Publicado em: 03/11/2009

Onde, como e quando? Construindo um padrão de assentamento dos Sítios arqueológicos na região de Caxias do Sul, RS¹

Rafael Corteletti²

RESUMO: Neste artigo serão lançadas idéias sobre sítios arqueológicos mapeados na região de Caxias do Sul, de Flores da Cunha e de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil. Nesses três municípios do planalto norte gaúcho foi delimitada, a partir de critérios arqueológicos e fisiográficos, uma Zona de Estudos em que aparecem vestígios das Tradições arqueológicas Taquara, Tupiguarani e Umbu, dispersos em 48 assentamentos. No levantamento de campo, foi elencada uma série de variáveis para auxiliar na tarefa de propor uma contextualização da ocupação do planalto. Entre as variáveis fisiográficas e arqueológicas, utilizadas para a elaboração do padrão de assentamento, estão a altitude, a fitogeografia, a área abrangida pelos sítios, os tipos de sítios, a distância deles até a água, o tipo de fontes de água, o número de estruturas de piso rebaixado por sítio, as dimensões de diâmetro e profundidade das estruturas de piso rebaixado, a cronologia obtida a partir da análise radiocarbônica e de termoluminescência, a inserção no modelado do terreno, a orientação solar, os ventos predominantes e o campo de visão. A compilação destes dados de distribuição e implantação arqueológica e a observação de suas características têm por objetivo criar um padrão de assentamento das populações de origem Jê na referida área. Em síntese, a interpretação dos dados obtidos pela pesquisa estabelece que os sítios arqueológicos da Zona de Estudos foram construídos em local alto, com ampla visão da paisagem, buscando uma insolação matinal maior, dentro da mata de araucária e com nascente de água próxima. Os assentamentos normalmente têm poucas e pequenas estruturas de piso rebaixado, resultando em pequenas áreas ocupadas por estes. E, ao que tudo indica, o contingente populacional era maior no outono, época de maior disponibilidade de alimentos. As estruturas subterrâneas foram ocupadas por curtos períodos, gerando assentamentos com séries de reocupações que se estenderam na área em questão, entre os séculos VI e XIV.

PALAVRAS-CHAVE: *Arqueologia Pré-Colonial; Casas Subterrâneas; Padrão de Assentamento.*

¹ Artigo completo da conferência apresentada no do XIV Congresso da SAB e I Congresso Internacional de Arqueologia da SAB, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Setembro de 2007.

² Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil; (2006-2007).

ABSTRACT: This paper will launch ideas about archaeological sites mapped in the region of Caxias do Sul, Flores da Cunha and São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil. Based on archaeological and physio-geographical criteria an area in which studies show traces of the archaeological traditions Taquara, Tupiguarani and Umbu scattered across 48 settlements, was defined in these three counties of the northern gaúcho plateau. In the field survey, a series of variables were defined to aid in the task of proposing a context of occupation of the plateau. The archaeological and physio-geographic variables used for the preparation of settlement pattern include altitude, phytogeography, the area covered by the sites, the types of sites, their distance to water, the type of water sources, the number of pit houses per site, the dimensions of diameter and depth of the pit houses, the chronology obtained from the analysis of radiocarbon and thermoluminescence, the inclusion in the modeling of terrain, solar orientation, prevailing winds and visibility. The distribution and characteristics of the data is observed, with the intention to create a settlement pattern of Jê populations in the area. In summary, the interpretation of data obtained in the survey indicates that the archaeological sites of the Study Area were built on higher ground, with a broad view of the landscape, seeking greater morning sunshine, in the Araucaria forest and with a water source nearby. The settlements usually consist of small and few pit houses structures, resulting in small areas occupied by them. By all indications, the population was higher in autumn, during a time of greater food availability. The pit houses structures were occupied for short periods, generating a series of settlements with re-occupations which extended the area in question, between the VI and XIV centuries.

KEY-WORDS: *South Brazilian Highlands Archaeology, Pithouses, Settlement pattern.*

Introdução

Neste artigo serão lançadas ideias sobre a Distribuição e a Implantação de 48 dos sítios arqueológicos mapeados na região de Caxias do Sul, de Flores da Cunha e de São Francisco de Paula. Nesses três municípios foi delimitada uma Zona de Estudos, a partir de critérios arqueológicos e fisiográficos, com aproximadamente 840 km², em que vestígios da Tradição Taquara aparecem em 46 assentamentos (sendo que um contém também material cerâmico Tupiguarani e outro material lítico Umbu), além de 02 sítios com vestígios da Tradição Tupiguarani. Nos anos de 1999, 2000 e 2006 o

autor realizou levantamento de campo em que além de registrar 4 novos assentamentos, efetivou a atualização dos dados de 44 sítios que haviam sido catalogados no ano 1966, pelos arqueólogos Luis Fernando La Salvia e Pedro Ignacio Schmitz. A compilação destes dados de distribuição e implantação arqueológica e a observação de suas características têm por objetivo criar um padrão de assentamento das populações de origem Jê na referida área.

A *Distribuição* é entendida como a disposição dos sítios arqueológicos no espaço de maneira horizontal, percebendo seus tipos e a quantidade de vezes que eles ocorrem em determinada paisagem; e a *Implantação* é entendida como o posicionamento dos sítios arqueológicos no espaço de maneira vertical, observando as características gerais da paisagem em que os diversos tipos deles se estabelecem. Os dados numéricos colocados em análise devem ser olhados como vestígios remanescentes de uma sequência de ocupações, desde os primeiros habitantes até os dias de hoje, que intervieram e alteraram por diferentes motivos e em diferentes graus de intensidade a paisagem que cerca os sítios.

Apesar de sabermos que alguns dos dados obtidos podem nos levar a suposições errôneas, sobre o comportamento dos homens e mulheres que construíram e viveram os assentamentos de casas subterrâneas, é deste mostruário de dados a responsabilidade de nos ajudar a criar um cenário de interatividade para tal grupo humano. Sabendo que a interpretação deste banco de dados criará *“regularidades explicáveis mais que explicações propriamente ditas”* (TRIGGER, 1992:31), procuramos deixar mais fidedigna essa análise buscando comparar esse banco de dados com o produzido por conceituadas campanhas de pesquisas realizadas até então.

Ao iniciar este processo de observação dos dados numéricos, obtidos no levantamento de campo, foi elencada uma série de variáveis para auxiliar na tarefa de propor uma contextualização da ocupação do planalto. Os arqueólogos utilizam o termo contexto de diversas formas, mas sempre fica implícito o fato de significar uma

conexão ou entrelaçamento de dados em uma situação concreta. Para obter-se “um contexto” é necessário buscar os conjuntos humano e físico interpretando-os e explicando-os a partir da exaustiva análise de semelhanças e diferenças entre eles (HODDER, 1988:156). As pesquisas realizadas nos últimos anos vêm gerando subsídios para que tal contextualização seja realizada. Porém, para a sua afirmação, são necessárias mais prospecções e escavações que estejam preocupadas em ampliar e consolidar, para estas populações, a definição de um padrão e de um sistema de assentamento em vários níveis de abrangência, intra-sítio e entre sítios.

O estabelecimento do padrão e do sistema de assentamento é um complexo exercício teórico de inter-relações de variáveis ecológicas, espaciais, arqueológicas e etnográficas. O conhecimento e o jogo destas variáveis gerarão uma organização de distribuição e implantação dos sítios como um todo na paisagem. Em linhas gerais, o padrão de assentamento são as relações “*geográficas e fisiográficas de um grupo de sítios de uma determinada ‘cultura’*”, já o sistema de assentamento são as “*relações funcionais entre os sítios inseridos em um determinado padrão*” (WINTERS apud LANATA, 1993:4). Entre as variáveis fisiográficas e arqueológicas, utilizadas para a elaboração do padrão de assentamento na Zona de Estudos, estão a altitude, a fitogeografia, a área abrangida pelos sítios, os tipos de sítios, a distância deles até a água, o tipo de fontes de água, o número de estruturas de piso rebaixado por sítio, as dimensões de diâmetro e profundidade das estruturas de piso rebaixado, a cronologia obtida a partir da análise radiocarbônica e de termoluminescência, a inserção no modelado do terreno, a orientação solar, os ventos predominantes e o campo de visão (FIGURA 01).

Um entendimento mais exato do que é o sistema de assentamento nos faz refletir sobre os sítios de um determinado grupo humano inseridos em uma janela cronológica e um lugar específico onde estariam sujeitos a uma série de características

próprias de distribuição, forma, função e hierarquia que gerariam a compreensão da organização deste grupo ao longo de um ciclo anual. As diferenças de organização espacial estariam sujeitas à variação sazonal de recursos; ao uso dos assentamentos de maneira diferenciada; e à ocupação dos assentamentos por “classes sociais” distintas de um mesmo grupo (FORSBERG *apud* ROGGE, 2003: 44). Portanto, o estabelecimento de um sistema de assentamento, para o grupo aqui estudado, a partir de relações funcionais tão somente entre os sítios arqueológicos da Zona de Estudos proposta para análise, fica prejudicado, pois ela é um recorte do território do grupo em questão e, exatamente por isso, não daria conta da criação de um modelo teórico suficientemente sólido. O território reconhecido dos grupos de origem Jê é composto por três ambientes: o planalto com campo e araucárias, a encosta e os vales florestados e a planície litorânea com lagoas e restingas. Mas mesmo assim há a possibilidade de fazer inferências funcionais a respeito das diferentes categorias de sítios que encontramos nesse recorte territorial – ali aparecem sítios habitação, grutas com sepultamento, sítios superficiais litocerâmicos, e até um sítio numa ilha, que pode ter sido palco de um misto de atividades.

Buscando compreender as comunidades que, em todo o Planalto da Bacia do Paraná, nos vales e nas partes litorâneas, deixaram como principais vestígios arqueológicos as estruturas arquitetônicas subterrâneas, os montículos ou aterros, as grutas com sepultamento e os sítios superficiais com material litocerâmico das tradições Itararé e Taquara, apresentamos algumas características de sua organização social, econômica e territorial. O domínio dos três ambientes lhes daria maiores chances de sobrevivência, já que *“o sistema era altamente vulnerável e a falta de qualquer uma destas áreas poria em risco a sobrevivência da população exigindo importantes reformulações”* (SCHMITZ & BECKER, 1991:88). O fato de existirem sítios de uma mesma tradição arqueológica nos três ambientes, unido ao conhecimento etno-histórico de que os grupos indígenas históricos migravam por eles,

leva os pesquisadores a acreditar que tal rotatividade sazonal em busca de uma complementação alimentar tenha ocorrido também com os grupos pré-históricos (SCHMITZ, 1988:120). Tais grupos indígenas históricos foram através dos anos sendo conhecidos por diversas nomenclaturas, tais como Coroados, Botocudos, Cabeludos, Kaaguás, Gualachos, Guaianás, Bugres, etc. que eram utilizados para definir grupos do tronco Macro-Jê, até que, em 1882, Telêmaco Borba os definiu como Kaingáng para diferenciá-los de outros grupos da região (BECKER, 1988:131).

Essas inferências, apontadas a partir do cruzamento de dados arqueológicos e etnográficos, nos fazem acreditar, definitivamente, que os engenheiros da terra estão relacionados com as populações Kaingáng, pelo menos nos sítios datados para o século XIX, e nos *"demais, por extensão, aos seus antepassados menos e mais remotos"* (SCHMITZ, 2005:189). Tal grupo tinha uma economia baseada na coleta intensiva de sementes, na caça e em cultivos incipientes (SCHMITZ, 2006:17-19). A busca pela compreensão dos moldes econômicos deste grupo indígena sempre foi uma constante no debate científico e várias hipóteses já foram sugeridas ao longo do tempo. Para LA SALVIA (1987:8) este grupo seria caçador-coletor e, depois, já histórico, agricultor incipiente. MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO (1985:89) e SCHMITZ & OUTROS (1988:74) sugeriram que eles eram caçadores-coletores com cultivo incipiente. SCHMITZ (1988:121) também fala em organização tribal e, a partir do contato com os Tupiguarani um aperfeiçoamento das técnicas hortícolas – SCHMITZ & OUTROS (1988:74). BEBER (2004:251) caracteriza *"a ocupação do planalto como uma adaptação a um ambiente rico em pinhão, por grupos baseados na organização tribal, especializados na coleta e utilização do pinhão e muito possivelmente complementada com uma horticultura realizada principalmente nas várzeas dos rios."*

Os dados das últimas pesquisas levam SCHMITZ (2006:18) a concluir que *"o índio Kaingang não era um caçador-coletor nômade, como se acredita terem sido os índios da tradição Umbu, os quais*

explorariam os recursos naturais de acordo com as estações, ora num lugar, ora num outro, sem construir aldeias, mas vivendo em acampamentos de ocasião. Também não era um agricultor como o Guarani, que vivia em aldeias estáveis e se alimentava com os produtos de suas roças, complementados com a caça e a pesca nos arredores do assentamento; as casas desses agricultores nativos eram ocupadas durante vários anos e substituídas por outras novas, em área virgem da mata, quando as velhas estavam em mau estado e os recursos dos arredores muito esgotados. O Kaingang ocupava um meio-termo entre o caçador-coletor generalizado e o agricultor semi-sedentário da mata."

Seguindo esta lógica verificamos que na conjugação dos três ambientes já citados há disponibilidade de alimentos de maneira razoável durante o ano todo, ora num ambiente ora no outro, e muitos dos assentamentos do planalto, como veremos, estão posicionados em função da ocorrência da mata de araucária. A mobilidade do grupo inteiro pelos três ambientes é bastante improvável, em função das grandes distâncias a serem percorridas entre litoral e planalto, principalmente se imaginarmos os indivíduos mais novos e os mais idosos em locomoção, além da necessidade, e isso é relatado na etno-história, de manutenção do território em torno dos pinheirais. Para SCHMITZ & BECKER (1991: 87) *"o tempo mais bem abastecido do ano parece ter sido o verão e o outono (...). O tempo menos bem abastecido parece ter sido o inverno e a primavera. (...) Esta situação levaria naturalmente os grupos (...) a se dispersar em pequenas partidas de caça, como faziam os kaingáng do século XIX, deixando as aldeias com um mínimo de pessoas, até que os produtos agrícolas e coleta de pinhões novamente permitissem a convivência de todas as famílias."*

Examinando então a hipótese de que poderia existir uma migração parcial por estas paragens, baseada na ocorrência da cerâmica nos três ambientes e nas migrações dos grupos indígenas históricos, recorreremos a Lewis Binford que estabelece duas conceituações que tentam ligar mobilidade e moradia. *"Uma ele*

chama de 'semi-nômade', aplicada a povos de altitude, possuidores de 'sítios-casa' de verão, habitados em uma sucessão aos tempos frios de um ano. A outra de 'semi-sedentária', para populações com mobilidade conjugada a permanências relativas em 'sítios-casa'. Destes, são feitas 'incursões sazonais' com os acampamentos residenciais se movendo de um lugar a outro." Ele completa "que um alto investimento em 'moradia não-transportável' pode apontar para uma conexão entre uma planejada estadia ou uma localização bem pensada em termos de espaço e paisagem (BINFORD apud REIS (1997:108,109). A idéia de "semi-sedentarismo", a partir de mobilidades realizadas entre "sítios-casa", ou entre estes e os "sítios-acampamento", ou ainda para sítios dos vales e do litoral, pode ser defendida nesta problemática quando verificamos a reocupação, através dos dados cronológicos, de alguns dos sítios já escavados. O que Binford sugere como "localização bem pensada" é, na verdade, a resposta da nossa busca pelo padrão de assentamento destas comunidades e o objeto deste texto.

Estas suposições corroboram a idéia de SCHMITZ & BECKER (1991:87-88) de que "as aldeias teriam pulsações estacionais, como só iria acontecer nos grupos indígenas horticultores. O tempo da fartura (verão e outono) geralmente corresponde a uma convivência festiva, com abundância de rituais, nas aldeias residenciais. O tempo da escassez (inverno e primavera) corresponde a uma convivência familiar nos acampamentos dispersos. (...) Na medida em que os recursos produzidos podiam ser compartilhados por toda a população, quer através da troca entre as aldeias, quer através de migrações individuais, familiares ou plurifamiliares, a sobrevivência do grupo estaria garantida."

A mobilidade entre os três ambientes e manutenção da territorialidade ao que tudo indica foi complicada. Num primeiro momento porque o Tupiguarani estava ocupando os vales e o litoral e em alguns casos subindo o planalto (como provam os sítios RS 129 CXS, RS 131 CXS e RS 38/126 CXS). E depois com a chegada europeia, que primeiramente (no século XVIII) ocupou a várzea do

Jacuí, o litoral sul de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul e os Campos de Cima da Serra; e posteriormente (no século XIX) povoaram as várzeas dos Rios dos Sinos, Caí e Taquari e as encostas florestadas destes rios e seus afluentes. Com certeza as dificuldades de circulação nos três ambientes e as dificuldades de manutenção dos padrões culturais estão intimamente atreladas ao aumento da densidade demográfica de europeus e descendentes no continente.

1. A Distribuição e a Implantação dos Sítios Arqueológicos

A partir destas palavras iniciais começamos a perceber a distribuição e a implantação dos sítios no espaço não mais de maneira aleatória, mas buscando um entrelaçamento entre eles, apesar de não termos a certeza de uma sincronia entre eles. As pesquisas até o momento produziram uma série de categorias de sítios conforme a época e o “olhar” do pesquisador em ação:

◊ Eurico Miller (1971) define três categorias nas pesquisas nos vales dos rios Uruguai, Pelotas e Antas: 1) Sítios habitações em campo aberto, localizados às margens do alto Rio Pelotas; 2) Cemitérios em abrigos sob rocha, incrustados nos paredões dos rios; e 3) Casas subterrâneas nas áreas dominadas pelos campos e capões.

◊ Pedro Augusto Mentz-Ribeiro e Catharina Torrano Ribeiro (1985) estabelecem para a área de Esmeralda (hoje Pinhal da Serra) cinco categorias de sítios: 1) Sítios de Campo aberto: sítios com material lítico ou lítico e cerâmico localizados em locais planos, altos ou em encostas suaves voltadas para o norte; 2) Casas subterrâneas: com concentrações variando de uma até vinte e uma casas; 3) Locais com estruturas: em áreas altas e planas, com grande visibilidade. Duas têm forma circular e uma é composta de dois círculos e um trapézio colados. Locais cerimoniais ou de defesa; 4) Galerias subterrâneas: formadas

pela erosão pluvial e aproveitadas pelo homem; e 5) Cavernas e Abrigos sob Rocha: que apesar de não terem fornecido vestígios são ao que tudo indica e em função de testemunhos locais, áreas de sepultamento.

◊ Arno Kern, José Otavio De Souza e Fernando Seffner (1989) elencam quatro tipos de sítios para a área de Vacaria e Bom Jesus: 1) Aldeias de habitações subterrâneas e seus territórios, localizadas em topos de platôs e limitados pelos vales escarpados; 2) Sítio – fonte de matéria prima, caracterizado como uma praia de seixos junto à margem esquerda do Rio Pelotas; 3) Sítios – acampamento, caracterizados por conter material lítico e cerâmico, mas sem estruturas subterrâneas, localizados tanto em pequenos platôs como em terraços na encosta do vale; e 4) Casas subterrâneas isoladas e de grande porte, localizadas em topo de platô, mas não na parte mais elevada, tal como os conjuntos de casas.

◊ Pedro Ignácio Schmitz e Ítala Irene Basile Becker (1991) definem três tipos de sítios, já visualizando a ocupação do planalto ao litoral: 1) as aldeias de casas subterrâneas no planalto; 2) as aldeias de choças de palha em terrenos mais baixos e quentes; e 3) outros sítios, que parecem refúgios temporários, como os abrigos rochosos e as galerias subterrâneas.

◊ Marcus Vinicius Beber (2004) sintetiza o debate e apresenta quatro tipos de sítios: 1) Áreas entaipadas, tal como os “Locais com Estruturas” de Mentz-Ribeiro & Ribeiro; 2) Sítios compostos por casas subterrâneas e montículos, situados próximos ao topo das elevações; 3) Sítios litocerâmicos, ou sítios superficiais sem engenharia de terra; e 4) Abrigos com sepultamento.

Na presente pesquisa foram mapeadas apenas três destas categorias da síntese de Beber: os Sítios Superficiais, os Sítios de Casas Subterrâneas e os Sítios Grutas com Sepultamento. A categoria de sítio classificado por MENTZ-RIBEIRO & RIBEIRO (1985: 85-86), no vale do Pelotas, como “Locais com Estruturas” e segundo eles também mapeados em Santa Catarina, Paraná e na Argentina - por ROHR (1971), CHMYZ (1968) e MENGHIN (1956) respectivamente - não foi encontrada nesta porção mais sul do planalto, entre os vales do Caí e Antas. COPÉ, SALDANHA & CABRAL (2002: 130, 131, 132) durante as pesquisas na UHE Barra Grande, em Pinhal da Serra, no sítio RS-PS-21, passaram a chamar essa categoria de vestígio de *“Sítio com Estrutura Circular em Alto Relevo”*. A escavação de uma delas revelou *“aglomerados de concreções avermelhadas e escuras, possuindo no centro muitos fragmentos de ossos pequenos, alguns deles bastante calcinados, além de duas fogueiras, contendo no seu interior também ossos misturados”* e provou uma das suposições lançadas pelos pesquisadores que os antecederam: a de que estas estruturas seriam locais cerimoniais. Copé, Saldanha & Cabral concluem que *“o montículo central certamente foi utilizado para encerrar os restos de fogueiras onde foi realizada a cremação de ossos, ligando a estrutura com uma função funerária”*.

O Mapa revela a distribuição das três categorias de sítios da Tradição Taquara identificados na Zona de Estudos. Nele ainda observamos a ocorrência de sítios da Tradição Tupiguarani e da Tradição Umbu em locais pouco comuns para a sua ocorrência, como o topo dos Patamares da Serra Geral. Os três sítios com vestígios Tupiguarani ficam próximos a afluentes do Rio Caí que tinha suas várzeas ocupadas por essa população (MENTZ-RIBEIRO, 1968:155-156). Um dos sítios, o RS 129 CXS, no alto das vertentes que abastecem o Arroio Pinhal é um sepultamento isolado de uma criança. Outro, o RS 131 CXS, fica próximo à região dos Campos de Cima, na margem direita do Rio Piaí, num dos pontos mais altos da

região. E o terceiro sítio com vestígio Tupiguarani, ao que tudo indica, parece ser uma prova do contato entre a população que dominava o planalto e a população que dominava o vale. O sítio RS 38/126 CXS fica em meio à concentração de sítios de Água Azul, na margem esquerda do Rio Piaí. Nele foram encontrados centenas de fragmentos de cerâmica Tupiguarani e Taquara junto a três casas subterrâneas, e a menos de 200m do sítio 37/127 CXS, que foi ocupado durante pelo menos 700 anos e hoje contém 40 estruturas preservadas. Aliás, na escavação de uma das estruturas de RS 37/127 CXS, foi encontrada uma vasilha Tupiguarani intacta. O sítio com vestígios da Tradição Umbu está postado na margem direita do Rio Piaí, praticamente no divisor de águas para a bacia do Rio Das Antas, numa área bastante semelhante à que, na capela Santo Antônio em Criúva, durante a execução do Projeto São Marcos, foram encontrados vestígios desta tradição (RS-A-66, com duas pontas de projétil). Futuras pesquisas devem aprofundar a compreensão da territorialidade Umbu na região sul do Brasil, em especial nas terras altas. De antemão pode-se dizer que a ocorrência destes sítios, como outros em Nova Petrópolis (RS 311/C22, em que foram encontradas oito pontas de projétil), em Flores da Cunha (RS 111 FOC, em que foram encontradas duas e relatadas outras pontas de projétil), em São Francisco de Paula (onde aparecem nove sítios ligados a caçadores-coletores, um deles, RS-S-308, datado de 735 a 415 AP) e em Taió, Santa Catarina (onde mais de 20 sítios apresentam pontas de projétil), atesta que o grupo caçador-coletor, que tradicionalmente ocupou as terras baixas e as zonas campestres também se aventurou pelas vertentes florestadas e provavelmente pelos campos de altitude.²

² Os dados do sítio RS-A-66 e dos de Taió (SC) foram obtidos a partir de comunicações pessoais com a equipe do IAP; os de São Francisco de Paula foram obtidos em monografia de Mariana Petry Cabral (2000), fornecida pelo Prof. André Jacobus; e os de RS 311/C22 e RS 111 FOC são provenientes de suas FRSA, arquivadas no IAP.

Observando a totalidade dos vestígios percebemos que 36 sítios (74%) em questão apresentam casas subterrâneas, 06 (13%) deles são sítios com sepultamento e 06 (13%) são sítios superficiais. A proporção encontrada somente entre os sítios da Tradição Taquara apresenta os mesmos 36 (78%) com casas subterrâneas, porém o número de sítios com sepultamento cai para 05 (11%) da mesma forma que os sítios superficiais que também ficam em 05 (11%). A diferença é resultado da exclusão dos sítios RS 129 CXS (sepultamento Tupiguarani) e RS 131 CXS (sítio superficial Tupiguarani). O sítio RS 38/126 CXS, em que há cerâmica Tupiguarani associada às casas subterrâneas é compreendido como pertencente a Tradição Taquara, da mesma forma que o “Sítio das Flechas”, em que há vestígios das Tradições Umbu e Taquara.

Comparando estes dados da relação entre tipos de sítios da Tradição Taquara com os de outras pesquisas realizadas, notamos uma diferença entre as proporções. Na Zona de Estudos, 11% dos sítios são superficiais, e se observarmos o mapa da distribuição dos sítios veremos que vastas áreas ficam desprovidas desta ocorrência. A analogia com a área mapeada por Mentz-Ribeiro & Ribeiro, no vale do Rio Pelotas, mostra que os sítios superficiais lá somam 35% do total, enquanto os sítios de casas subterrâneas são 50%. Na área mapeada por Kern, Souza & Seffner, também no vale do Rio Pelotas, encontramos 25% dos sítios como superficiais e 75% como de casas subterrâneas. Quando MILLER (1971: 37-70) mapeou as margens do alto Rio Pelotas, alto Rio Uruguai e alto Rio das Antas em 1969, 91% dos sítios da Tradição Taquara registrados eram superficiais e 6% eram de casas subterrâneas³. Nas prospecções do Projeto Vacaria, realizadas pelo IAP entre 1998 e 2002, não foram identificados sítios superficiais e o registro de sítios com casas subterrâneas chegou a 95% do total. No atual projeto desenvolvido pelo IAP em São

³ O mapeamento de Miller identificou 109 sítios sendo: 15 de fases pré-cerâmicas, alguns com pontas de projétil, na Fase Araponga; 13 da Tradição Tupiguarani; e os demais, somando 80 da Fase Guatambu da Tradição Taquara, subdivididos em sítios superficiais de campo aberto, sítios de casas subterrâneas e abrigos sob rocha.

Marcos, desde 2003, os números se assemelham com os da Zona de Estudos quando 18% dos sítios são superficiais e 68% aparecem com estruturas subterrâneas e/ou semilunares.

Esta constatação pode ter tal característica por três motivos: o primeiro é o de que as prospecções realizadas até então foram insuficientes; o segundo pode estar relacionado ao fato de que a realização das prospecções esbarrou na dificuldade de identificar sítios superficiais em áreas florestadas ou, quando não florestadas, mais densamente povoadas e até utilizadas para a agricultura; e o terceiro é de que tal constatação pode estar ligada à territorialidade das diferentes morfologias da cerâmica da Tradição Taquara. Entre os vales do Rio das Antas e do Rio Caí, na região da Fase Taquara, a proporção entre os sítios superficiais e os com casas subterrâneas é bem menor do que aquela mais ao norte, entre o vale do Rio das Antas e do Pelotas, região da Fase Guatambu, local das pesquisas que geram os dados que estabelecem maior quantidade de superficiais em relação ao todo. Essa hipótese, de características territoriais percebidas através da diferença na morfologia da cerâmica e da diferença de proporção entre tipos de sítios, poderia, quem sabe, explicar a inexistência de estruturas cerimoniais na Zona de Estudos.

É certo que os sítios superficiais, sejam litocerâmicos ou apenas líticos, fazem parte do sistema de assentamento dos construtores das casas subterrâneas e que neles algumas atividades específicas são realizadas. Entender a distribuição dos mesmos no espaço geográfico e as atividades desenvolvidas neste espaço humanizado (de manufatura de instrumentos, de busca por matérias-primas, ou de habitação, ou domésticas, ou de passagem num processo migratório) nos aproximará mais da compreensão do sistema de assentamento destas populações.

O pequeno número de grutas com sepultamento em relação à totalidade de sítios da Tradição Taquara na Zona de Estudos pode revelar a ocorrência de outros métodos para sepultar os mortos, como é suposto para alguns dos inúmeros montículos de RS 37/127

CXS ou como em RS-PS-21, escavado por Copé, Saldanha & Cabral. A ocorrência das grutas com fragmentos ósseos revela a necessária existência de assentamentos (sejam eles superficiais ou de casas subterrâneas) em sua periferia, já o inverso pode não ser plausível. Observando o Mapa percebemos por duas vezes um aglomerado de cinco sítios habitação no entorno de uma gruta com sepultamento: o primeiro aglomerado em Água Azul, numa gruta de um afluente do Arroio Mamangava, que é subafluente do Rio Caí e o segundo aglomerado na Criúva, numa gruta de um afluente do Arroio Pereira, tributário do Rio das Antas. Ele ainda mostra que aparecem grutas isoladas (como RS 124 CXS e RS 67 CXS), o que revela mais a ausência de mapeamento, de prospecção arqueológica do que necessariamente a ausência de sítios habitação. E, finalmente, o Mapa revela uma grande quantidade de sítios de casas subterrâneas sem qualquer gruta com sepultamento pelas proximidades na região de Ana Rech, por exemplo, o que nos leva a pensar em inexistência de mapeamento das grutas ou, o que é mais aceitável, outro tipo de ritual fúnebre para tal grupo.

1.1 O Fator Altitude

A Zona de Estudos, exatamente por se tratar de um “microcosmo”, não consegue dar conta da análise global da importância da altitude como fator determinante na instalação dos assentamentos. Mas mesmo assim podemos estabelecer algumas linhas de raciocínio a partir da amostra de dados que obtivemos. Entendendo a “casa subterrânea” como uma adaptação aos rigores do clima subtropical, ela teoricamente deveria ser mais comum nas maiores altitudes. Mas não é bem assim que a encontramos na Zona de Estudos. Os sítios aqui visualizados encontram-se entre as cotas de 688m (RS 67 CXS) e de 959m (RS 63 SFP) de altitude. Deles, 57% estão entre os 751m e os 850m, o que nos faz acreditar que este seja o intervalo altimétrico preferencial para a instalação dos assentamentos e não simplesmente as maiores cotas.

Para os sítios superficiais foi constatado o predomínio em altitudes menores, já que 49% deles, ou seja, 03 sítios estão entre 701m e 750m. A discrepância está ligada ao sítio RS 131 CXS, da Tradição Tupiguarani, a 890m de altitude. Pensando apenas a distribuição dos sítios superficiais da Tradição Taquara esse posicionamento em cotas mais baixas pula para 60% (os mesmos 03 sítios). Os sítios superficiais aparecem em altitudes menores em maior quantidade por estarem implantados mais próximos dos vales encaixados, que é um dado que pode ajudar a esclarecer o que já foi levantado no item anterior quanto à sua distribuição.

Os sítios grutas com sepultamento estão divididos em dois grupos distintos. Um deles, postado nas menores altitudes, com os sítios RS 67 CXS (688m) e RS 39 CXS (700m), mais próximos das áreas florestadas dos vales. E o outro, implantado em altitudes maiores, em que os sítios RS 79/A-49 (760m), RS 124 CXS (790m) e RS 41 CXS (800m), aparecem bastante próximos das áreas campestres.

Os sítios de estruturas subterrâneas ficam preferencialmente locados nas altitudes de 801m até 850m, onde estão 45% deles. Nesse intervalo de altitude foram registradas 119 estruturas de piso rebaixado, o que corresponde a 63% do total delas. Essa predominância de sítios e de estruturas revela uma preferência em construir assentamentos nessa cota altimétrica. A média de 7,43 estruturas construídas por sítio nos coloca frente ao problema de definir se sítios com muitas estruturas no espaço revelam assentamentos com muitas estruturas ocupadas simultaneamente ou demonstram que existiram muitas reocupações nesses locais preferenciais. Mas, o fato é que, apenas escavações criteriosas podem nos ajudar a responder essa indagação.

José Alberione dos Reis, quando sintetiza os dados de altitudes dos sítios pesquisados na Região Sul assinala uma média de 8,73 estruturas por sítio na faixa entre 900 e 998m, salientando que esta tem a maior concentração (REIS, 1997: 115-119), diferente da Zona de Estudos que concentra apenas 2 estruturas por sítio em

média nesta faixa. A compilação de Reis ainda revela a "*faixa de altitude entre 800 e 899 metros com 568 buracos, identificados em 122 sítios*", que traduz uma média de 4,66 estruturas por sítio, dado este bem diferente do encontrado na Zona de Estudos quando temos 23 sítios com 144 estruturas, proporcionando uma média de 6,26 estruturas por sítio.

Na Microrregião Vila Seca (umas das subdivisões da Zona de Estudos), particularmente, está o conjunto de sítios com implantação nas maiores altitudes, onde 04 de 07 ficam entre os 940m e os 1000m de altitude, correspondendo a 11% da totalidade de sítios e 4% da totalidade de estruturas. E posto isto nos colocamos diante da indagação de que ali percebemos sítios com menor quantidade de estruturas, ou assentamentos que não foram tantas vezes reocupados?

No entorno da cota preferencial de 801 a 850m, percebemos tanto na cota imediatamente abaixo como na imediatamente acima a mesma quantidade de sítios. Porém, a quantidade de estruturas é diferenciada: entre 751e 800m são 7 sítios (19%) e 33 estruturas (17%), já entre 851 e 900m são 7 sítios (19%) e 25 estruturas (13%), o que nos faz pensar que as áreas entre este vão de 150m de amplitude altimétrica são, de fato, as mais requisitadas para instalação dos assentamentos.

Claro que esses dados refletem a realidade de uma pequena zona de análise e podem ser encontradas contradições na medida em que analisamos a totalidade dos sítios distribuídos por toda a zona de abrangência das tradições que deixaram estes vestígios. Quando BEBER (2004: 199) fez o levantamento de dados das Tradições Taquara/Itararé para a Região Sul encontrou 50,23% deles entre as cotas de 901 e 1000m, enquanto que aqui na Zona de Estudos apenas 14% dos sítios estão nesta faixa. Beber constatou, também, que entre 801e 900m aparecem 29,03% dos sítios, enquanto que aqui estão 76% deles. Entre 701 e 800m, para toda a Região Sul aparecem 5,07% dos sítios e aqui eles somam 19%. A Zona de Estudos, em particular, está inserida numa restrita área e

com cotas altimétricas menores em relação ao todo da Serra Geral e, portanto, estas diferenças de proporção das quantidades de sítios indicam mais uma diferença morfológica do relevo do que necessariamente variantes culturais de ocupação. As respostas para as indagações anteriormente levantadas passam pela compreensão de como foi ocupado o Planalto. De fato temos uma coletânea de dados bastante grande, mas talvez eles ainda sejam insuficientes para dar um veredicto para estas questões. Tentaremos, na medida do possível, nas análises da implantação destes assentamentos criar um cenário razoavelmente compreensível para nos aproximarmos o máximo que pudermos deste modelo de ocupação.

1.2 O Fator Água

O fator água pode ser observado de dois ângulos. O primeiro é a distância média encontrada desde os assentamentos até a fonte d'água mais próxima. O segundo é o tipo de fonte de água utilizada. Percebemos que a maioria dos sítios (77%) está a menos de 150m da fonte mais próxima, o que revela este como outro fator de locação. REIS (1997: 71-73) assinala 228 sítios mapeados para a Região Sul (até 1991), e nos apresenta dados gerais dos 36 que até então, passaram por intervenção arqueológica. A partir destes 36 sítios, BEBER (2004: 200) assinala que a média de distância dos assentamentos até a fonte de água mais próxima é de 215,65m. Este dado deve ser levado em consideração com cuidado, já que, da compilação de Reis até hoje o número de sítios registrados aumentou consideravelmente e porque alguns dos dados verificados na compilação infelizmente não conferem com a realidade visualizada nas recentes prospecções na Zona de Estudos. Um exemplo é o sítio RS 37/127 CXS, que aparece assinalado com uma distância de 100m da fonte de água, porém verificamos que esta distância é muito menor, não ultrapassando 20m. Podemos dizer inclusive que as fontes de água, já que são pelo menos duas que abastecem este assentamento, estão em seu interior e não a determinada distância dele. Mas sem entrar em pormenores sobre

os métodos de coleta de dados que foram outrora utilizados, comparamos a média de 215,65m para a Região Sul com a média da Zona de Estudos que é de 109,42m e notamos aqui uma proximidade muito maior da água na totalidade dos sítios.

Ao pensarmos o tipo de fonte de água utilizada verificamos que 51% dos sítios podem fazer uso da água de nascentes, já que estas são as fontes mais próximas. Situação peculiar é a dos que ficam próximos a banhados, somando 31% da totalidade. Além destes, 10% dos sítios situam-se próximos de córregos e 8% deles junto a algum rio. Se analisarmos apenas os sítios de “casas subterrâneas”, que são assentamentos de moradia, percebemos que o uso de nascentes sobe para 60% e o de banhados para 34%, estando apenas os sítios RS 34/125 CXS próximo a um córrego e RS 74 CXS, numa ilha do Arroio Mulada, a utilizar outros tipos de fonte.

1.3 O Fator Ambiente

Falar do ambiente de implantação dos sítios é uma tarefa árdua, já que muito da paisagem não representa a configuração em que os sítios foram instalados por seus idealizadores. Na Zona de Estudos nos deparamos com uma forte alteração na paisagem nas quatro Microrregiões: em Ana Rech a construção da cidade é o principal fator de mudança; em Santa Lúcia, Vila Seca e Criúva um misto de desmatamento, agricultura, queimadas no campo e silvicultura alteram a paisagem. Isso tudo sem citar as próprias alterações que a paisagem tem naturalmente, como a expansão das florestas, como o surgimento de áreas alagadiças, como os processos de escorregamento das encostas, de erosão pluvial e fluvial, entre outras.

Após a tentativa infrutífera de tentar inserir os sítios que estão em ambiente alterado em categorias naturais de ambiente, definiu-se dois tipos de ambiente: antropizado e não-antropizado. O ambiente não-antropizado corresponde às categorias de Mata e Campo, onde encontramos 24 sítios. O ambiente antropizado corresponde às categorias de Campo e/ou Mata antropizados (áreas

comprovadamente desmatadas e áreas de silvicultura), Lavoura e a Zona Urbana (com crescimento residencial e/ou industrial), onde também verificamos 24 sítios.

Desta forma, encontramos atualmente na Zona de Estudos, o ambiente não-antropizado de Mata, com 19 sítios, isto é, 39% e 98 estruturas, ou seja, 51% das ocorrências; o ambiente não antropizado de Campo, com 5 sítios ou 10% do total e 19 estruturas, isto é, 10% delas; o ambiente antropizado de Campo e/ou Mata Antropizados, que somam 6 sítios, equivalente a 13% dos registros e 32 estruturas, ou 17% delas; o ambiente antropizado de Lavoura, no qual encontramos 10 sítios, ou seja, 21% deles e 22 estruturas, que significa 12% dos registros; e o ambiente antropizado de Zona Urbana que soma 8 sítios, isto é 17% do total e 19 estruturas, ou seja, 10% das ocorrências. Considerando apenas os 24 sítios em ambiente não-antropizado verificamos que 79% deles estão na Mata e 21% deles em Campo. Pensando a distribuição das estruturas verificamos 84% delas na Mata e 16% no Campo. Independente das mudanças ocorridas após o estabelecimento do colono português ou italiano é nítida a preferência pela instalação de sítios e estruturas nas áreas cobertas por floresta. Se arbitrariamente inferirmos que as áreas antropizadas (de campo, mata, lavoura ou urbana) foram por ventura cobertas por floresta (apesar de ser difícil provar, tudo indica, em grande parte, que sim), poderemos falar em praticamente 90% dos sítios e das estruturas neste ambiente.

LA SALVIA (1968: 105) já apontava pela preferência de instalação do grupo em áreas deste tipo afirmando que *"todos os aglomerados visitados localizam-se dentro de capões de mata, próximos ao campo, ou, às vezes, em campo limpo, demonstrando que esta fase é tipicamente campestre"*. No estudo de MENTZ-RIBEIRO & RIBEIRO (1985: 89) para o município de Esmeralda (atual Pinhal da Serra), 70% das estruturas estão na floresta, apesar de não existir, segundo os autores, diferença entre cerâmica, lítico, disposição e tamanho das casas subterrâneas de campo ou floresta.

KERN, SOUZA & SEFFNER (1989: 123) quando do salvamento arqueológico nos municípios de Vacaria e Bom Jesus na zona de alagamento da barragem da Hidrelétrica de Barra Grande também constataram que *"estas casas se instalam geralmente no interior da floresta subtropical com pinheiros Araucária. Na zona pesquisada, na margem esquerda do vale do Rio Pelotas, as habitações estão sempre estabelecidas em meio à mata mais rala do topo dos platôs, procurando sempre os lugares planos ou levemente inclinados das partes mais altas."* SCHMITZ & BECKER (1991: 83) também contribuem afirmando que *"em geral ela (a estrutura subterrânea) está dentro do mato aberto de pinheiros porque aí não é fortemente atingida pelo vento, as chuvas e talvez o sol."* As conclusões do Projeto Vacaria nos levam pelo mesmo caminho já que *"os sítios estão localizados nos divisores de água, em relevo dissecado, em matas mistas em que havia muitos pinheiros. Nos campos ondulados eles são muito raros, aparecendo uns poucos, provavelmente em antigos capões de mato."* (SCHMITZ & OUTROS, 2002: 98)

Além desta análise da cobertura não-antropizada e antropizada da superfície podemos perceber também a morfologia da superfície em que os sítios estão inseridos e estabelecer algumas características quanto à escolha de determinados locais para a implantação do assentamento. Como a Zona de Estudos é particularmente caracterizada por um relevo de morros (maiores e mais ondulados quando próximo dos grandes rios e menos ondulados quando próximo dos interflúvios) optou-se por configurar cinco tipos básicos de inserção dos sítios neles. Os sítios ou a maior parte das estruturas de um determinado sítio, podem estar no topo, ou na alta encosta, ou na média encosta, ou na baixa encosta, ou no sopé, ou ainda em todas estas unidades morfológicas. Segundo GUERRA (1978: 148) Encosta são *"declives nos flancos de um morro, de uma colina ou uma serra"*; Topo é a dita *"parte mais elevada de um morro ou de uma elevação"* (GUERRA, 1978: 416); e Sopé é a *"base de um abrupto ou de uma*

elevação do terreno” (GUERRA, 1978: 401). Para efeito de precisão optou-se por subdividir a encosta em alta, média e baixa observando a posição do sítio ou da maior parte das estruturas de um sítio nestas porções. Este quadro possibilita, também, a análise de outras variáveis como inclinação da vertente, orientação solar, ventos predominantes, modelos de estrutura subterrânea e campo de visão. Sendo assim, encontramos 23% dos sítios no topo, 35% deles na alta encosta, 10% na meia encosta, 21% na baixa encosta, 8% deles no sopé e 3% ocupando do sopé ao topo das colinas. Cabe frisar que aparecem sítios de estruturas subterrâneas, superficiais, ou grutas em praticamente todos estes compartimentos morfológicos. Não há como estipular, a princípio, uma ligação entre tipo de sítio e posição dele nestas unidades morfológicas. Chamamos a atenção para o fato de que a maioria busca as porções mais altas no terreno, com 58% deles entre a alta encosta e o topo, com o claro objetivo de aproveitar a oportunidade de ter um amplo campo de visão a partir do assentamento. Mas, mesmo assim, sítios em média encosta também oferecem excelentes condições de visibilidade (como RS 33 SFP, por exemplo), o que nos leva a crer que o campo de visão seja uma opção mais decisiva de escolha do lugar para o assentamento do que propriamente a posição dele na colina.

Seguindo nessa linha verificamos que, aproximadamente, 64% dos sítios aparecem em locais de privilegiada visibilidade, muitas vezes com campo de visão de 360° por alguns quilômetros. A ampla visibilidade é relatada por MABILDE (1988: 144), que acrescenta que os Coroados viviam nos pinheirais e subiam na araucária mais alta dos arredores para expandir ainda mais seu campo de visão. Os sítios que aparecem em locais de pequena visibilidade somam aproximadamente 18% e entre eles, apenas dois são caracterizados pela existência de estruturas subterrâneas: um é o, já comentado RS 74 CXS, que surge em uma ilha no vale do Arroio Mulada, cercado por morros; o outro com pequeno campo de visão é o “Sítio das Flechas”, que além de ter vestígios de duas estruturas

semilunares na meia encosta da colina que o forma, contém no sopé desta vertente o local de onde saiu o acervo da coleção de pontas de projétil e outros utensílios líticos da Tradição Umbu. Os demais sítios com pouca visibilidade são todos Grutas com Sepultamento, postadas no curso de arroios, cercados por mata ciliar, e em alguns casos com vales já bem profundos, como em RS 67 CXS, ou em RS 39 CXS.

Ao pensarmos a construção dos assentamentos obedecendo a orientação solar encontramos 43% deles voltados para o Norte, 22% voltados para o Sul, 27% voltados para o Leste e 8% voltados para o Oeste. Em função dos raios solares ao Sul do Trópico de Capricórnio serem bastante inclinados o ano todo, e principalmente nos meses mais frios, sempre foi aventada a possibilidade da posição dos assentamentos coincidir com este referencial. Não podemos estabelecer uma regra para situação dos sítios baseada somente nesta variável, mas ela indica uma preferência bastante grande pela construção em vertentes com maior insolação, como a Norte e a Leste. A direção do vento circundante na Zona de Estudos é bastante cambiável com uma predominância média de 15% a 20% dele variando de Norte-Nordeste a Norte (CAMARGO & SCHUBERT, 2002). Esse vento na origem (Massa Tropical Atlântica) é quente e úmido, mas vai resfriando na medida em que viaja para o sul e para as terras altas do Planalto. O resfriamento provoca muitas precipitações de caráter orogênico, que ocorrem durante todo o ano. O choque dessa massa de ar predominante com outras provenientes do Sul (em torno de 5%) provoca precipitações do tipo frontal, muito comuns no outono, inverno e primavera. As tempestades eletromagnéticas, das quais MABILDE (1988: 170) comenta o temor dos Coroados, ocorrem tanto em precipitações do tipo orogênico, como no frontal, tudo dependendo da intensidade destas massas. Atrélendo isto ao conhecimento de que grande porção dos assentamentos busca as vertentes Norte (43%) e Leste (27%) para sua implantação, podemos sugerir que por muitas vezes os sítios estão colocados em locais desprotegidos dos ventos

predominantes, o que reforçaria a necessidade de introduzi-los na mata, para que as intempéries não os castigassem tanto.

1.4 O Fator Área e a Quantidade de Estruturas por Sítio

Para efeitos de análise considerou-se como “área do assentamento” o espaço abrangido pelos vestígios (sejam eles, vestígios da cultura material, no caso de sítios superficiais e/ou grutas com sepultamento, ou sejam eles arquitetônicos, no caso dos sítios de estruturas), agregados a pelo menos um ponto de coleta de água. O número de estruturas por sítios foi convencionado como uma combinação da quantidade de estruturas mapeadas quando do registro com os dados que foram recentemente colhidos. Um exemplo é o sítio RS 37/127 CXS, que sempre foi conhecido pelas publicações como sendo um assentamento com 36 estruturas. No recente mapeamento identificamos 40 estruturas *in loco* além de outras três que foram destruídas. Para este sítio, então, o número total de estruturas, entre “novas, intactas e destruídas” é de 43.

Ao verificar a predominância das áreas que os assentamentos ocupam acabamos por encontrar a predominância de número de estruturas por sítio. É perceptível, na Zona de Estudos, a maioria de sítios com área de até 1000m². Eles somam 45% da totalidade. Essa presença está intimamente ligada à quantidade de estruturas por sítio, já que, 22 sítios têm até 03 estruturas, o que corresponde a 59% do total dos sítios. Como há grande quantidade de sítios com poucas estruturas a área ocupada também é pequena. Na compilação de BEBER (2004: 200-201) os sítios com apenas uma estrutura identificada somam 23,31%; aqui eles somam 21%. Com duas estruturas Beber registra 28,22%, enquanto que aqui eles somam 19%. Com três estruturas Beber assinala mais 15,95%, já na Zona de Estudos a proporção continua em 19%. Ao todo para a Região Sul a proporção é de 67,49% para sítios com até três estruturas, enquanto que para a Zona de Estudos ela é de 59%. Seguindo a linha de raciocínio de Beber, na Região Sul 23,31% dos

sítios tem entre 4 e 10 estruturas, já na Zona de Estudos essa parcela soma 26%; e para a Região Sul assentamentos com mais de 9 estruturas somam 9,20%, enquanto que aqui eles são 15% das ocorrências.

A comparação destes dados de quantidades de estruturas por sítio revela que há uma preferência bastante clara em construir assentamentos de poucas unidades de estruturas, e que os dados da Zona de Estudos encaixam perfeitamente, com algumas ressalvas, no padrão estipulado para a Região Sul.

1.5 O Fator Dimensão das Estruturas

Tentando entender a preferência arquitetônica do grupo em questão, passamos a elaborar uma síntese do tamanho de estruturas encontrado. O uso dos dados de diâmetro e profundidade, de fato, não revela o momento da construção e ocupação da estrutura, já que há um processo deposicional de sedimentos e de erosão das paredes posterior ao abandono da mesma. Mesmo sabendo disto criamos um esboço de como era o tipo básico de “residência”. Para que esse item de análise fosse mais global, foram utilizados, para as estruturas que atualmente estão destruídas, os dados obtidos por La Salvia e por Schmitz quando de seus mapeamentos na década de 60.

A observação da variável profundidade revela a predominância de estruturas rasas em detrimento da totalidade. São 44% das estruturas com menos de 0,50m de profundidade e 27% entre 0,51m e 1,00m. Apenas 15% do total têm mais de 2,00m de profundidade. De certa forma, esse dado faz cair por terra a visão romântica de que as “casas subterrâneas” eram grandes “covas” com escadarias, esteios e todo um aparato de construção. Na verdade as pesquisas que lançaram essas bases – e a escavação no sítio RS 37/127 CXS é vital nesse processo – optaram por realizar escavações nas estruturas que mais chamavam a atenção, exatamente as de maiores profundidades. Há pouco tempo verifica-se uma preocupação em analisar as estruturas mais rasas que,

apesar de não criar um efeito visual de vulto, aparentam ser a maioria em outras zonas de pesquisa também. A compilação de BEBER (2004: 206) revela 69,48% das estruturas com até 1,00m de profundidade, o que mostra uma sintonia com a Zona de Estudos, já que por aqui 71% delas têm estas profundidades.

Mas devemos ter cuidados ao analisar este dado, como assinalou BEBER (2004: 205) *"com relação a profundidade, este é um dos indicadores mais problemáticos dentre todos apresentados. A profundidade indicada nos trabalhos refere-se à observada na época das pesquisas, a partir da observação direta e raras vezes embasada em uma sondagem ou prospecção que determine a real profundidade da casa. Essas depressões têm sido sistematicamente entulhadas pelos moradores – em função do incômodo que representam para a agricultura e a pecuária –, ou mesmo por outros processos pós-deposicionais como a erosão."* BEBER (2004: 206-207) continua, *"nos casos em que foram escavadas, a espessura média observada das camadas arqueológicas fica em torno de 1m. O entulho posterior varia em função das condições de conservação do sítio e do uso do solo. Se foi destinado à agricultura, a camada de entulho pode atingir espessuras da ordem de 50cm, como na casa 12 do sítio RS-A-29 (em Vacaria), no qual foram achados os restos de uma vaca e de um bezerro enterrados pelo proprietário, que aproveitou a depressão. O entulho ainda varia em função de estratégias adotadas no momento de arar o solo: segundo o mesmo proprietário, deixa-se a última volta do arado jogar a terra para o interior da casa."*

De maneira geral ao observarmos unicamente o dado diâmetro verificamos que 71 estruturas, ou seja, 41% delas foram construídas com uma dimensão variando entre 2,51m e 4,50m. A variação, é verdade, é bastante grande. Da menor com menos de 1,00m até as maiores, perto de 13,00 visualizamos uma grande diversidade de tamanhos. Essa diversidade de tamanhos pode estar atrelada a diversidade de função que estas estruturas poderiam ter além de serem moradias. É muito difícil acreditar que uma estrutura

que tenha menos de 2,00m de diâmetro pudesse servir como moradia, por isso precisamos estabelecer linhas de pensamento para este grupo de estruturas, que na Zona de Estudo somam 8%. BEBER (2004:203), ao compilar os dados de diâmetro para as estruturas da Região Sul, as subdivide em três grupos: as pequenas, até 5,00m, com 66% das ocorrências; as médias, entre 5,1 e 10,00m, com 28% delas; e as grandes, com mais de 10,00 somando 6% da totalidade. Da mesma forma que os dados relativos à profundidade notamos uma sintonia fina da Zona de Estudos com o todo, já que por aqui verificamos 63% delas com até 5,00m; 33% entre 5,01 e 10,00m; e 4% com mais de 10,01m.

Ao observarmos como as profundidades e os diâmetros se inter-relacionam percebemos uma grande presença de estruturas com diâmetros entre 2,51m e 4,00m com profundidade máxima de 1,00m. Nos diâmetros referidos (de 2,51m até 4,00m) estão 51 estruturas, isto é, 32% da totalidade, com 75% destas apresentando profundidade inferior a 0,50m e 25% com profundidade entre 0,51m e 1,00m. Essa constatação nos permite dizer que o padrão é de construção de estruturas pequenas e, principalmente, rasas. As estruturas de grandes dimensões são pouco numerosas no todo da Zona de Estudos: são 18 estruturas, ou seja, 11% com mais de 9,00m de diâmetro. Observando a relação desta faixa de diâmetro com as profundidades é constatado que não necessariamente as estruturas de maior diâmetro são as mais profundas. Dez das dezoito estruturas que têm mais de 9,00m de diâmetro contemplam profundidades entre 1,01m e 2,00m, o que corresponde a 56% deste subgrupo (3 delas - 17% - entre 1,01 e 1,50m, e 7 delas - 39% - entre 1,51m e 2,00m).

1.6 O Fator Cronologia

As datas obtidas nas sondagens e escavações dos trabalhos pioneiros na Zona de Estudos (SCHMITZ, 1969:164-166), aliadas às obtidas ao longo da história das pesquisas da Tradição Taquara no Rio Grande do Sul (BROCHADO & OUTROS, 1968; COPÉ, SALDANHA

& CABRAL, 2002; MENTZ RIBEIRO, 1974; MENTZ RIBEIRO, 1980; MENTZ RIBEIRO & RIBEIRO, 1985; ROGGE & OUTROS, 2003; SCHMITZ, 1988; SCHMITZ & BROCHADO, 1972; SCHMITZ & OUTROS, 2002), passam agora a ser vistas juntas para buscarmos uma compreensão da duração da ocupação nestas terras do planalto gaúcho.

Antes de tudo foi preciso calibrar as datações obtidas para que conseguíssemos uma maior fidelidade de dados. O resultado da calibragem revelou que a ocupação inicia em fins do século V e início do século VI prolongando-se ininterruptamente até o século XIX. Dos 23 sítios datados no Rio Grande do Sul dois fogem a esse padrão. Um é RS-AN-3, no município de Bom Jesus, datado em 2180 ± 40 AP, por Copé, Saldanha & Cabral. O sítio apresenta ainda outras três datas: 1000 ± 40 AP, 550 ± 40 AP e 370 ± 50 AP. O outro sítio é RS-P-12, também em Bom Jesus, escavado por Miller, em que a data nos leva para 1735 ± 85 AP (cal). Afora estes dois registros todos os outros vão aparecendo em intervalos de tempo pequenos entre si a partir de 1453 ± 90 AP (cal), para RS 40 CXS em Caxias do Sul, até 30 ± 50 AP para RS-A-27 em Vacaria.

A concomitância de ocupação da Tradição Taquara entre Bom Jesus e Caxias do Sul começa em meados do século VI, quando RS 40 CXS e RS-A-2 estão sendo ocupados. Em meados do século VII, aparece o primeiro registro de RS 37/127 CXS, que é acompanhado por RS-A-2 até o início do século XII. Nesse interim, há registros de fins do século VII para Sapiranga (RS-S-282); de meados do século VIII, para Passo Fundo (RS-PF-01); de meados do século IX para Taquara (RS-S-61); do princípio do século XI para o início da ocupação de Vacaria (RS-A-27); de meados do século XI para outro sítio em Bom Jesus (RS-AN-3); e de início do século XII da ocupação de Santa Cruz do Sul (RS-RP-164b). Nesse momento, o século XI, inicia a concomitância de ocupação entre Vacaria e Caxias do Sul, nos sítios RS 37/127 CXS e RS-A-27 permanecendo estável até o século XIV, aí já com os sítios RS 37/127 CXS, RS 68/120 CXS, RS-A-27 e RS-A-29 sendo ocupados, além dos registros de ocupação

obtidos para RS-P-27 (Bom Jesus), RS-VZ-43 (Tenente Portela), RS-C-14 (São Sebastião do Caí) e RS-A-8 (São José dos Ausentes), quando os registros de Caxias do Sul acabam. Os registros de Vacaria se estendem até meados do século XIX e com eles aparecem os dados de sítios dos municípios de Esmeralda (RS-PE-28a, RS-PE-26a, RS-PE-10a e RS-PE-10b), de São Sebastião do Caí (RS-C-12), de Porto Lucena (RS-VZ-25) e de Tenente Portela (RS-VZ-44).

Tais dados nos possibilitam estabelecer que a porção gaúcha do Planalto da Bacia do Paraná foi constantemente ocupada e, em especial na sua porção oriental os sítios RS-A-2, RS 37/127 CXS, RS-A-27, RS-AN-3, RS-A-29, RS-PE-28a e RS-PE-10a foram comprovadamente reocupados continuamente durante uma determinada janela temporal (FIGURA 02).

2. O Padrão de Assentamento

A partir do entrelaçamento de todos estes dados, da busca por semelhanças e diferenças e das comparações com outras pesquisas pudemos observar a distribuição e implantação dos 48 sítios arqueológicos da Zona de Estudos e extrair deles as informações necessárias para estabelecermos o padrão de assentamento correspondente.

A altitude preferencial para instalação dos assentamentos dos engenheiros da terra gira entre 751m e 850m, na qual identificamos 27 sítios, ou seja, 57% deles. Estes assentamentos eram construídos preferencialmente em locais que possibilitassem uma ampla visão da paisagem, já que 64% deles conseguem observar os 360° do horizonte por alguns quilômetros. Para tanto, normalmente buscavam as porções mais altas das colinas e morros, onde estão 58% dos sítios (entre topo e alta encosta). Escolhiam também, na maior parte das vezes as vertentes Norte (43%) e Leste (27%) como local para implantação dos assentamentos, buscando quem sabe uma maior insolação ao longo da estação de colheita do pinhão. Observando apenas os sítios que estão em ambiente não-

antropizado, percebemos 79% deles instalados dentro de áreas florestadas, onde também estão 84% das estruturas de piso rebaixado. Levando em consideração o intenso desmatamento que a região sofreu, podemos sugerir que aproximadamente 90% dos sítios e das estruturas estavam em ambiente arbóreo na sua origem. Os engenheiros da terra caminhavam pouco para buscar água, em média 109,42m. E usavam preferencialmente água de nascentes (51%) e possivelmente de banhados (31%). Nesses locais preferenciais encontramos três tipos de sítio da Tradição Taquara: as grutas com sepultamento (11%), os sítios superficiais litocerâmicos (11%) e os sítios de estruturas subterrâneas (78%). O número de estruturas que cada sítio tem é bastante variável, mas a maioria é composta de até três estruturas (59%). A essa quantidade de estruturas atrelamos a área padrão aferida para os assentamentos que é de até 1000m², para 45% dos registros. As estruturas são construídas em diversos tamanhos e formas, e apesar da dificuldade de considerarmos como exatos os dados dimensionais de muitas das estruturas, em função dos processos de degradação a que elas foram expostas, inferimos que estruturas de pouca profundidade e de diâmetros entre 2,51 e 4,00 são mais corriqueiras (somando 32 do total, onde 75% têm menos de 0,50m de profundidade). Os assentamentos com estas características começam a ser registrados, na Zona de Estudos, desde meados do Século VI, num sítio relativamente isolado, o RS 40 CXS, na Microrregião Vila Seca. Mais dados cronológicos atestam que a área de Água Azul, na Microrregião Santa Lúcia, começa a ser ocupada em meados do Século VII, no sítio RS 37/127 CXS, e mantém uma constância de ocupação até pelo menos o início do século XIV, quando já aparece, mais ao Norte na Microrregião Ana Rech, praticamente contemporâneo, um registro de ocupação no sítio RS 68/120 CXS.

A constância de ocupação do sítio RS 37/127 CXS revela que este local tem fatores de atração significativos para este grupo humano. As reocupações presenciadas numa das estruturas e num

dos montículos escavados é mais um indicio disto, isso sem considerar o fato de que o sítio tem 43 estruturas mapeadas (com 03 destruídas), e que bastante próximo dele aparecem outros quatro sítios com mais 27 estruturas registradas. Um deles com cerâmica Tupiguarani associada às estruturas subterrâneas, demonstrando que esta pode ser, realmente, uma área de referência para o grupo que a domina. Pensando mais além, no porque de estar tantas vezes e durante tanto tempo neste lugar, aventamos a possibilidade de este ser um local de conjugação de variáveis que facilitariam a manutenção da vida. A área está praticamente na borda do Planalto, no limite entre a zona de campos, mais ao Norte e Nordeste, e a zona de florestas, mais ao Sul, ocupando os vales dos arroios e rios afluentes do Rio Caí. Uma zona de limites: entre vales encaixados e planalto; entre floresta e campo. A disponibilidade de alimentos nessa área provavelmente era bastante grande, exatamente pela variedade de paisagens. A coleta do pinhão em imensos capões de araucária, as frutas da floresta decidual nas encostas e da floresta mista no topo do planalto; a caça realizada em capões, ou nas matas de galeria, ou no campo, e as roças dentro da mata ou nas pequenas várzeas poderiam ser realizadas ali com facilidades maiores que a de outros locais. Além disso, é uma zona limítrofe entre povos diferentes, já que, para quem sobe o planalto (via Caí – Piaí – Nicolao, ou via Caí – Piaí – Mamangava, ou ainda via Caí – Cervo) este é o local primeiro depois de encerrada a subida. E quem viaja dos campos para os vales esta seria a última paragem antes da jornada até as terras baixas.

É muito difícil falarmos em migrações sazonais a partir dos registros das escavações na Zona de Estudos, porém é certo que, durante o outono esta área como um todo devia chegar ao seu *rush* populacional, em virtude da colheita do pinhão e da conseqüente abundância de caça. Se em outras épocas do ano a mesma densidade demográfica era mantida, precisaremos de outras escavações preocupadas em buscar elementos que busquem essas

respostas. Os dados de que dispomos apontam para uma ocupação pouco duradoura, com os vestígios das camadas arqueológicas sugerindo períodos de um ano de uso e após isso o abandono, com conseqüente construção, ou reocupação de outra estrutura no mesmo assentamento. A impossibilidade momentânea de criar um modelo teórico mais amplo e sólido sobre tais populações nos impele a continuar pesquisando e especulando sobre estes assentamentos e todas as suas características.

Em síntese, e respondendo ao título deste artigo, estabelecemos que os sítios arqueológicos da Zona de Estudos foram construídos em local alto, com ampla visão da paisagem, buscando uma insolação matinal maior, dentro da mata de araucária e com nascente de água próxima. Os assentamentos normalmente têm poucas e pequenas estruturas de piso rebaixado, resultando em pequenas áreas ocupadas por estes. Ao que tudo indica, o contingente populacional era maior no outono, época de maior disponibilidade de alimentos. As casas foram ocupadas por curtos períodos, gerando assentamentos com séries de reocupações que se estenderam na área em questão, entre os séculos VI e XIV.

Figuras

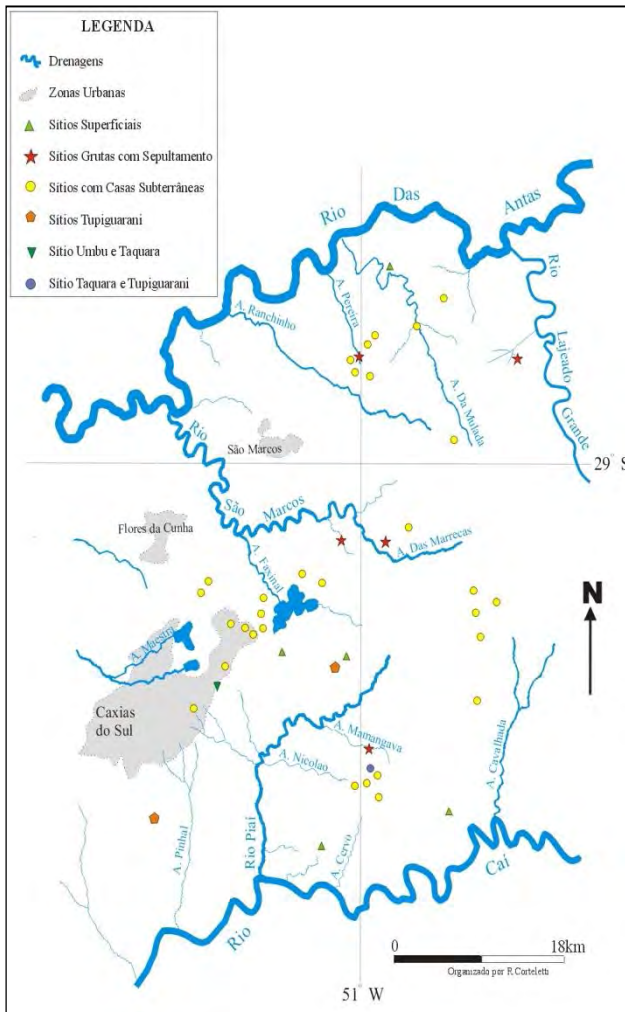


Figura 01

Mapa: Distribuição dos diferentes tipos de sítios na Zona de Estudos

Onde, como e quando? Construindo um padrão de assentamento dos Sítios arqueológicos na região de Caxias do Sul, RS

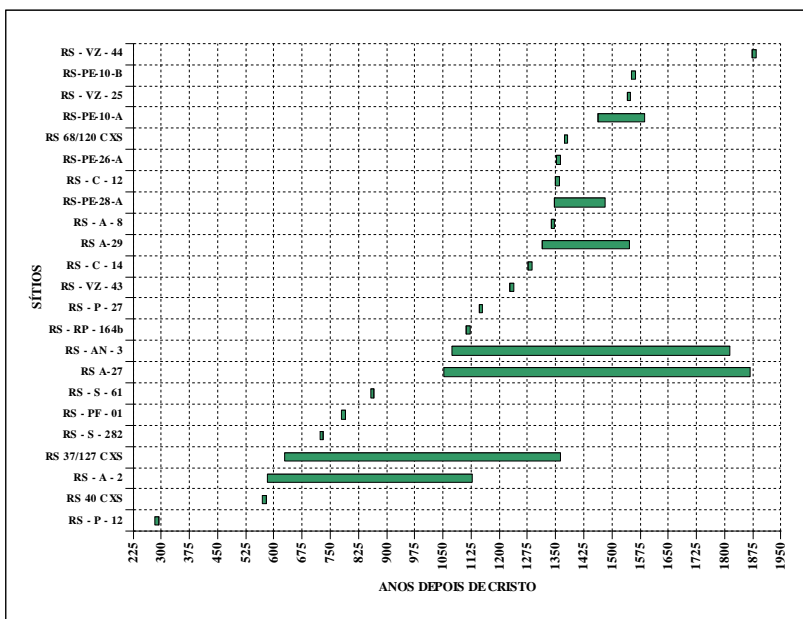


Figura 02

Gráfico: Duração da Ocupação da Tradição Taquara para o Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Foi essencial a participação de Pedro Ignácio Schmitz, Marisa Coutinho Afonso, Jairo Rogge, Marcus Vinícius Beber, Fúlvio Arnt, Philip Riris, Tatiana Sirtoli, Marivone Cechet Sirtoli, Santina Corteletti, Nilo Corteletti e Jacson Corteletti.

Bibliografia

- BEBER, Marcus Vinicius. O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-brasileiro: O caso da Tradição Taquara/Itararé. *Tese de Doutorado*, UNISINOS: São Leopoldo, 2004. p. 289.
- BECKER, Ítala Irene Basile. O Kaingáng Histórico e seus antepassados. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos 02*. São Leopoldo: IAP – UNISINOS, 1988. p. 131-139.
- BROCHADO, José Proença, CALDERÓN, Valentin, CHMYZ, Igor, DIAS, Ondemar F., EVANS, Clifford, MARANCA, Sílvia, MEGGERS, Betty J., MILLER, Eurico T., NÁSSER, Nássaro, PEROTA, Celso, PIAZZA, Walter, RAUTH, José W. & SIMÕES, Mário. Arqueologia brasileira em 1968. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, nº. 12. Belém: MPEG, 1968. 36p.
- CABRAL, Mariana Petry. Uma introdução à ocupação caçadora-coletores no período pré-colonial na área do Vale do Rio Maquiné. *Monografia*, UFRGS: Porto Alegre, 2000. 49p.
- CAMARGO & SCHUBERT ENGENHARIA EÓLICA. Mapa da Rosa dos Ventos Anual, Freqüências x Direção. Escala 1:2.500.000. Porto Alegre, 2002.
- COPE, Sílvia Moehlecke, SALDANHA, João Darcy de Moura, CABRAL, Mariana Petry. Contribuições para a Pré-História do Planalto: Estudo da Variabilidade de Sítios Arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas, Antropologia*, nº. 58. São Leopoldo: IAP – UNISINOS, 2002. p.121-138.
- FICHAS DE REGISTRO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO RIO GRANDE DO SUL. FRSA. Arquivo do Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, RS.

- GUERRA, Antônio Teixeira, Dicionário geológico-geomorfológico. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 5ª edição. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. 446p.
- HODDER, Ian. Interpretación en Arqueología. Barcelona: Editora Crítica, 1988. 236p.
- KERN, Arno; SOUZA, José Otavio de & SEFFNER, Fernando. Arqueologia de Salvamento e a Ocupação do Vale do Rio Pelotas (Municípios de Bom Jesus e Vacaria, RS). Veritas, vol. 35, nº. 133. Porto Alegre: PUCRS, 1989. p. 99 – 127.
- LA SALVIA, Fernando. Resumos das Pesquisas Arqueológicas no Planalto – Rio Grande do Sul. Pesquisas, Antropologia, nº. 18 - Anais do II Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. São Leopoldo: IAP – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Leopoldo, 1968. p. 101 – 113.
- LA SALVIA, Fernando. Habitação Subterrânea: uma adaptação ecológica. *In* Série Documenta, vol. 15, A Arquitetura no Rio Grande do Sul, Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1987. p.7 – 26.
- LANATA, José Luis. Evolución, espacio y adaptación en grupos cazadores-recolectores. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, nº. 3, São Paulo: MAE – USP, 1993. p. 3 – 15.
- MABILDE, Affonso P.T. O índio Kaingang no Século XIX. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 02. São Leopoldo: IAP – UNISINOS, 1988. p. 141-172.
- MENTZ-RIBEIRO, Pedro Augusto. Os Sítios Arqueológicos do Vale do Rio Caí. Pesquisas, Antropologia, nº. 18 - Anais do II Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. São Leopoldo: IAP – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Leopoldo, 1968. p. 153 – 169.
- MENTZ-RIBEIRO, Pedro Augusto. Primeiras Datações pelo Método do C-14 para o Vale do Caí, RS. Revista do Cepa nº. 01. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1974. p. 16 – 22.
- MENTZ-RIBEIRO, Pedro Augusto. Casas Subterrâneas no Planalto Meridional, Município de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul,

- Brasil. Revista do Cepa vol. 12, nº. 09. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1980. 52 p.
- MENTZ-RIBEIRO, Pedro Augusto & RIBEIRO, Catharina Torrano. Levantamentos Arqueológicos no Município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. Revista do Cepa vol. 12, nº. 14. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1985 p. 51 – 92.
- MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas). Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Quarto Ano 1968 – 1969. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emilio Goeldi, nº. 15. Belém: MPEG, 1971. p. 37 – 70.
- REIS, José Alberione. Para uma Arqueologia dos Buracos de Bugre: do Sintetizar, do Problematizar, do Propor. Dissertação de Mestrado, PUCRS: Porto Alegre, 1997. 262 p.
- ROGGE, Jairo Henrique. Fenômenos de Fronteira: Um estudo de caso das Situações de Contato entre Portadores das Tradições Ceramistas Pré-históricas no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado, UNISINOS, São Leopoldo: 2003. 253p.
- ROGGE, Jairo Henrique, SCHMITZ, Pedro Ignácio, ROSA, André Osorio, BEBER, Marcus Vinicius, MAUHS, Julian. Projeto Vacaria: processos deposicionais e pós-deposicionais em duas estruturas subterrâneas da Tradição Taquara. *In* Resumos. XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). São Paulo, 2003. p. 173.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Algumas Datas de Carbono 14 de Casas Subterrâneas do Planalto do Rio Grande do Sul. Pesquisas, Antropologia nº. 20 – Anais do Terceiro Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. São Leopoldo: IAP – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Leopoldo, 1969. p. 163-167.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 02. São Leopoldo: IAP – UNISINOS, 1988. p. 75 -130.

- SCHMITZ, Pedro Ignácio. "Casas Subterrâneas" no Planalto Riograndense: O Projeto Vacaria. *In* Anais do I Colóquio sobre sítios construídos: Casas Subterrâneas. Santa Maria: Editora Pallotti, 2005. p.183-190.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Povos Indígenas Associados à Floresta Ombrófila Mista. No prelo, 2006. 23p.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio & BECKER, Ítala Irene Basile. Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas: a tradição Taquara. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, Documentos 05*. São Leopoldo: IAP – UNISINOS, 1991. p. 67 -105.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio & BROCHADO, José Proenza. Datos para una secuencia cultural del Estado de Rio Grande do Sul (Brasil). *Gabinete de Arqueologia, nº 2*, Porto Alegre, UFRGS: 1972. p.118 – 146.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio & outros. Pesquisas sobre a tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos 02*. São Leopoldo: IAP – UNISINOS, 1988. p. 5 -74.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio & outros. O Projeto Vacaria: Casas Subterrâneas no Planalto Rio-Grandense. *Pesquisas, Antropologia, nº. 58*. São Leopoldo: IAP – UNISINOS, 2002. p.11-105.
- TRIGGER, Bruce. *Historia del Pensamiento Arqueológico*. Barcelona: Editora Crítica, 1992. 476 p.

Recebido em: 27/08/2009

Aprovado em: 16/10/2009

Publicado em: 03/11/2009

Relatório de Salvamento e Acompanhamento Arqueológico nas Obras de Restauro da Casa da Banha

Luciana Peixoto¹

Fábio Vergara Cerqueira²

Jorge Oliveira Viana³

RESUMO: Este relatório apresenta os resultados do trabalho de acompanhamento e salvamento arqueológico realizado pelo Instituto de Memória e Patrimônio em parceria com o Laboratório de Antropologia e Arqueologia da UFPEL no imóvel denominado Casa da Banha durante as obras de restauro executadas no ano de 2007. O imóvel localizado no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, centro histórico de Pelotas, foi construído na década de 30 do século XIX e ao longo de sua história sediou diversas instituições, públicas e privadas, sendo conhecido até hoje pelo nome Casa da Banha, último estabelecimento comercial que ali se instalou na década de 60 do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: *Arqueologia histórica, Patrimônio.*

ABSTRACT: This report presents results of the work Monitoring and Rescue Archaeological accomplished by Institute for Memory and Heritage in partnership with the Laboratory of Anthropology and Archaeology of UFPEL in the property called Casa da Banha the restoration works carried out in 2007. The property located around of Praça Coronel Pedro Osório, the historic center of Pelotas, was built in the late 30th century Throughout its diverse history hosted institutions, public and private, being known today by the name of the Casa da BANha, last commercial establishment that settled there in the 60s of the XX Century.

KEY-WORDS: *Historical Archaeology, Heritage.*

¹ Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Coordenadora Executiva do Instituto de Memória e Patrimônio, Brasil.

² Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL), Brasil.

³ Licenciado em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Técnico Administrativo do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPEL), Brasil.

Introdução

O presente relatório consiste na apresentação dos resultados referentes ao trabalho de pesquisa realizado pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAARQ/UFPEL, no imóvel denominado Casa da Banha, localizado na Praça Coronel Pedro Osório, nº 102, de propriedade de Ricardo Ramos Construtora Ltda..

Este trabalho está inserido no **Projeto de Salvamento Arqueológico na Área urbana de Pelotas (RS)**, ampla pesquisa de arqueologia histórica desenvolvida desde o ano de 2002. A responsabilidade institucional pelo trabalho, junto ao **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)** - registrado sob número de processo 01512.000006/2005 – 92 - é do **Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ – UFPEL)** e a coordenação compete ao arqueólogo Dr. Fábio Vergara Cerqueira.

O trabalho de arqueologia histórica realizado na área urbana tem o intuito de resgatar a cultura material pretérita de Pelotas, permitindo o estudo dos espaços privado e coletivo, das edificações residenciais e comerciais, que compõem a área de urbanização, edificadas com investimentos e mão-de-obra vinculados à produção escravista saladeril. A construção de uma nova visão sobre esses lugares, que tem parte de seu cotidiano desvendado com a pesquisa arqueológica, visa a uma nova relação de Pelotas com seu patrimônio. Entre os meses de março e maio de 2007, a Ricardo Ramos Construtora Ltda, empresa privada do ramo da construção civil, empreendeu uma grande reforma no sobrado histórico, conhecido popularmente como *Casa da Banha*. Em razão de o prédio ser tombado pelo IPHAE⁴, foi solicitado ao empreendedor que realizasse levantamento prévio do potencial

⁴ Único prédio tombado pelo IPHAE em Pelotas. Tombamento publicado no Diário Oficial em 5 de maio de 1999, conforme expediente número 1869-11.00/96-SEDAC.

arqueológico do sobrado, bem como garantisse o salvamento da cultura material que viesse a ser encontrada durante as obras. Para isso, foi contratado o Instituto de Memória e Patrimônio (IMP), que realizou o trabalho em parceria com o LEPAARQ.

Histórico do prédio

A casa foi construída no início da década de 1830, provavelmente para abrigar um estabelecimento comercial em seu piso térreo, como se depreende das várias entradas de acesso (Figura 01). Durante a Revolução Farroupilha, em 1836, serviu como quartel, sendo primeiro ocupada pelas tropas legalistas, sob comando do major Manuel Marques de Souza, e, posteriormente, tomada pelos farroupilhas, que sitiaram o prédio, rendendo os imperiais.

Entre o final do séc. XIX e início do XX, o prédio foi utilizado para diversos fins. Sediou as oficinas e redação do *Diário de Pelotas*, que circulou até 1889. Nele se estabeleceu o *Colégio Salvador*. Foi ainda estação de telégrafos, sede da *União Republicana* e quartel de polícia. Serviu de prisão dos maragatos e até mesmo de sede do *Clube Demócrito*, um dos primeiros clubes carnavalescos de Pelotas.

Na década de 1960, instalou-se no prédio um estabelecimento comercial denominado *Casa da Banha*, nome pelo qual a população até hoje o identifica (Figura 01).

Metodologia

O sítio *Casa da Banha*, conforme a terminologia adotada pelo LEPAARQ, com base nos recursos hídricos, denomina-se tecnicamente sítio PSGPe-7 (Lagos dos Patos – Canal São Gonçalo – Arroio Pepino). A intervenção de campo realizada neste sítio consistiu em um acompanhamento sistemático das remoções de

pisos e sedimentos e na abertura de cortes estratigráficos para registrar a formação arqueológica do sítio.

O objetivo, face o potencial arqueológico evidenciado pelo histórico do imóvel, era verificar a ocorrência de vestígios arqueológicos dos diversos períodos de ocupação do prédio, tanto no plano estrutural da edificação quanto nos traços de cultura material, e resgatar assim materiais arqueológicos passíveis de destruição pelo impacto da obra e com potencial para construção de um conhecimento arqueológico do prédio.

A determinação das áreas de intervenção foi realizada em conjunto pelas equipes de arqueologia e arquitetura/engenharia, a partir de um estudo prévio das plantas do prédio e dos projetos complementares. Em vista disso, a equipe de restauração e remodelação do prédio fez alterações nos projetos, visando a diminuir as áreas impactadas, com o intuito de preservar o sítio arqueológico, e adequar o cronograma das obras ao projeto arqueológico. Em vista disso, empregamos os seguintes métodos para sistematizar a área de impacto e facilitar a compreensão do sítio e seu contexto (Figura 02).

Enquadramento da área impactada em uma malha geral:

A primeira etapa do trabalho consistiu no estabelecimento de uma malha de quadriculagem que permitisse localizar todos os pontos de intervenção no sítio. Para isso demarcamos o ponto zero na extremidade sudeste da calçada adjacente, localizado a 1,20m da esquina da casa, a coordenada X a oeste, correspondente à calçada da Praça Cel. Pedro Osório, e a coordenada Y a norte, correspondente à rua Félix da Cunha (Figura 03).

Para facilitar a utilização deste sistema, os pontos da malha foram marcados em frente de todas as aberturas da casa (portas e janelas), possibilitando assim a extensão da malha de quadriculagem para o interior da casa. Assim, a malha possui 13m na linha X e 19.5m na linha Y.

Relatório

Através deste sistema, cada área de intervenção recebeu dois números de identificação, esses números correspondem à distância em metros, a norte e a oeste, respectivamente, da quadricula em relação ao ponto zero. Com isso foi possível enquadrar em uma única planta as áreas de intervenção arqueológica e as áreas impactadas pelas obras.

Estabelecimento de um ponto altimétrico:

Tendo em vista que o sítio PSGPe-7 localiza-se no entorno da Praça Cel. Pedro Osório, e ambos, assim como outras casas construídas ao redor da Praça, estão relacionados a um mesmo período de urbanização (meados do século XIX)⁵, compondo um mesmo cenário e atuando em conjunto na formação do centro histórico, a medição da topografia do sítio PSGPe-7 contou com o mesmo ponto de referência altimétrico do sítio PSGPe-3 – Praça Cel. Pedro Osório.

O objetivo deste método era compreender o processo de aterramento da casa, observando se correspondia ao aterramento da praça, bem como localizar a camada de formação geológica natural do terreno. Este método, além de facilitar o trabalho de intervenção, permitiu uma visão mais ampla da formação estratigráfica dos sítios.

Acompanhamento das obras:

Diante da possibilidade de evidenciar materiais arqueológicos, realizou-se um acompanhamento sistemático de todas as intervenções que demandavam interferência nos pisos, no

⁵ Estabelecimento do 2º loteamento urbano, por volta da década de 30 do século XIX. Terrenos pertencentes a Dona Mariana Eufrásia da Silveira cedidos para a construção da praça central, da Igreja Matriz, do quartel e da cadeia. (MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: UFPel/Mundial, 1993; GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, Charqueadas e Olarias: Um estudo sobre o espaço pelotense*. 2º ed. Pelotas, Ed: Universitária/UFPEL, 2001) A edificação da Casa da Banha data do mesmo período.

pátio e nas calçadas. Foram monitoradas todas as remoções, bem como revisão e peneiramento de todo o sedimento removido.

Escavação:

As áreas que apresentaram maior concentração de materiais arqueológicos foram submetidas a uma escavação controlada, com abertura de quadrículas de 1m², situadas na malha de quadriculagem estabelecida para o sítio. Assim, os materiais foram coletados das quadrículas em níveis artificiais, garantindo o controle da altura em relação à topografia do terreno.

Diagnóstico Das Áreas De Intervenção

Foram realizadas intervenções em 26 áreas, distribuídas em 6 setores do prédio, incluindo o pátio e as calçadas (Figura 04).

Em 19 destas áreas, foi realizado apenas o acompanhamento da retirada de sedimentos. Nas outras 7 áreas, por apresentarem maior potencial arqueológico, foi realizada escavação com controle de níveis artificiais.

Setor 1

O setor 1 corresponde à sala 1 (trincheiras 01.09, 06.19, 10.17) e ao banheiro 1 (11.19), localizados na extremidade leste da casa, à rua Félix da Cunha. O banheiro possui 1,90m x 1,07m de área total, e foi a primeira área a sofrer intervenção. O piso atual de lajotas vermelhas tinha altura de 1,39 m em relação ao ponto zero altimétrico e estava 09 cm mais elevado que o piso da sala (Figura 05).

O trabalho executado neste local consistiu no acompanhamento do rebaixamento do piso em 40 cm até uma altura de 1,90 m em relação ao ponto altimétrico. A estratigrafia revelou uma camada de lajotas, uma camada de contrapiso de concreto e uma de tijolos, seguidas de uma camada de aterro

Relatório

caracterizado por areia grossa, de coloração escura, úmida e com muito cascalho, bastante solta (desagregada). No centro da sala foi aberta uma vala de 50 cm de comprimento por 30 cm de largura para instalação de encanamento. Observou-se a continuidade do aterro por aproximadamente 10 cm. A partir desta altura, começou a aparecer um solo barrento e muito úmido, sendo que a 2,10 m a vala foi completamente coberta por água. A altura final da vala foi 2,28m.

Neste local observamos uma baixa concentração de materiais, sendo estes basicamente ossos, associados a materiais recentes (como encanamentos de PVC).

Dentre os materiais encontrados no local destacam-se as estruturas de encanamento, das quais identificamos tipologias novas e antigas, inclusive coexistindo, como uma manilha de cerâmica ligada a uma tubulação de concreto, que em sua parte interna possuía um cano de PVC. Encontramos ainda uma caixa de pedra com tubo de metal e encanamentos metálicos (Figura 06).

A sala 1, contígua ao banheiro, possui 10m de comprimento por 4m de largura, com 1,47m de altimetria, estando 58 cm acima do nível da calçada. Neste local foram abertas duas valas para encanamento, uma no sentido leste-oeste, com 10m de comprimento, e outra no sentido norte-sul, com 3m de comprimento, ambas com aproximadamente 50 cm de largura. Para sistematizar o trabalho, estas valas foram enquadradas na malha de quadriculagem convencional para o sítio, ficando a vala maior dividida em duas trincheiras, 01.19 e 06.19, e a menor 10.16.

O trabalho desenvolvido neste local foi de acompanhamento da abertura das valas, utilizando-se o método de monitoramento das remoções, revisão e peneiramento do sedimento. Não foi possível realizar o registro estratigráfico da área devido às condições de iluminação e à instabilidade do solo que provocou constantes desmoronamentos do piso (Figura 07).

A sala era revestida com parquê assentado sobre um contrapiso de concreto. Abaixo desse contrapiso encontrou-se uma

camada de tijolos assentados sobre uma camada de aterro com sedimento arenoso, coloração escura, textura desagregada, apresentando em sua composição concentrações de calcário que se caracterizam por aglomerados de conchas em decomposição. Abaixo do aterro encontra-se um solo barrento, com coloração escura, textura fina, homogênea e muito agregada.

A trincheira 01.19 (leste) apresentou baixa densidade de materiais distribuídos de forma dispersa. Os ossos, em maior quantidade, apresentavam-se em péssimo estado de conservação devido à umidade. Os materiais cerâmicos e vítreos apareceram em pequena quantidade e estavam bastante fragmentados. Destacou-se nesta trincheira uma estrutura de tijolos assentados com barro e barrotes de sustentação de um antigo piso de madeira. Os barrotes encontravam-se a aproximadamente 10 cm abaixo da camada de tijolos, em meio ao aterro, em estado de decomposição devido à umidade.

Na extremidade oeste desta trincheira evidenciou-se um alicerce de tijolos, cuja extensão não pode ser medida, pois o piso não foi removido.

Na trincheira 06.19 (oeste) foi evidenciada uma quantidade maior de materiais como ossos, louças, vidros, cerâmicas e metais. A maior densidade é de materiais ósseos, destacando-se uma concentração de ossos associados, encontrados a 56 cm de profundidade (Figura 08) que estavam em estado de desintegração, o que impossibilitou sua identificação no momento da remoção. Na segunda camada resgataram-se fragmentos maiores, tais como cerâmica colonial vidrada, faiança fina inglesa (com selo de fabricante), garrafas de vidro, materiais bélicos (projéteis de pistola), entre outros. Estes materiais também estavam desassociados, o que pode indicar um descarte não intencional ou também o resultado das várias intervenções ocorridas no prédio, que implicaram, ao longo do tempo, em desarticulações de contexto de deposição.

Relatório

A trincheira 10.17 (sul) apresentou uma densidade maior de vestígios arqueológicos (Figura 09) em relação aos outros setores da sala. Encontraram-se fragmentos maiores de materiais como ossos, louças, vidros, metais e cerâmicas, bem como três moedas do século XIX. Com isso, intensificamos o trabalho no local, removendo o sedimento com controle de níveis estratigráficos. A partir de aproximadamente 70 cm de profundidade, houve uma redução da ocorrência de materiais; o sedimento começou a mudar ao alcançar a terceira camada, a qual não apresenta materiais.

Das áreas expostas à intervenção neste setor, nenhuma evidenciou deposições caracterizadas como refugio primário ou secundário, ou seja, os materiais resgatados estão associados ao processo de aterramento. Quanto às estruturas, revelaram-se alguns elementos associados ao processo construtivo da casa.

Setor 2

O setor 2 corresponde ao banheiro 2 (08.15) que possui uma área de 1m de largura por 2.80m de comprimento. Esta área apresenta o mesmo padrão de camadas do banheiro 1, sendo que o primeiro piso estava a uma altura de 1.46m em relação ao ponto altimétrico e 28 cm acima do nível do piso da sala 02.

O trabalho executado neste local consistiu no acompanhamento do rebaixamento do piso. Devido à grande ocorrência de cascalho junto ao aterro, não foi possível peneirar o sedimento removido. O método utilizado foi de monitoramento das remoções e revisão do aterro.

Encontrou-se no local a estrutura do antigo encanamento e uma pequena ocorrência de materiais, entre estes, louças, ossos, vidros e metais bastante fragmentados.

Setor 3

O setor 3 corresponde à sala 3 (trincheiras 10.01, 10.06, 09.07, 09.10, 16.01 e 16.06) que possui 11m de comprimento por

6,5m de largura e era revestida com um piso de parquê que estava a 50 cm acima do nível da calçada.

Nesta sala foi aberta uma vala para encanamento, uma vala de drenagem e duas valas para instalação de pias. Estas valas foram enquadradas na malha de quadriculagem determinada para o sítio, recebendo como denominações as numerações referentes à distância em metros do ponto zero. Foram determinadas 6 áreas de intervenção, denominadas sucessivamente de trincheira 10.01, 10.06, 09.07, 09.10, 16.01 e 16.06.

A metodologia empregada nesta área foi de acompanhamento da abertura das valas com monitoramento de todas as remoções de pisos e aterros (Figura 10), com controle de níveis, e peneiramento de todo o sedimento removido (Figura 11). Neste local também não foi possível fazer desenhos estratigráficos, porém foram registradas todas as variações de composição do sedimento.

A primeira camada de 28 cm era formada pelo parquê e por um contrapiso de concreto. A segunda era formada por duas camadas de tijolos, sendo que na primeira fileira os tijolos estavam encaixados em diagonal e na segunda estavam encaixados de forma linear (Figura 12). Abaixo dos tijolos encontrou-se uma camada de aterro formado por uma areia média com coloração escura.

Na trincheira 10.06 verificou-se uma diferenciação no aterramento, a camada inicial, logo abaixo do contrapiso, é composta por uma areia de coloração clara, abaixo há um estrato de terra preta que evidenciou uma quantidade maior de materiais. Já as demais áreas de intervenção não apresentaram variação na composição do sedimento.

Em relação aos vestígios arqueológicos encontrados nesta área, destacam-se uma moeda resgatada da trincheira 10.01 e um grande fragmento de panela de barro da trincheira 10.06 (Figura 13). A extremidade norte desta trincheira, próximo à parede, evidenciou uma concentração maior de materiais arqueológicos como louças, vidros e ossos.

Setor 4

O setor 4 é formado pelo banheiro 4 (01.07) e pela sala 4 (quadrícula 07.03). O banheiro possuía uma área de 1m de largura por 1.40 m de comprimento, tinha o piso revestido com ladrilho hidráulico e estava a uma altura de 1,40 m em relação ao ponto zero (Figura 14).

O método utilizado foi de monitoramento das remoções e revisão do aterro. Devido à grande ocorrência de cascalho junto ao aterro, pouco sedimento foi peneirado, sem ocorrência de material de relevância arqueológica.

A observação da estratigrafia revelou a existência de 3 camadas. A primeira formada pelos ladrilhos, a segunda pelo contrapiso de concreto e a terceira por areia escura, muito úmida, desagregada, com granulometria média misturada com grandes concentrações de destroços de materiais construtivos (Figura 15).

No local foi encontrada uma pequena estrutura de concreto, com função de 'caixa de espera', ou seja, servindo de conexão da tubulação de escoamento do banheiro e limpeza. Foram encontrados apenas 2 pregos na peneira.

A sala 4 não sofreu intervenção de obras no piso, portanto, determinou-se a abertura de uma quadrícula de 1x1m para verificar seu potencial arqueológico (Figura 16). A quadrícula foi nomeada com o número 07.03. O ponto escolhido localiza-se na direção da porta de acesso sul em frente ao marco da parede oeste.

A escavação foi controlada por níveis artificiais de 10 cm com peneiramento do sedimento retirado. Os materiais encontrados foram coletados a cada nível com registro de altimetria. A profundidade da quadrícula foi de aproximadamente 76 cm.

O trabalho iniciou com a remoção do piso de alvenaria que era formado por uma cobertura de lajotas, uma camada de concreto e contra-piso de tijolos, totalizando 16 cm de altura.

Abaixo do piso iniciava a camada de aterro, a qual foi escavada em 6 níveis artificiais de 10cm.

O primeiro nível era heterogêneo, quase toda a extensão da quadrícula era composta por uma areia escura com raízes, mas apresentava pontos diferenciados, a oeste havia uma camada de areia branca e uma de areia bege (Figura 17) e algumas concentrações de argila no centro. Pouca incidência de materiais, apenas alguns pequenos fragmentos de vidro, principalmente vidraça, e ocorrência de pequenos fragmentos de carvão no perfil sul.

O sedimento do segundo, terceiro e quarto níveis era composto por areia escura com raízes, associado a algumas concentrações de calcário (conchas em decomposição). Verificou-se a presença constante de materiais construtivos (fragmentos de tijolos, telhas e pisos), um fragmento de metal, alguns pequenos fragmentos de vidro (vidraça) e um detrito de plástico. O quinto nível é semelhante aos anteriores, porém a areia é mais úmida. Encontrou-se apenas um prego de metal e uma pequena esfera de pedra (Figura 18). O sexto nível caracteriza-se pela formação geológica natural do terreno, um barro encharcado e estéril.

Setor 5

O setor 5 corresponde à área do pátio. Este setor foi enquadrado na malha de quadriculagem e foram demarcadas 11 áreas de intervenção (quadrantes 13.19, 14.19, 14.18, 15.19, 15.18; quadrículas 16.11, 15.13 e 16.19; trincheira 11.11 e banheiros 14.16 e 11.13). O trabalho neste setor contou com a utilização de ambas as metodologias propostas para este sítio; em algumas áreas realizou-se o acompanhamento das obras; já nas áreas que apresentaram maiores concentrações de materiais arqueológicos foi realizada escavação controlada, com o registro de níveis e altimetria.

No quadrante 13.19 foi realizado o acompanhamento da abertura de uma vala aberta para instalação de encanamentos.

Relatório

Observamos dois tipos de pisos, um de concreto e outro, logo abaixo, de tijolos seguidos por uma camada de aterro. O sedimento foi removido sob monitoramento e foram coletados alguns materiais como vidro, ossos, cerâmica e grés, porém estes estavam associados a materiais plásticos e sintéticos e outros vestígios de lixo.

Na área dos quadrantes 14.19 e 14.18 foram evidenciados um piso de concreto, um piso de tijolos e um canaleta de alvenaria com reboco de cimento para escoamento d'água (Figura 19).

Esta área apresentou alguns materiais como grés, cerâmica, louça, vidro, ossos e uma moeda do século XIX (localizada no quadrante 14.18), mas o sedimento estava agregado a uma grande quantidade de lixo contemporâneo como embalagens plásticas, moedas recentes e materiais sintéticos.

Os quadrantes 15.19 e 15.18 apresentaram várias camadas de piso, os quais, provavelmente, estavam associados às edificações que foram removidas no início da obra.

Nestes quadrantes, o sedimento abaixo dos pisos era heterogêneo, caracterizado por uma areia grossa, escura e úmida, associada em algumas áreas à argila (greda) amarela. Em alguns locais havia tijolos articulados, apontando a possibilidade de ter existido neste local um piso que foi quebrado e soterrado. Ambos os quadrantes foram escavados até o início do 4º nível, onde no quadrante 15.19 foi evidenciada uma estrutura de piso de tijolos irregular (Figura 20), aparentemente incompleta com um buraco de 18 cm de diâmetro na extremidade nordeste do quadrante.

No 3º nível, realizamos uma escavação controlada. No quadrante 15.18, o sedimento era heterogêneo; na parte sul este era uma areia escura associada a uma quantidade maior de materiais construtivos; na parte oeste caracterizava-se por uma greda amarelada; nas partes norte e leste era uma areia grossa e clara.

O quadrante 15.19 também era heterogêneo em alguns pontos. Em quase toda a extensão o sedimento caracterizava-se por

uma areia grossa escura e úmida. Nos pontos diferenciados apresentava coloração mais clara ou marrom e na parte oeste caracterizava-se por uma greda amarelada.

Na área destes quadrantes, foram coletados materiais como grés, louça, vidro, ossos, cerâmica (Figura 21), bem como materiais de construção como telhas e tijolos. Na parte sul do quadrante 15.18, o sedimento estava agregado a uma grande quantidade de lixo contemporâneo, como embalagens plásticas, moedas recentes e materiais sintéticos.

A quadrícula 16.11 foi escava somente até o 3º nível. O primeiro nível caracterizava-se por três camadas: piso de lajotas, contrapiso de concreto e piso de tijolos. O segundo apresentou uma camada inicial coberta por um piso de concreto com coloração verde. Abaixo, um aterro formado por uma areia escura. O terceiro nível ainda apresentava na camada superficial uma areia de coloração escura seguida de areia clara e estéril. Esta quadrícula apresentou uma grande quantidade de materiais no segundo nível e no início do terceiro. Os materiais são vidro, cerâmica, louça e muitos ossos (Figura 22).

A quadrícula 15.13 foi escavada em níveis artificiais a partir da remoção dos pisos sobrepostos até atingir o nível estéril do terreno (Figura 23). No 2º nível foi evidenciada uma estrutura semelhante a um alicerce de parede, localizado bem ao centro da quadrícula, e alguns encanamentos de PVC (Figura 24). Havia baixa densidade de materiais, apenas alguns fragmentos de ossos, vidros e louças.

O 3º nível em toda sua extensão caracterizava-se por uma terra escura, úmida e agregada, com uma concentração maior de materiais, principalmente ossos, mas também fragmentos grandes de louças, vidros, metais, grés e cerâmica. A estrutura de parede não teve continuidade neste nível e foi removida.

A composição do sedimento do 4º nível seguiu o padrão do nível anterior, porém com uma concentração maior de materiais (das mesmas tipologias já citadas) e uma maior densidade de

Relatório

materiais de construção. Na extremidade noroeste da quadrícula evidenciou-se uma concentração de tijolos. Ao final do 4º nível o solo mostrou-se estéril, determinando o encerramento do trabalho.

A quadrícula 16.19 foi aberta entre os quadrantes 15.18 e 15.19 para verificar se havia uma continuidade na ocorrência de materiais e estruturas, priorizando uma área de intervenção menor para obter um melhor controle estratigráfico.

Do primeiro ao quarto nível a composição era heterogênea. O sedimento do lado leste era arenoso com pequenas camadas de coloração variada, enquanto que no lado oeste era uma greda amarelada, muito compactada e com muitos cascotes. Dentre os materiais, apenas alguns pequenos fragmentos de louça, vidro, osso e metal do primeiro ao terceiro nível, após apresentou-se estéril. O quinto nível caracteriza-se por uma camada de barro com muita água.

O banheiro 14.16 corresponde à área onde havia um banheiro que foi demolido no início da obra. Durante a demolição (Figura 25) que ocorria no pátio realizou-se a remoção do piso e do aterro desta área (Figura 26). O sedimento era arenoso com coloração variada até aproximadamente 80 cm de profundidade, após o que iniciava a camada natural do terreno.

Evidenciou-se nesta área a estrutura de esgoto, algumas tubulações de PVC e manilhas de cerâmica. Havia alguns fragmentos dispersos de materiais como louça, vidro, ossos, cerâmica e metais, porém associados a uma grande quantidade de lixo recente.

A área do banheiro 03 (11.13) corresponde à parte interna da torre da caixa d'água. A trincheira 11.11 está localizada em frente à torre. Toda esta área apresentou camadas de aterro arenoso com variações na coloração, com pouca concentração de materiais arqueológicos, estes associados a lixo recente. No banheiro foram evidenciadas estruturas de encanamento e esgoto (Figura 27). Na área externa as estruturas identificadas também estão associadas às tubulações (Figura 28).

Setor 6

O setor 6 é formado pelas calçadas X e Y. A área lateral da casa, junto à Praça Coronel Pedro Osório, foi denominada de calçada X, de acordo com a linha X da malha (Figuras 29 e 30). Neste local foram abertas valas para encanamento e quadrantes para instalação de caixas de esgoto e eletricidade (Figuras 31 e 32).

Foram encontrados apenas alguns pequenos fragmentos de louça e vidro na vala da área externa. Nos quadrantes não se encontrou nenhum material.

A área lateral da casa, junto à Rua Félix da Cunha, foi denominada de calçada Y de acordo com a linha Y da malha (Figuras 32 e 33). Neste local foram abertas 3 quadrículas com área total de 2,5 m², para instalação de caixas de esgoto e eletricidade e 2 valas de 12,60m X 40 cm e 4,80m X 40cm, para encanamento e quadrículas. Em todas as etapas foi realizado o acompanhamento das remoções e revisão do sedimento. Não havia materiais nesta área.

Procedimentos de Laboratório

O material exumado neste trabalho foi encaminhado ao LEPAARQ onde passou por processo de limpeza, catalogação, numeração e acondicionamento, recebendo o número de catálogo 65. O material é bastante diversificado incluindo louças, cerâmicas, vidros, ossos e metais relacionados ao século XIX e uma grande quantidade de material recente, como plásticos e moedas.

Considerações Finais

O trabalho de salvamento arqueológico, desenvolvido na Casa da Banha em síntese mostrou-nos um sítio com perturbações consistentes, no que diz respeito aos processos de deposição/descartes da cultura material.

Relatório

Na área interna do sobrado, onde foram removidos os pisos de quatro das cinco salas do andar térreo, dos três banheiros existentes, e realizadas abertura de poços de sondagens, evidenciou-se um material arqueológico desarticulado do contexto primário. Materiais como ossos, cerâmica utilitária, metais, materiais construtivos, fragmentos de vidro, faiança fina e grés e algumas moedas datadas da segunda metade do século XIX, estavam dispersos em meio a areia, identificada como de aterramento.

A área do pátio, bastante remexida ao longo do tempo, apresentou material arqueológico, como fragmentos de cerâmica de uso doméstico, grés, faiança-fina, vidros, ossos e algumas moedas, sugerindo descarte de contexto primário, se não o todo, parte da ocupação do século XIX. Saliente-se que este material, como referido anteriormente, de contexto perturbado, estava em meio a outros soterrados, claramente decorrentes de um descarte bem mais recente.

Na perspectiva teórica da cidade-sítio, o material exumado do sítio PSGPe 7, nos permitirá, após uma análise mais detida, compreender melhor tanto as ocupações pretéritas do sítio PSGPe 7 – Casa da Banha, como a espacialidade urbana do centro histórico de Pelotas, suas relações sociais, políticas e econômicas, desde o segundo quartel do século XIX.

Figuras



Figura 01: Fachada da Casa da Banha antes da reforma (2007)

Fonte: Acervo do IMP

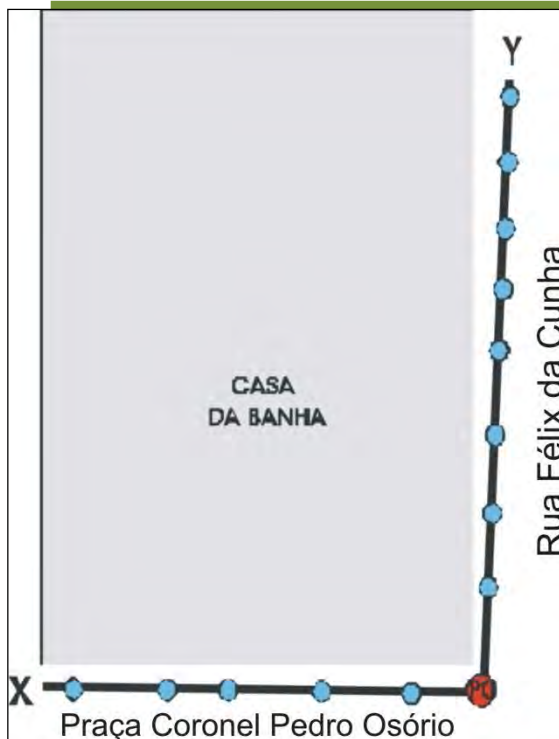


Figura 03: Localização do ponto zero e das linhas X e Y

Fonte: Acervo do IMP



Figura 05: banheiro antes da intervenção

Fonte: Acervo do IMP



Figura 06: estruturas de encanamento

Fonte: Acervo do IMP

**Relatório de Salvamento e Acompanhamento Arqueológico nas Obras de
Restauração da Casa da Banha**

Setor 1	Banheiro	Banheiro 11.19	Setor 5	Pátio	Quadrante 13.19
	Sala 1	Trincheira 06.19			Quadrante 14.19
Trincheira 10.17		Quadrante 14.18			
Trincheira 01.19		Quadrante 15.19			
Setor	Banheiro	Banheiro 08.15			Quadrante 15.18
Setor 3	Sala 3	Trincheira 10.01			Quadrícula 16.11
		Trincheira 10.06			Quadrícula 15.13
		Trincheira 09.07			Quadrícula 16.19
		Trincheira 09.10			Trincheira 11.11
		Trincheira 16.01		Banheiro 14.16	
		Trincheira 16.06	Banheiro 11.13		
Setor 4	Banheiro	Banheiro 01.07	Setor 6	Calçada	Calçada X
	Sala 4	Quadrícula 07.03			Calçada Y

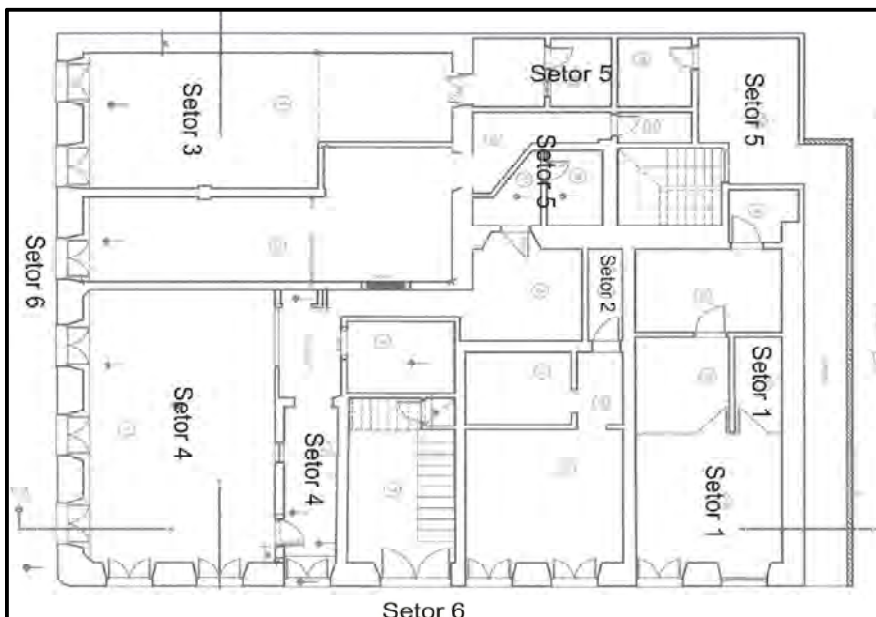


Figura 04: Quadro de localização dos setores **Fonte:** Acervo do IMP



Figura 05: banheiro antes da intervenção
Fonte: Acervo do IMP



Figura 06: estruturas de encanamento
Fonte: Acervo do IMP



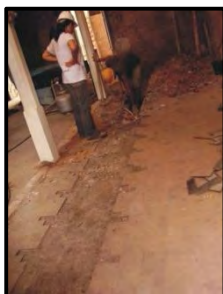
Figura 07: Desmoronamento de piso.
Fonte: Acervo do IMP



Figura 08: Concentração de ossos.
Fonte: Acervo do IMP



Figura 09: Concentração de materiais encontrada na extremidade sul.
Fonte: Acervo do IMP



Figuras10: Monitoramento da remoção dos pisos
Fonte: Acervo do IMP



Figura 11: Peneiramento do sedimento.
Fonte: Acervo do IMP



Figura 12: 1º e 2º camadas do piso de tijolos

Fonte: Acervo do IMP



Figura 13: Painela de barro na trincheira 10.06.

Fonte: Acervo do IMP



Figura 14: Piso do banheiro.

Fonte: Acervo do IMP



Figura 15: Camada de cascoite

Fonte: Acervo do IMP



Figura 16: Escavação da quadrícula 07.03 aberta em frente ao arco.

Fonte: Acervo do IMP



Figura 17: Camadas de areia clara do perfil oeste.

Fonte: Acervo do IMP



Figura 18: Esfera de pedra no quinto nível.

Fonte: Acervo do IMP



Figura 19: Limpeza do canaleta de alvenaria.
Fonte: Acervo do IMP



Figura 20: Estrutura de tijolos evidenciada no 4º nível quadrante 15.19.
Fonte: Acervo do IMP



Figura 21: Cerâmica encontrada no 3º nível do quadrante 15.19.
Fonte: Acervo do IMP



Figura 22: Materiais do segundo nível da quadrícula 16.11
Fonte: Acervo do IMP



Figura 23: Escavação do primeiro nível da quadrícula 15.13
Fonte: Acervo do IMP



Figura 24: Quadrícula 15.13 ao final do primeiro nível.
Fonte: Acervo do IMP



Figura 25: Demolição do banheiro
Fonte: Acervo do IMP



Figura 26: Área do banheiro após remoção do aterro.
Fonte: Acervo do IMP



Figura 27: Acompanhamento em frente à torre;
Fonte: Acervo do IMP



Figura 28: Acompanhamento banheiro 3

Fonte: Acervo do IMP



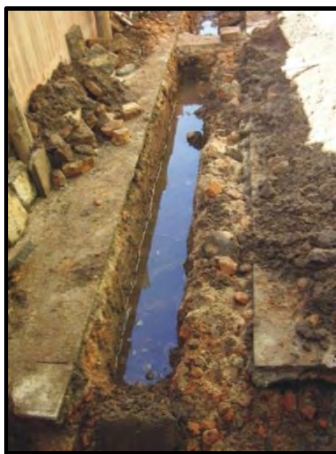
Figuras 29 e 30: Abertura de vala na calçada X.

Fonte: Acervo do IMP



Figuras 31 e 32: Abertura dos quadrantes na área da calçada.

Fonte: Acervo do IMP



Figuras 32 e 33: Abertura da primeira vala na calçada Y.

Fonte: Acervo do IMP

Recebido em: 09/05/2009

Aprovado em: 11/09/2009

Publicado em: 03/11/2009